

A IMPORTÂNCIA DO SISTEMA BRAILLE PARA A AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA DA PESSOA CEGA

Livro organizado pelo Grupo de Pesquisa
sobre o Sistema Braille (GPESBRA) do
Instituto Benjamin Constant

Este livro é uma publicação do Instituto Benjamin Constant
e faz parte da coleção "A Importância do Sistema Braille para a Autonomia e Independência da Pessoa Cega".

Ele é destinado a todas as pessoas interessadas em aprender mais sobre o Sistema Braille e sua importância para a autonomia e independência da pessoa cega.

O livro é organizado em capítulos que abordam a história do Sistema Braille, a importância do Sistema Braille para a autonomia e independência da pessoa cega, e a importância do Sistema Braille para a educação e a formação profissional da pessoa cega.

O livro é uma publicação do Instituto Benjamin Constant e faz parte da coleção "A Importância do Sistema Braille para a Autonomia e Independência da Pessoa Cega".

O livro é destinado a todas as pessoas interessadas em aprender mais sobre o Sistema Braille e sua importância para a autonomia e independência da pessoa cega.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

GOVERNO FEDERAL
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Camilo Santana

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT
Mauro Marcos Farias da Conceição

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO,
PESQUISA E EXTENSÃO
Victor Luiz da Silveira

DIVISÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Rodrigo Agrellos Costa

Copyright © Instituto Benjamin Constant, 2025

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

A responsabilidade pelo conteúdo e pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é dos autores.

Revisão ortográfica e gramatical
Conceição Almeida da Silva

Capa e diagramação
Wanderlei Pinto da Motta

G892 GRUPO DE PESQUISA SOBRE O SISTEMA BRAILLE

A importância do Sistema Braille para a autonomia e independência da pessoa cega [recurso eletrônico] / Raffaella Lupetina... [et al] (org.). – Rio de Janeiro : Instituto Benjamin Constant, 2025.
PDF.; 1 MB.

ISBN: 978-65-88612-57-6

1. Sistema Braille. 2. Sistema de escrita. 3. Linguagem. 4. Pessoa cega. I. Hildebrandt, Ana Cristina Zenun. II. Abreu, Geni Pinto. III. Lima, Aristóteles Menes. IV. Rodrigues, Eline Silva. V. Nascimento, Lindiane Faria do. VI. Vestes, Maria da Penha Tavares das. VII. Livramento, Maria Luzia do. VIII. Moraes, Rachel Maria Campos Menezes de. IX. Duarte, Thiago Ribeiro. X. GPESBRA. XI. Título.

CDD – 411

Ficha Elaborada por Edilmar Alcantara dos S. Junior. CRB/7: 6872

Todos os direitos reservados para
Instituto Benjamin Constant
Av. Pasteur, 350/368 - Urca
CEP: 22290-250 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel.: 55 21 3478-4458
E-mail: dpp@ibc.gov.br

A IMPORTÂNCIA DO SISTEMA BRAILLE PARA A AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA DA PESSOA CEGA

Livro organizado pelo Grupo de Pesquisa
sobre o Sistema Braille (GPESBRA) do
Instituto Benjamin Constant

Este livro é dedicado às pessoas cegas e com deficiência visual, com o objetivo de promover a autonomia e a independência por meio do Sistema Braille.

A importância do Braille para a vida das pessoas cegas é inquestionável, sendo uma ferramenta essencial para a comunicação e o acesso à informação.

O Sistema Braille é uma linguagem tátil que permite a leitura e a escrita por meio de pontos em relevo, facilitando o acesso à educação e ao trabalho.

Este livro apresenta uma abordagem inovadora sobre o Sistema Braille, abordando aspectos históricos, técnicos e práticos de sua utilização.

Acreditamos que este livro será uma valiosa ferramenta para profissionais da área e para as próprias pessoas cegas, contribuindo para a promoção da autonomia e da independência.

O GPESBRA é composto por:

Raffaela Lupetina

Ana Cristina Zenun Hildebrandt

Geni Pinto de Abreu

Aristóteles Meneses Lima

Eline Silva Rodrigues

Lindiane Faria do Nascimento

Maria da Penha Tavares das Vestes

Maria Luzia do Livramento

Rachel Maria Campos Menezes de Moraes

Thiago Ribeiro Duarte

Nota ao Leitor

Este livro está em letra ampliada para ser totalmente acessível às pessoas com baixa visão. Além disso, a letra ampliada contribui para a leitura por pessoas surdocegas que possuem resíduo visual, podendo também beneficiar as pessoas idosas que necessitam de recursos óticos.

Cabe salientar que esta obra não contém imagens e gráficos, o que facilita a sua leitura por pessoas cegas usuárias do leitor de tela (que transforma o texto em voz), assim como favorece a versão impressa no Sistema Braille.

Dessa forma, esta obra, que é inteiramente escrita por autores cegos, configura-se de modo acessível não só para pessoas cegas mas também para pessoas com baixa visão, pessoas surdocegas com resíduo visual, que irão ler através da letra ampliada, pessoas surdocegas com resíduo auditivo, que irão ouvir por meio do leitor de tela, e para os demais interessados na obra.

Prefácio

Louis Braille e seu Sistema

Os grandes feitos da humanidade não devem passar pelo crivo da banalização de meros registros perdidos em meio a referências, datas e eventos pouco ou nada significativos; ao contrário, não são simples lembretes exibidos em calendários de qualidade duvidosa e de relevância nula ou mínima. Precisamos vê-los como marcas de competência, de inventividade, de ebulição intelectual e ideativa. Trata-se de mudanças que alteram o perfil de um tempo e transformam o destino do homem. Tais marcas provocaram rupturas, quebraram velhas e corroídas estruturas bem como paradigmas, estabeleceram uma nova dinâmica, fomentando outros ditames que iriam responder pelo avanço das sociedades. Dessa forma, evita-se o desbotamento e a desvalorização do verdadeiro sentido e representação de sua essência.

Celebremos, portanto, os 200 anos da criação do Sistema Braille!

O ano era 1825. A cidade era Paris, que se via de novo como cenário do desenvolvimento global do indivíduo cego. Anteriormente, em 1784, nesta mesma cidade, por iniciativa do filantropo Valentin Haüy, fundava-se o Instituto Real dos Jovens Cegos, de onde surgiria, efetivamente, as possibilidades da busca pela futura emancipação da pessoa cega.

Em 1819, matriculava-se na pioneira instituição de ensino, o menino Louis Braille. Seria naquele ambiente que vicejaria a inquietude intelectual e o espírito criativo e observador de uma criança brilhante de apenas 10 anos.

Vivamos um momento de análise e reverência. Reflitamos:

Nos longínquos dias do Século XIX, despontava um aparato de ensino que viria para redefinir, corrigir, redimensionar e redirecionar a trajetória do cego, desde épocas imemoriais. Criava-se o Sistema Braille. É hora de reconhecimento e de reafirmação dos valores intrínsecos que emergem desse fato histórico.

O Sistema Braille não se constitui tão somente como um instrumento pedagógico que possibilita a aquisição da escrita e da leitura pelos cegos. Antes, configura um caminho de acesso aos infindáveis saberes que acompanharam e robusteceram o homem em vivências e conhecimentos durante sua extraordinária escalada evolutiva. Pode-se afirmar, portanto, que esse sistema, sem maior complexidade e absolutamente racional, serviu como base para a formulação de diferentes códigos. O ensino da matemática e da música, com sua signografia específica, atesta irrefutavelmente o esmero e a visão profunda do seu criador. Louis Braille concebeu um sistema aberto que, desde o início, demonstrava não ter limites demarcadores, já que propiciaria novas e constantes proposições de usos e empregos. A educação, a cultura, as artes, as ciências e a tecnologia estenderam suas fronteiras até a atualidade. Entende-se, pois, que o braille continuará a oferecer-se como campo de estudos e pesquisas em diversas áreas. Fica patente que ajustes e inovações acontecerão, guardando em si os apelos da contemporaneidade, atendendo às demandas dos seus usuários em todos os níveis do conhecimento.

Há dois séculos um jovem, contando 16 anos de idade, entregava ao cego um aporte pedagógico revolucionário que transformaria o papel social e humano desses indivíduos para sempre. O Sistema Braille surgia, e com ele, inaugurava-se uma nova era. Nasceram outras perspectivas para uma fatia da sociedade que fora eclipsada por longos períodos da história.

Chegava para o cego francês um importante suporte para sua aprendizagem. Uma ferramenta didática cuja valia, no entanto, inicialmente, fora ignorada. O Instituto de Paris estranhamente não reconheceu o grande acontecimento. Todavia, anos mais tarde, independentemente do desejo e dos propósitos dos mandatários da primeira escola para cegos no mundo, aquele Instituto converter-se-ia em polo gerador da magnífica criação que corporificou a simplicidade e a grandeza do caráter humanista do seu idealizador.

Nos anos subsequentes do lançamento de 1825, enfrentaram-se enormes dificuldades para a implantação e a implementação do sistema recém criado. Apesar dos entraves e do desprestígio sofrido, Louis Braille prosseguiu trabalhando no seu invento, ajustando-o, aprimorando-o, sem desistir de sua obra.

Modesto e silencioso, aquele homem legava aos cegos de todas as partes do mundo, um trabalho íntegro e irrepreensível até hoje.

Corria o ano de 1854. Após quase três décadas, o Sistema Braille era oficial e tardiamente reconhecido.

A partir daquele momento, mesmo que seu ideal tenha sido esvaziado por tantos anos, a força de sua criação expandia-se, tomava corpo e avançava, atravessando países e continentes, abrindo espaços de crescimento mundo afora. Porém, Louis Braille não assistiu ao despertar vigoroso da sua criação. Não viu seu projeto de vida tornar-se concreto nas mãos daqueles a quem sua obra viria favorecer o desenvolvimento intelectual.

Em 1852, em 6 de janeiro, aos 43 anos, morria prematuramente Louis Braille. Foram 27 anos de empenho absoluto e trabalho incansável. O arcabouço de sua obra forjou-se na visão do bem comum. Firmou-se na crença da ascensão coletiva.

Embora Louis Braille não tenha vivenciado a expansão do seu Sistema, seu ânimo e sua luta inquebrantáveis jamais foram vãos. Escolas multiplicaram-se; estudantes de muitas

nacionalidades e procedências alimentaram expectativas, traçaram metas, reforçaram esperanças; oportunidades projetaram-se em diferentes esferas. Entretanto, estavam permanentemente vivos em cada contexto – criação e criador – a conduzirem o processo de infinitas descobertas acerca de pessoas cegas, desvendando-lhes os ideais, a imaginação, o intelecto.

O homem e a escrita

O processo civilizatório da humanidade revelou-nos cursos e percursos extremamente complexos e extraordinariamente surpreendentes. Longos e obscuros períodos da história reservam-nos a ideia do vazio, do inexistente. As vastidões imensuráveis e ameaçadoras recobriam-se do mistério das coisas invisíveis, mas que ali estavam, ocultas, prestes a explodirem por toda a parte. A vida pulsava imperceptível. Os elementos da natureza ofereciam-se espantosamente grandiosos e assustadores. Tudo parecia à espera de algo que mobilizasse aquele cenário, ao mesmo tempo, agressivo e mágico por sua existência incompreensível e perturbadora.

Os primeiros seres a integrarem-se àquele universo, desenvolveram-se e amadureceram a partir das próprias experiências impostas pelas vivências cotidianas. O que existia era o ermo. A sobrevivência forjava a necessidade das lutas sem tréguas. Em um ambiente inóspito, hostil e desconhecido, surgia um dos mecanismos psíquicos mais fortes que aflorava naquele homem nascente e que iria acompanhá-lo para sempre: o instinto de autopreservação. Ali somente havia ferocidade, a força descomunal da brutalidade de entes que se faziam bestializados pela ausência da racionalidade e dos sentimentos. A solidão das imensidades e precariedade da comunicação teciam o pano de fundo de uma paisagem áspera onde morte e vida se enredavam. A eliminação de uns significava a sobrevivência de outros. Esses homens primitivos temiam-se mutuamente, porém, o confronto mostrava-se imperativo. Essa aparente coragem, no entanto, vinha do medo que alimentava disputas, cada vez mais violentas e cruéis. Era imprescindível ir adiante.

O tempo, porém, encarregou-se da trajetória evolutiva daqueles seres primários e

daquele mundo enigmático a ser interpretado e conquistado. O processo evolutivo desenvolvia-se.

Bandos nômades rasgavam caminhos, ganhando espaços. Sabe-se que o homem é um ser gregário. Por tal razão, entende-se que esses movimentos iniciais firmaram o aparecimento dos primeiros coletivos humanos. Sendo assim, pode-se considerar tais grupos como embriões das futuras sociedades.

O desenvolvimento da humanização incontestemente do homem atrela-se, sem qualquer negação, ao surgimento efetivo da FALA ARTICULADA. Essa competência eminentemente pertencente ao ser humano faz brotar a linguagem, fonte de geração da comunicação em múltiplas vertentes. Por ela e nela, gesta-se o pensamento irradiador de infinitas possibilidades e funções. O raciocínio com suas infindáveis fabulações, a inesgotável expressão estética e artística, bem como a profundidade do extravasamento da sensibilidade e das emoções plantam os alicerces da palavra que, desde então, sustenta o crescimento real da humanidade em todas as suas manifestações, defrontando-se com desafios e mudanças na

estruturação e tomada de consciência desse homem ante o curso de um tempo e de uma realidade em absoluto movimento de construção.

Até o ano 5000 a.C., o homem valia-se apenas da oralidade para adquirir conhecimento e desenvolver suas potencialidades cognitivas. Transcorria o denominado período ágrafo. Todavia, na região da Mesopotâmia, naquele mesmo ano, eclodiram as ações pioneiras que iriam desembocar na criação da escrita. Tal fato modificaria fundamentalmente o rumo que tomaria a humanidade.

Passo a passo, a escrita concretizava-se. Depois de diferentes estudos e experimentos, dava-se ao homem a chave definitiva de sua ascensão. Desabrochava para ele um novo horizonte. Um dia, chegaria-lhe às mãos os frutos do seu intelecto. Educação, arte, cultura e trabalho atestariam, cabalmente, o nascimento de um novo ser.

A escrita, sem dúvida, converteu-se no ponto de partida para a evolução integral da humanidade. O pensamento racional que dela emanava e que nela encontrava fatores propícios ao alargamento do espírito efervescente

do homem fez abrirem-se outras possibilidades e intermináveis saberes.

O homem engendrava mundos e descobria a infinitude do conhecimento. O imaginário animava-lhe a alma e os talentos. A filosofia, a literatura e as ciências entravam no bojo de suas realizações mais ousadas e relevantes.

O homem vencera o improvável.

No decurso de cada período histórico, redobravam-se as conquistas e apareciam outras realidades. O conceito de evolução, implícito ainda que fosse nas ações exploratórias dos primeiros homens, projetava o olhar perscrutador para a frente. Tudo o que se viu, tudo o que se aprendeu, tudo o que se criou armazenava impulsos realizadores que edificariam o futuro.

A história seguia o fluxo do tempo. A cada idade, a cada época, o homem exibia uma nova feição, e os aglomerados humanos, transformados em grupos sociais diversos, demonstravam características e organização próprias. Diante disso, impõe-se uma questão:

E a pessoa com deficiência, como percebê-la nesse contexto?

Era um tempo afeito para os fortes?

Enclausurados, escravizados, prostituídos, alijados ou mortos, dependendo da sociedade à qual pertenciam, esses indivíduos não podiam pegar em armas nem estar presentes em contendas onde a força bruta era a tônica das ações.

A figura do cego, contudo, a partir de certo momento, passa a ter um tratamento diferenciado e menos brutal.

Já na Idade Antiga, o cego era visto como um ser “especial”, detentor de dons extraordinários como a premunição. Sua capacidade de perceber o que estava fora do seu alcance humano, por faltar-lhe a visão, conferia-lhe poderes que se forjaram no imaginário coletivo.

A Bíblia Sagrada está repleta dessa concepção. São indivíduos que, com seu cajado e sua sabedoria divina, percorriam terras, adivinhando coisas e profetizando acontecimentos. Mitos foram criados e uma aura um tanto santificada acompanhou esse

indivíduo por séculos adiante. Essa marca de santidade tornou-se, tempo afora, um estigma que, em determinados grupos sociais, repercute como algo fantasioso até os nossos dias.

É interessante pontuar, porém, que ao correr da caminhada evolutiva da humanidade, a história registra o talento e a capacidade intelectual de vários cegos em diferentes áreas do conhecimento.

Aquela visão simplista e nada plausível começa a dissipar-se, embora sem grande força, no século XVI. Florescia o antropocentrismo; vivia-se a ebulição do Renascimento.

Juan Luís Vives, humanista belga natural de Brujes, escreveu em 1526, o primeiro tratado de política social – *De Subventionem Pauperum* – que discorria acerca das possibilidades produtivas dos cegos. Vives levantou diversos ofícios que poderiam ser desempenhados por homens e mulheres cegos. O autor sinalizava, em sua obra, que o problema maior não estava na cegueira, mas, no ócio.

Thomas More, Erasmos e outros pensadores acreditavam na potencialidade

intelectual dos cegos, desde que lhes dessem condições desejáveis para desenvolverem seu conhecimento e sua competência laboral. Afirmavam ainda que os cegos necessitavam de pessoas que se dispusessem a ler para eles. Era uma forma indireta de os cegos receberem os fundamentos das muitas variantes do conhecimento.

Em 1546, agora na Itália, sob a concepção de uma carta dirigida a Vicente Armani, publicava-se um livro de autoria desconhecida que abordava, pela primeira vez e sem que se tenha incontestável confirmação, a temática sobre a cegueira e suas consequências. Traduzida para o francês, a obra alcança enorme repercussão, inclusive, bem maior do que na própria Itália.

Poucos anos mais tarde, também na Itália, o padre jesuíta Lana-Terzi publicaria um livro, discutindo o problema a respeito da instrução das pessoas com deficiência visual.

A divulgação desses livros provocou na Itália e, em especial, na França grande interesse pelos cegos, sobretudo, acerca dos aspectos especulativos e filosóficos da cegueira e seus efeitos sobre a aquisição do conhecimento das

coisas, oriundos das sensações e percepções enviadas pelos sentidos remanescentes.

A matéria foi examinada e discutida em várias obras por diferentes filósofos e escritores, como Jean Locke, William Molinet, Etienne Condillac e os enciclopedistas Voltaire e Diderot, autor das famosas “Cartas Sobre os Cegos para Uso dos Videntes”.

As obras dos autores citados, contudo, não atingiram além do âmbito especulativo da questão em pauta.

Coube ao filósofo suíço, Jean Jacques Rousseau, tratar o assunto de maneira incisiva e objetiva. Demonstrou e propôs o enciclopedista a importância de criar-se condições pedagógicas e específicas a fim de que se pudesse suprir, convenientemente, a educação de pessoas cegas. Até então, havia-se trabalhado apenas no campo teórico. Rousseau traria à discussão uma proposta clara de mudança. A aprendizagem do cego exigia que suas necessidades e especificidades educativas fossem atendidas com rigor.

A proposição de Rousseau teve repercussão, tendo como resultado efetivo, a

ação inovadora e revolucionária de Valentin Haüy, criando em 1784, em Paris, a primeira escola para cegos do mundo.

As concepções de Rousseau abriram caminhos por onde o cego pôde trilhar. Descortinaram-se oportunidades. Apontaram-se novos rumos. Principiava uma outra época. O pensamento humanístico de Rousseau possibilitaria ao cego o acesso à educação. A partir dessa nova realidade, avizinhavam-se lutas jamais travadas. Os cegos poderiam, enfim, livrar-se do obscurantismo e do anonimato social em que viveram por extensos e silenciosos períodos históricos, durante os quais a humanidade se firmou e ganhou identidade e solidez.

Somente em 1825, romperam-se as amarras que aprisionavam o cego. Não mais estava ele ancorado nas benesses ou disponibilidades que lhe concediam. Não mais estava ele subjugado a quem poderia instruí-lo ou tirá-lo do ostracismo da ignorância.

Podemos, pois, afirmar que o Sistema Braille trouxe para o cego a independência do pensamento, a autonomia da criatividade, a liberdade intelectual.

Este breve recorte histórico, acreditamos, fez-se necessário para que pudéssemos colocar, no lugar que lhe é devido, a importância da criação do Sistema Braille. São 200 anos tão somente. Entretanto, o significado que abriga em si é invisível muitas vezes, frente à excelência de um instrumento educacional que resgatou uma parcela da sociedade que vivia à margem das conquistas, ameadadas pelo homem durante séculos e séculos.

É imprescindível que Louis Braille e seu Sistema de escrita e de leitura sejam exaltados. Não se trata de uma questão meramente ideológica ou educacional. É um signo de justiça.

Os cegos mostraram-se seres pensantes, produtivos e donos de sensível criatividade. Constatava-se tal desempenho pela ação de um processo educativo que refletia o desenvolvimento de suas potencialidades intelectivas e tendências várias.

Não havia mais benesses nem disponibilização gratuita. Havia a construção de capacidades e de competências afetas ao homem, independentemente das condições que atingissem sua estrutura biopsíquica.

Para reverenciar-se uma data tão representativa, nada mais pertinente e valioso do que a edição de um livro. E foi assim que o Grupo de Pesquisa sobre o Sistema Braille do Instituto Benjamin Constant decidiu marcar a força de um instrumento didático que formatava a identidade de pessoas, bem como a gradual e inesperada ascensão intelectual de indivíduos invisibilizados pela indiferença da sociedade até a criação de Louis Braille.

A obra em comemoração aos 200 anos de lançamento do Sistema Braille será composta por 35 textos, recebidos de usuários do Sistema. É um produto inspirado em sentimentos múltiplos. A importância do braille é proclamada por diferentes vozes e contextos diversos. Vozes eivadas de emoção, reconhecimento, memórias, afetos, talentos.

O livro, consideramos, erguerá um novo pilar no qual se assentará mais um capítulo da história da educação e do crescimento emancipatório do cego brasileiro.

A proposição da equipe não se planta na realização de um simples registro; na referência de uma efeméride. Antes, espelha uma reflexão sobre a escalada vertiginosa desses indivíduos. Fica como ponto de análise o curto espaço de

tempo, 200 anos apenas, em que os cegos alargaram os raios do seu desenvolvimento. Provava-se de maneira incontestada o vigor e a excelência de um código de escrita e de leitura concebido para atender as necessidades e especificidades educativas de estudantes cegos.

As ponderações de Jean Jacques Rousseau estavam, irrefutavelmente, no cerne dessa constatação.

Maria da Gloria de Souza Almeida

Rio de Janeiro, março – 2025

Sumário

Capítulo 1:

Portas abertas. De Carla Maria de Souza **30**

Capítulo 2:

Você já ouviu falar no “Braille”? De Marcelo Nascimento Silva (Marcelo Marsche) **38**

Capítulo 3:

O Sistema de Louis Braille. De João Batista Alvarenga. **44**

Capítulo 4:

Braille-se. De Natália da Cunha Medeiros. **45**

Capítulo 5:

Sistema Braille: um tesouro na minha vida. De Rachel Maria Campos Menezes de Moraes. **50**

Capítulo 6:

Na ponta dos dedos: quatro momentos marcantes na minha vida. De Ricardo Skrebsky Rubenich **62**

Capítulo 7:	
Viver é uma arte. De Luzia Lucia Soares.	67

Capítulo 8:	
A influência do Sistema Braille em minha vida: uma história contada a partir da década de 1980. De Margareth Oliveira Olegário Teixeira.	73

Capítulo 9:	
Reflexão do Braille. De Tarcísio O. Estald.	82

Capítulo 10:	
Os seis pontinhos que abrem o caminho para o saber. Luzia Aparecida Dias Lima.	88

Capítulo 11:	
O Braille na vida do menino crescido no interior. De Lauri Nordélio Altreider	92

Capítulo 12:	
Braille em poesia. De Isabela Castello Nuovo Vespoli.	96

Capítulo 13:
A contribuição do Sistema Braille na formação do deficiente visual. De Adriana Silva Amstalden Camargo. **98**

Capítulo 14:
A importância do Sistema Braille em minha vida. De Marli Schmitt. **107**

Capítulo 15:
A percepção tátil como decifração do mundo: dos grãos de areia aos pontos de Braille. De Joana Belarmino de Sousa. **110**

Capítulo 16:
200 anos do Sistema Braille: de Louis à Luz. De Regina Fátima Caldeira de Oliveira. **122**

Capítulo 17:
Os geniais seis pontinhos: do pessoal ao pedagógico. De Suzi Belarmino. **128**

Capítulo 18:
A história dos pontinhos que mudaram a minha vida. De Natacha Ruback Lacerda. **140**

Capítulo 19:

Sistema Braille: tecnologia futurista com formato do passado. De Cristiana Mello Cerchiari. **149**

Capítulo 20:

A importância da alfabetização em Braille na vida das pessoas cegas. De Maria de Lourdes Brito Silva Ribeiro. **158**

Capítulo 21:

Sistema Braille: a escrita que transforma vidas e garante autonomia. De Luzia Alves da Silva. **168**

Capítulo 22:

O Braille e eu. De Fernanda Oliveira Basilio. **177**

Capítulo 23:

A escrita no alcance das mãos. De Cristiane Carla Wronski. **179**

Capítulo 24:

Sistema Braille: a magia dos seis pontos em relevo. De Teresinha Aparecida Ponciano. **189**

Capítulo 25:
Braille: o toque mágico que abriu as portas para o mundo. Laís Caroline Franken Dutra. **207**

Capítulo 26:
Luz na ponta dos dedos. De Fabrícia Omena. **210**

Capítulo 27:
O Sistema Braille e a minha autonomia. De Edson Pereira do Rosário. **217**

Capítulo 28:
O braille me faz enxergar através dos dedos. De Robson Rodolfo Aguiar Barbosa. **229**

Capítulo 29:
Braille: uma janela para a autonomia e o conhecimento das pessoas cegas. De Sara Henschel. **231**

Capítulo 30:
Braille, a mega premiada da pessoa cega. De Wander Ferreira. **235**

Capítulo 31:	
A importância do Braille e a sua relação com as novas tecnologias. Especial referência a aprendizagem de línguas. De Maria Garcia Garmendia.	237

Capítulo 32:	
Eu e o Braille: passando a vida a limpo. De Ana Cristina Zenum Hildebrandt.	254

Capítulo 33:	
Descobrimos a cegueira. De Geni Pinto de Abreu.	267

Capítulo 34:	
O Braille como instrumento de acessibilidade e inclusão de pessoas cegas. De Vitor Alberto da Silva Marques.	290

Capítulo 35:	
Pela visão dos dedos: o Braille, o sentido e o pertencimento na sociedade. De Luciane Maria Molina Barbosa.	312

Autores	337
----------------	------------

CAPÍTULO 1

Portas abertas

Carla Maria de Souza

Aconteceu o que todo mundo sabia que aconteceria, mas ninguém queria admitir.

Os médicos, em parte cumprindo seu dever de fazer o máximo, em parte dando vazão ao preconceito que está em todos nós, não queriam reconhecer que minha visão não me permitia ler e estudar no sistema convencional.

Há muito tempo, eu já dizia que, quando chegava ao fim da linha, eu não sabia mais o que tinha lido no início, que eu sentia dor de cabeça, dor nos olhos.

Meus pais, vendo que eu não conseguia mesmo ler, que a letra só piorava, liam para mim, apresentavam os textos gravados, querendo enganar-se ou enganados pelo discurso médico que os fazia acreditar que, quando eu me adaptasse aos óculos, por sinal caríssimos, tudo seria diferente.

Houve alguém, no entanto, que percebeu as coisas de uma outra forma. Ela já me acompanhava no apoio dado pela Rede Municipal a alunos com deficiência visual. Aí o termo cabe porque então eu era baixa visão.

Notando a perda gradual de minha visão e sabendo da minha curiosidade pelo aprendizado do Sistema Braille, Tia Yedda, como sempre foi chamada por mim e até por minha irmã que não era aluna dela, propôs que eu comesse a aprender o Sistema com ela.

— Saber não ocupa lugar, e isso vai estimulá-la — disse à minha mãe que comprou a ideia e deixou.

Vale ressaltar que Tia Yedda era vidente, o que mostra que um professor vidente pode sim ensinar e motivar o aluno cego no uso de Sistema Braille se ele acreditar no que está fazendo.

O curioso da situação era que, embora os médicos dissessem que eu era preguiçosa para os treinamentos com as lupas, não havia preguiça na hora do estudo do braille. Eu mesma pegava o material, sem precisar ninguém mandar, sem chateação. Seria porque

ali eu via que estava progredindo? Seria porque eu percebia que aquele era o meu Sistema de leitura e escrita, no qual eu me desenvolvia bem? Com certeza, seria.

Além do braille, Tia Yedda me apresentou também o sorobã, o que me ajudou muito na Matemática. Sorobã raiz, método Moraes, sem nenhuma dificuldade, pois ela dominava tudo muito bem e nunca disse, por exemplo, ao me apresentar a reglete, coisas como: “Tem uma coisa que é um pouco complicada”, referindo-se ao fato de ter de escrever da direita para a esquerda.

Simplesmente, ela havia me mostrado os pontos, inicialmente sem nomear letras, só para eu saber as posições. Depois, pegou a reglete, mostrou-me como colocar o papel e eu concluí o óbvio:

— Vou ter que escrever daqui para lá, se não, não faz o ponto — disse eu meio preocupada.

— Isso mesmo. Viu como você já está pegando o jeito? Para aprender o braille tem que ser esperta — incentivou ela, sem nunca usar a palavra dificuldade. Dizia truque,

detalhe. Acho que isso me ajudou por já ter o sistema convencional na cabeça. Não tivesse eu nenhum, e isso sequer seria uma questão.

Um dia, os próprios médicos tiveram que reconhecer que a luz tinha se apagado. Fim! Acreditem se quiserem, foi libertador. Não digo que não tenha vindo um certo medo de andar na rua, certo pesar por saber que não havia mais nenhuma esperança. Lá no fundo, a gente se divide entre a esperança de melhorar a visão e a certeza de que isso não vai acontecer. Boa parte de mim, contudo, sentiu-se aliviada. Eu sabia exatamente o que devia fazer.

— Todo mundo vai te dizer, por conta do braille, que quando se fecha uma porta se abre uma janela. Não acredite nisso. Fechou-se uma porta e abriu-se outra. Quem entra pela janela é ladrão, é quem está sem chave. Você tem uma senhora chave nas mãos que é o braille. Quantas portas ele tem aberto por aí para professores, advogados, músicos, gente que aprende inglês, francês, estuda informática. Abra portas e não janelas, porque isso vai depender de como você vai colocar o braille na sua vida — Tia Yedda me disse.

Tudo isso nunca saiu da minha vida, e, em minha prática como professora, procurei ser para meus alunos o que essa maravilhosa professora foi para mim: a pessoa que vai mostrar como o braille abre portas. Trabalhei bastante no sentido de garantir o aprendizado do Sistema Braille para alunos que estavam perdendo a visão e nem sempre encontrei, de outros professores, respaldo para isso, o que dificultou a vida de muitos alunos e só trouxe mais estímulo à minha luta para que nosso Sistema não seja considerado um recurso para pacientes terminais.

Funcionou com muita gente, é importante que se diga. Eu não queria que eles vivessem as mesmas dificuldades que eu vivi, mas queria que tivessem o mesmo incentivo que eu tive, aprendendo a ver minha identidade no sistema francês que, ainda hoje, é o que norteia meus estudos.

Uso a tecnologia? Bem, em primeiro lugar, é importante que se lembre que o braille também é tecnologia. Uma análise combinatória que até hoje não encontrou substituição. E sim, uso, sem dúvida, e tenho plena noção do quanto ela favorece a toda a humanidade quando utilizada com sabedoria.

Penso apenas que, em minha trajetória, o braille ocupou sempre o lugar de “meu sistema” de leitura e escrita sem substituição. Já no Mestrado, dominando o uso do computador, comecei a notar que gravar aulas estava atrapalhando minha concentração, pois eu dispersava e depois era uma trabalhadeira para ouvir tudo. Resolvi retomar a boa e velha reglete (a tradicional, escrevendo da direita para a esquerda como aprendi) e passei a usá-la na sala de aula, como tinha feito em meus tempos de faculdade, no curso de inglês, como fazia nas reuniões de trabalho. Glória! A concentração voltou, acompanhei muito melhor as atividades. É claro que, em algumas situações, como em aulas de professores convidados, por exemplo, eu usava a gravação, mas, no geral, o braille trouxe de volta a minha concentração.

Comigo funciona assim e não vejo motivo algum para me envergonhar disso. O braille me garantiu o que todo mundo diz que é minha capacidade de escrever bem, modéstia à parte; trouxe de volta, lá na minha adolescência, minha ortografia e minha capacidade de pontuar bem, adormecidas por nenhuma

condição de ler os textos no sistema convencional e, com ele continuou abrindo portas, trabalhando pela acessibilidade, desejando que os demais cegos façam o mesmo e não vejam no sistema elaborado por outro cego algo menor pelo fato de ser uma construção de um cego.

A simples criação do sistema mostra nossa capacidade. Falta nós mesmos acreditarmos em nós. Falta vermos o braille como uma bandeira, uma concepção política e identitária, que deve nortear nossos passos por tudo o que ele representa.

Quando dispensamos o Sistema Braille, estamos, a meu ver, demonstrando nossa dificuldade em conviver com nossa cegueira que é uma situação, à qual precisamos nos adaptar.

Assumir-se cego é diferente de ser cego. Assumir-se, ainda que a pessoa tenha um pequeníssimo resíduo visual, passa pelo fato de compreender a ajuda, o avanço que o braille pode provocar em nossas vidas, sem qualquer inibição relacionada a seu uso, pois os primeiros que precisam vê-lo como algo normal somos nós mesmos.

Braille é vida continuando, são portas abertas, é valorização do que foi produzido de um cego para outros cegos. Antes do sistema que hoje usamos, muitos outros foram testados e a nenhuma a comunidade cega adequou-se tão bem quanto a este.

Braille nas caixas de remédio é segurança. Braille nos estudos de língua estrangeira é fluência. Braille para lermos em público é inclusão real.

CAPÍTULO 2

Você já ouviu falar no “Braille”?

Marcelo Nascimento Silva

(Marcelo Marsche)

A minha história com o braille começou há muitos anos, mais especificamente há sete anos, quando eu tinha nove anos de idade. Hoje eu tenho dezesseis e vou contá-la para você, meu caro leitor.

Eu lembro-me como se fosse hoje: estávamos eu e o meu melhor amigo, que se chamava “Fortunato”, sentados numa calçada, em frente à casa dele, em um maravilhoso bate-papo. Quando, de repente, andando bem devagarinho, passou um senhor pela rua. Eu não sei qual era a rua. Ele, percebendo que eu poderia ter alguma deficiência nos olhos, veio em nossa direção e perguntou ao meu melhor amigo:

— Ele é cego?

— Sim. — respondeu-lhe meu amigo.

E antes de que eu pudesse pensar em falar alguma coisa, esse senhor perguntou-me, cumprimentando-me com uma de suas mãos:

— Como é o seu nome, amiguinho?

— Marcelo Alessandro Gomes dos Santos.

— Eu respondi a ele, com uma imensa timidez. (Sim, sim, o meu nome já foi: Marcelo Alessandro Gomes dos Santos. Há muito tempo, quando ainda não tínhamos resolvido o meu processo de adoção. Portanto, isso não vem ao caso no momento.)

Continuando: após todos nos cumprimentarmos, o senhor, que se chamava “Joseph”, colocando uma de suas mãos dentro de sua enorme bolsa, pegou uma caixa de remédios, e, entregando-a em minhas mãos, disse-me:

— Marcelo, você já ouviu falar no “braille”?

— *Brownie*? Sim, é muito gostoso! — disse-lhe eu, “encabulado” e pensando: “Meu Deus! Eu não acredito que este velho vai tentar envenenar-me, aqui, na maior cara de pau!”

Enquanto isso, o senhor respondia-me, dizendo:

— Não, *brownie*, não. “braille”. Marcelo, você já ouviu falar no “braille”?

— Não. O que é? — perguntei-lhe, curioso. Ao que ele me respondeu o seguinte:

— O “braille” é um sistema de escrita tátil desenvolvido por um francês, que, no século XIX, criou o que revolucionou o modo de educação para as pessoas com deficiência visual. Recomendo-te pesquisar sobre. — Disse-me o senhor Joseph, pegando a caixa de remédios das minhas mãos e indo embora.

Com toda a certeza, eu digo, sem a menor dúvida: o que ele queria, de fato, era que eu lesse os escritos na caixa, e não me apresentar o “braille”; mas, mesmo assim, eu sou grato a Deus por ele ter aparecido em minha vida. Eu lembro-me bem: o que estava escrito naquela caixa de remédios era “Ibuprofeno”, com algumas medidas e outras informações.

Após esse incidente, a minha mãe chegou à casa do Fortunato para me buscar, nós nos despedimos, e eu fui para a minha casa com ela: Josiana Nascimento Silva, pessoa que amo com todas as forças do meu coração.

Ao chegar em casa, peguei o meu *tablet*, o qual eu tinha ganhado da minha mãe e aprendido a usar sozinho, pesquisei sobre o “braille” e o que apareceu-me foi o seguinte: “O braille foi criado por Louis Braille, um francês que perdeu a visão ainda criança. Ele desenvolveu o Sistema no século XIX.”

O que não é bem o correto; já que o “braille” foi adaptado por Louis Braille, e não desenvolvido totalmente por ele. Após mais alguns tempos pesquisando sobre o “braille”, cheguei às videoaulas do YouTube, onde aprendi, sozinho, a como escrever e ler em braille.

Primeiramente, eu conferi os vídeos sobre a história do “braille” e de seus criadores e envolvidos com o Sistema. Depois, eu comecei a conferir os vídeos que ensinavam como escrever em “braille”. Entendi a função, a logística e, superficialmente, a importância desse sistema em menos de um mês. E, por fim, comecei a aprender a ler em “braille”.

Após notarem que eu já “sabia” “braille”, eu ganhei dos meus pais o meu primeiro livro impresso em “braille”: “Chapeuzinho Vermelho”, o qual, por mais incrível que pareça, fora impresso pelo Instituto Benjamin Constant.

Após esse momento inicial, em que eu aprendi a ler e escrever sozinho, tive uma pequena chance de estudar “braille” com uma professora que lecionava em uma escola próxima à minha casa. Porém, por algum motivo, ela não pode mais dar aulas, e eu voltei a aprender sozinho em casa.

Em seguida, minha mãe encontrou uma nova escola onde eu pude ter acesso a uma “educação especial”. Tratava-se da escola João Botelho de Souza. Lá eu tinha aulas de “braille” e de outras coisas relacionadas ou correlacionadas à minha deficiência visual com a professora Marli Amorim, uma das melhores professoras que já tive em toda a minha vida, a quem agradeço por tudo o que sei hoje.

Lá nessa escola, com a professora Marli, eu aprimorei a minha leitura e escrita “braille”, além de ter aprendido mais um bocado de outras coisas, tantas que nem posso mencionar neste texto para não o tornar muito grande, ou até infinito. Muitas e várias coisas aconteceram ao longo do meu aprendizado e experiência com o “braille”, mas eu não irei contá-las todas aqui neste espaço.

Apenas cabe destacar neste ponto o valor do “braille” para mim: O “braille” para mim é algo que liberta, que permite-me expressar meus sentimentos em escrito, que me faz querer viver para escrever e viver após o que escrever.

Você deve estar lendo este texto e pensando: Por que este maluco coloca “braille” entre aspas toda vez que o menciona no texto? E aqui vai a resposta: na Língua Portuguesa brasileira, as aspas são usadas para destacar palavras, mencionar títulos de livros, músicas, filmes etc. E uma das regras gramaticais que estão entre várias no meio de tantos etecéteras é que, as aspas podem ser usadas para indicar palavras que têm um significado único para certo grupo, indivíduo e/ou região.

E, para mim, o “braille” tem um significado indistinguível: liberdade, autonomia, chances. São tantos significados, que eu não me arrisquei a deixá-lo com o seu significado geral.

Muito obrigado pela sua compreensão, meu caro leitor.

Com carinho: Marcelo Nascimento Silva/
Marcelo Marsche, o melhor dos piores paraenses em Língua Portuguesa.

CAPÍTULO 3

O Sistema de Louis Braille

João Batista Alvarenga

Luz da inteligência ativa,
Olhos da instrução.
União lógica e objetiva,
Impressão viva,
Simples e genial combinação.

Base de pontos em sequências,
Rica representação.
A mão sobre as Ciências,
Instrumento de inclusão.
Letras e símbolos pensados com amor!
Louvo eu a sua existência,
E exalto o nome do seu Criador.

CAPÍTULO 4

Braille-se

Natália da Cunha Medeiros

O Sistema de leitura e escrita de pessoas com deficiência visual, por mais antigo que seja, ainda é fruto de muitas dúvidas e questionamentos. Há quem insista na teoria de que é idioma, um modo específico de quem não enxerga se comunicar. Essa crença nos segrega, e dispensa todo um trabalho coletivo de precisar aprender, distribuir ou fazer com que o braille esteja simplesmente ali, disponível. Ou talvez o braille seja considerado por alguns como uma ideia simplória, que pode ser aprendido por meio de qualquer método, o que também nos retira o mérito, a complexidade e a estética do belo de termos sob nossas mãos palavras cheias de vida.

Incrível a percepção de que, depois de dois séculos, o Sistema Braille resiste único e

soberano como forma de ler e escrever para pessoas com deficiência visual no mundo inteiro. Apesar das tecnologias, ele é um sistema capaz de acompanhar a contemporaneidade, sem perder seu valor. A primeira compreensão que tive de como se lia e escrevia deu-se através do Sistema Braille. Eu era igual a todos, pertencia a um lugar: era natural, genuíno. A letra cursiva era só um outro tipo de letra. Eu nem sabia, mas estava começando a construção da minha autonomia. Escrever era um desabafo, uma maneira de me organizar, exteriorizar lutos, expulsar monstros, encontrar uma identidade, o que se reflete até hoje.

Enquanto escrevo texto, posso sentir as celas sendo preenchidas e apagadas, sinto cada linha que termina e ouço todos os sons característicos. Talvez seja a sensação de uma viagem, uma imersão em uma época em que era mais usual escrever assim. Já a leitura era como me libertar, entender tudo o que eu não conseguia que me descrevessem com exatidão; era como me transportar para cenários e conhecer pessoas e culturas tão imensas diante de um imaginário tão pobre.

Ao longo da trajetória acadêmica, senti o braille como a esvanecer-se, como se precisasse se esconder, como se fosse desinteressante. A magia de ler, no entanto, mantinha-se intacta. De extratos bancários a enciclopédias, o que chegasse era consumido. Uma necessidade do corpo, uma alegria primitiva do braille estar ali. O sentimento de abrir e folhear livros, deslizar os dedos pelas linhas, compreendendo contextos, viajando por lugares era indescritível. Desenvolver ideias e aprender a me expressar fazia-se cada vez mais urgente.

Foi a partir daí que comecei a me politizar, a perceber qual era meu espaço e papel na sociedade. Logo tomei conhecimento, também, de que sem o braille na escola, nos restaurantes, na literatura, eu pouco seria. E pouco fui durante o tempo em que os pontinhos estiveram escassos.

Foi com esse sistema que encantei, na escola regular, muitos colegas de turma. Foi para eles que ensinei o básico para trocarmos bilhetes. E foi por ele que recebi cartinhas carinhosas da família e de amigos. O braille nos inclui, de alguma forma, e inclui outras pessoas, na possibilidade de estarmos atuantes

socialmente. Estamos o tempo todo conectados, interligados, em uma coletividade dinâmica, mutável. Em um mundo ideal, todos podem saber, beneficiar-se e usufruir do braille, conforme a multiplicidade de modos com que ele se apresenta. Ele não está tão somente nas laudas amareladas e desgastadas pelo tempo. Está também caminhando com a tecnologia.

Quanto mais sabemos, mais podemos partilhar, mais nos tornamos o que essencialmente esquecem que somos: pessoas. Com o braille em nossas mãos, não são vozes sintetizadas ou humanas nos trazendo as informações, somos nós, nossos ritmos, nossa cadência de ler e interpretar, nosso estilo de escrita, de comunicar. Nossos corpos pulsantes, intensos, participantes do processo de ler.

A desbraillização, fenômeno atualmente tão banalizado, coloca a pessoa cega em maior vulnerabilidade. Insegurança esta que a tecnologia não tem o poder de suprir, ou mesmo minimizar. Pessoas braillizadas podem exigir direitos e desbravar espaços. Importa frisar que com o braille nas pontas dos dedos, tornamo-nos mais consumidores e protagonizamos mais enquanto seres sociais.

Uma saudação especial e respeitosa aos nossos antepassados que estruturaram e disseminaram o braille, que trouxeram vida, voz, poder e independência para as pessoas cegas, em todas as idades. Suas representatividades reverberam até os dias de hoje, essa ancestralidade segue nos orientando os passos e nos impelindo a resistir, para que o braille sempre seja a nossa escrita, para que seja de fácil acesso e que possa estar nas mãos de toda criança.

CAPÍTULO 5

Sistema Braille: um tesouro na minha vida

Rachel Maria Campos Menezes de Moraes

É com imensa alegria e igual sentimento de gratidão que escrevo este texto sobre a importância do Sistema Braille, trazendo exemplos vivenciados em minha vida e em minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Para começar expresso minha gratidão a Deus, que me permite viver, com alegria e resiliência, as experiências pelas quais passo; gratidão a Louis Braille que criou, ainda um adolescente, aos dezesseis anos, em 1825, um sistema de escrita e leitura em relevo revolucionário que, até nossos dias, modifica a trajetória de tantas pessoas cegas; gratidão a meus pais, que fizeram tudo o que estava ao seu alcance para que eu tivesse a melhor educação possível, proporcionando-me momentos maravilhosos de lazer, incluindo os que envolveram o Sistema Braille; gratidão aos

meus professores do Instituto Benjamin Constant, que me ensinaram, com tanta dedicação, profissionalismo e carinho, esse sistema maravilhoso de escrita.

Eu nasci prematura de cinco meses e meio e permaneci por volta de quatro meses em uma UTI neonatal, o que ocasionou a perda total da visão (cegueira), que ocorreu por fibroplasia retrolental (atualmente conhecida como retinopatia da prematuridade). Por causa da cegueira, meus pais procuraram uma escola especializada para me ofertarem a melhor educação possível e encontraram o Instituto Benjamin Constant (IBC), instituição na qual ingressei como aluna aos três anos e meio de idade na Estimulação Precoce (atual Educação Precoce) e cursei até a antiga oitava série do Primário (atual nono ano do Ensino Fundamental).

Não lembro ao certo quando ouvi a palavra “braille” pela primeira vez, mas creio que tenha sido durante o Jardim de Infância (atual Educação Infantil). No último ano de Jardim, como soubesse que, pouco tempo depois, seria alfabetizada no Sistema Braille, fazia atividades preparatórias para esse fim.

Nesse período, realizei atividades com diversos tipos de papel que auxiliavam no desenvolvimento do tato e da musculatura dos dedos e das mãos, além de atividades de colagem, que auxiliavam no desenvolvimento da noção espacial (direcionalidade) e da coordenação motora fina, principalmente com o movimento de pinça, muito utilizado no Sistema Braille.

Fazíamos também exercícios com diferentes texturas, utilizando materiais diversos, como lixas, algodão, espuma etc. para o desenvolvimento do tato. Mais relacionado diretamente ao aprendizado do Sistema Braille fazíamos atividades como as de perfurar papel braille, primeiramente com o papel sobre um pedaço de espuma, depois com o mesmo tipo de papel sobre um pedaço de isopor e, em seguida, aquela em que esticávamos um pedaço de papel sobre um bastidor, deixando-o bem esticado, preso entre os dois círculos. Dessa forma, era possível treinarmos o movimento de furar o papel utilizado na escrita manual do braille, sem rasgar, com o auxílio de reglete e de punção.

No exercício, o movimento de perfuração era treinado de forma ampliada, fazendo com que desenvolvêssemos a coordenação motora fina e a orientação espacial, já que devíamos perfurar somente o papel dentro do círculo formado pelos dois bastidores ou aquele colocado sobre a espuma ou o isopor. Esse é um dos exercícios de pré-escrita bastante utilizado.

Fazíamos ainda, além do exercício de pré-escrita, outros com reglete e punção para sentirmos como era a escrita braille em si, fazendo pontos e letras no Sistema Braille, assim como linhas com determinada letra. Além desses, havia também os exercícios de escrever letras e palavras simples na máquina Perkins para sentirmos como era a máquina de datilografia braille; o de encontrar palavras iguais em determinada lista, ou o inverso, segundo as orientações da professora, procurando a palavra diferente em determinada lista.

Vale lembrar que, como não sabia escrever, efetivamente, diversas vezes o resultado da escrita era incompreensível. Usávamos, nessa época, como livro de pré-

leitura o caderno de atividades “Dedinho Sabido”, de autoria de Luzia Villela Pedras, ex-professora aposentada do Instituto Benjamin Constant, atualmente já falecida. Desse período de alfabetização no Sistema Braille, guardo muitas recordações sobre os exercícios realizados e as experiências vividas.

Devido a um problema de falta de coordenação motora e dificuldade de identificação de lateralidade (não distinguia direita e esquerda), esse processo foi um pouco dificultado, mas, com as adaptações necessárias, carinho, atenção, sensibilidade e profissionalismo de minha professora-alfabetizadora, consegui concluí-lo com sucesso. Entretanto, apesar de todos esses desafios e dificuldades relatados, fui devidamente alfabetizada no Sistema Braille e hoje, como professora no IBC, a mesma instituição na qual me alfabetizei, dedico-me a proporcionar aos meus alunos as mesmas experiências que vivenciei, na esperança de que, assim como foi comigo, também seja uma experiência importante na vida deles.

Como desde muito pequena gostava de ouvir histórias (lidas por outras pessoas, já que

na época não sabia ler), logo que aprendi a ler de forma mais autônoma, comecei a procurar meus livrinhos, sempre pedindo materiais para ler na Divisão de Imprensa Braille do IBC, pegando livros emprestados no setor braille da Biblioteca Celso Kelly, atual Biblioteca Parque Estadual, e, um pouco mais tarde, no setor braille da biblioteca Louis Braille do IBC e na biblioteca da Sociedade Pró-Livro-Espírita em Braille (SPLEB).

Lembro-me com carinho de Shelyda, minha grande amiga, atualmente revisora de textos braille no IBC, quando, juntas íamos à Divisão de Imprensa Braille, durante o Ensino Fundamental, à procura primeiramente das revistas “Pontinhos” e, mais tarde, da Revista Brasileira para Cegos (RBC), ambas publicadas pelo setor até os dias atuais. A leitura constitui, até hoje, para mim, uma enorme fonte de alegrias e diversão, principalmente a leitura em braille.

Ainda a respeito da leitura recreativa no Sistema Braille e da importância desse tipo de leitura em minha vida, merece destaque o projeto maravilhoso e pioneiro do Clube do Livro em Braille (CLB), idealizado no ano de 2024.

Como informado na carta de apresentação do projeto, o CLB “surgiu em uma conversa entre dois membros da equipe de transcrição e revisão braille da DIB sobre a possibilidade de criar um clube de leitura em braille”, com o objetivo de “incentivar a pessoa cega a ler, recebendo, de forma gratuita, livros de variados gêneros para ampliar conhecimento e auxiliar no entretenimento”.

A ideia é a de que o projeto funcione como um espaço que possibilite conversas e trocas sobre as obras escolhidas no clube, ajude a formar o hábito de leitura e dê a oportunidade de conhecer novos livros. As pessoas interessadas em ser sócias podem preencher um formulário e enviar para o clube. A partir de então, passamos a receber, em casa, trimestralmente, dois livros: um que nós mesmos podemos escolher de acordo com o catálogo enviado no *WhatsApp* e outro, que é escolhido pelos sócios em uma enquete no grupo do *WhatsApp*.

A cada três meses é realizado um encontro para debates e discussões, de modo que todos os membros consigam ler o livro escolhido de maneira confortável. Essas rodas de conversa

ocorrem *on-line* e são agendadas com antecedência. Essa iniciativa apresenta-se como fundamental nesse universo de leitura em braille, visto que possibilitará às pessoas cegas mais uma atividade não só de letramento, mas também de entretenimento.

O aprendizado do Sistema Braille e a realização de diferentes atividades que fomentam o desenvolvimento da leitura e escrita ajudam-nos a ser autônomos e independentes em muitas situações cotidianas. No meu caso, o Sistema Braille teve um papel essencial em muitos aspectos: na trajetória acadêmica, na leitura de livros desde o Ensino Fundamental, na escrita de trabalhos, provas, palestras etc., permitindo-me, nesse campo, muita independência e autonomia.

Na minha adolescência, por exemplo, eu podia identificar meus objetos pessoais sem dificuldades, pois eram etiquetados em braille. Minha mãe, que sempre procurou me garantir o máximo de autonomia possível em relação às minhas coisas, identificava meus objetos com fita Dínamo (utilizada em rotuladora). Desse modo, eu identificava minhas fitas K7 (desde que eu era pequena) e, posteriormente

meus CDs, todos etiquetados com nome de cantor e nome do CD ou do K7 escritos em braille. Para garantir o sucesso da identificação, fazíamos alguns combinados, por exemplo, como faríamos se o nome fosse grande demais e não coubesse no K7 ou no CD. Todo esse processo do qual eu fazia parte era muito gratificante para mim, pois me permitia muita autonomia para identificar coisas, escolher a fita K7 ou o CD que iria escutar etc., de forma independente desde muito cedo.

Atualmente, há muitos produtos comercializados que já vêm identificados em braille, tais como produtos de farmácia e cosméticos (xampus, sabonetes, hidratantes corporais e para mãos, desodorantes etc.) e remédios. A identificação desses produtos no Sistema Braille permite que tenhamos muito mais autonomia e independência na hora de escolher, comprar e utilizar cosméticos ou quando precisamos fazer uso de medicamentos. Há alguns anos, quando ainda não havia essa identificação no Sistema Braille, dependíamos de alguém que enxergasse para conferir se estávamos tomando o medicamento correto ou dependíamos de formas de memorizar alguma

característica da embalagem do medicamento que precisássemos utilizar, de modo que o diferenciássemos dos demais.

Algumas marcas comerciais têm investido na identificação de produtos como pó de café, utensílios domésticos, filtros de papel para café, papel alumínio, produtos alimentícios, alguns tipos de congelados, produtos de panificação, produtos de limpeza etc., o que também auxilia a pessoa cega a ter autonomia, pois permite que ela identifique facilmente os produtos, sem necessidade de perguntar a alguém que enxergue.

Outro benefício contemporâneo do Sistema Braille que cabe destacar é a localização espacial em locais públicos, como em estações de metrô e em alguns pontos de ônibus, através de maquetes táteis com braille, e inscrições no início e no final de escadas rolantes das estações de metrô e letras iniciais que auxiliam em ônibus.

Em alguns estados brasileiros, várias cidades estão implementando leis municipais que instituem a obrigatoriedade da sinalização braille em elevadores, como é o caso da Lei Complementar nº 259/2022 do Rio de Janeiro,

que dispõe sobre a instalação de sinalização tátil e sonora nos elevadores de uso público, de uso coletivo e uso privado multifamiliar situados no Município. De acordo com a referida Lei, a obrigatoriedade compreende sinalização sonora externa e interna específica de voz e sinalização tátil em braille junto às botoeiras externas e internas do elevador. Como pessoa cega, já tive a oportunidade de encontrar alguns elevadores, principalmente os comerciais, com identificação em braille nos botões internos, o que faz com que eu possa me dirigir ao andar desejado com autonomia.

No âmbito recreativo, merece destaque a adaptação de jogos de cartas, como Uno e outros, permitindo que pessoas cegas possam jogar com aquelas que enxergam, tendo as mesmas oportunidades das demais. A adaptação de jogos possibilita momentos de descontração e alegria, além de aprendizagem e socialização, tanto em famílias em que um de seus membros é cego, quanto em escolas, sejam elas especializadas ou regulares.

Conforme demonstrei com minhas experiências pessoais e minhas memórias ao longo deste texto, o Sistema Braille é

fundamental para a independência e autonomia da pessoa cega. Mesmo que com o avanço tecnológico hoje tenhamos a nossa disposição todo um aparato de tecnologias assistivas (TA) que auxiliam as pessoas cegas e com baixa visão, elas não podem substituir todos os benefícios que o letramento em braille nos proporciona.

CAPÍTULO 6

Na ponta dos dedos: quatro momentos marcantes na minha vida

Ricardo Skrebsky Rubenich

Enxerguei normalmente até os oito anos, e com essa idade fiquei cego. No mesmo ano aprendi o braille. Não foi difícil. Com essa idade, já era alfabetizado, então foi só questão de decorar as combinações que formavam cada letra, coisa de dois meses, o que me permitiu retomar a escola rapidamente.

Estudei assim, através do braille, da terceira até a oitava série, quando meu pai comprou para mim um *notebook*, e aí eu comecei a estudar através desse computador, utilizando leitores de tela, DOSVOX e materiais digitalizados, o que removia parte dos inconvenientes do braille, como a necessidade de transcrição, o barulho da máquina Perkins, o alto valor e volume dos materiais.

Confesso que já fui um dos deslumbrados, que vaticinou o fim do braille, a sua superação pelos livros digitais, o seu esquecimento como uma tecnologia do passado, mas hoje entendo a sua importância na minha vida e de muitas outras pessoas cegas e tenho consciência que ele pode conviver com a tecnologia digital.

Usufruo do braille ao localizar rapidamente um remédio ou um botão de elevador e sinto-me contemplado quando um evento, um museu ou uma empresa confeccionam algum material em braille. Por mais que, às vezes, a tecnologia digital seja mais ágil, o fato de haver um esforço de imprimir um material em braille demonstra que a sociedade se lembra de nós, pessoas cegas, como pessoas que merecem respeito, que consomem, que têm sede de conhecimento. É raro nos sentirmos incluídos assim, e fico feliz quando o braille é essa ferramenta de inclusão.

A seguir vou contar quatro historinhas que demonstram como o braille impactou em momentos-chave da minha vida.

1. Quando fui buscar minha primeira cão-guia nos Estados Unidos, aproveitei que o custo de uma linha braille lá era menor e adquiri a minha. Esse dispositivo transforma em braille

o conteúdo da tela do computador ou do celular, através de pontinhos que se levantam conforme cada letra vai aparecendo. Aquele foi um momento mágico para mim, porque eu estava realizando o meu sonho de ter um cão-guia e, ao mesmo tempo, tive o privilégio de comprar minha linha braille. Foi a partir daí que pude aprimorar meu inglês, porque a habilidade de leitura só pode ser treinada assim, lendo, coisa que um leitor de telas não supre totalmente. Esse contato direto com as palavras, para nós cegos, dá-se através do tato, e até hoje só o braille pode suprir essa demanda.

2. Quando comecei a utilizar *smartphones touchscreens*, tinha muita dificuldade de escrever meus textos e recados. Na época, ainda não havia a opção de ditado, que é quando você fala e o sistema transforma em texto; então fiquei muito feliz quando a Apple implementou a opção de escrever em braille na tela do celular. Aquilo me causou muito impacto na época. Foi aí que percebi como o braille e a tecnologia moderna podiam-se complementar tão bem, e foi esse fato que me fez superar aquela ideia de que o braille estava fadado ao esquecimento. Até hoje, mesmo havendo formas mais eficientes de escrever no

celular, como o mencionado ditado, ainda utilizo o braille via tela quando o ambiente é barulhento ou quando não quero que as pessoas ao redor saibam o que estou escrevendo.

3. Anos antes desses dois fatos anteriores, uma prima querida compartilhou comigo o quanto ela achava bonito os tempos em que as pessoas trocavam cartas. Não lembro como a ideia surgiu, mas passamos a nos corresponder – em braille, é claro. Marcou-me como um sinal de carinho o fato de ela ter aprendido braille para se comunicar exclusivamente comigo, afinal, não creio que houvesse outros cegos em sua convivência. É um exemplo daquela sensação que eu falei anteriormente, de como o braille é uma expressão tão particular de nós, pessoas cegas, tão identificadora da nossa singularidade perante as pessoas que enxergam, e como pode ser gratificante quando nos incluem através do braille.

4. Em outubro de 2024, minha esposa pediu para eu buscar em outro cômodo um remédio para ela. Eu estava cansado depois de um dia de trabalho, mas busquei a nossa caixa de remédios e a alcancei. Ela pegou um dos remédios de dentro da caixa e me entregou, pedindo para eu ler para ela que remédio era.

Não fazia nenhum sentido, porque minha esposa enxerga, então ela mesma poderia ver de que remédio se tratava, mesmo assim eu li. Na parte lateral da caixa de remédios, bem na aba que a gente puxa para abrir, estava escrito, em um braille de pontos meio estourados, a palavra “pai”. A princípio, eu não entendi, mas quando abri a caixa e percebi que era um teste de gravidez, entendi tudo. Ela não sabe o braille, mas pesquisou no Google e fez aquela delicadeza com a ponta de uma caneta. E foi assim, com aquela palavra escrita no improvisado, EM BRAILLE, que eu descobri que iria ser PAI.

Tenho entrado em contato com o mundo de muitas formas – ouvidos, nariz, boca, e através dos meus dedos. O braille tem-me acompanhado nesses últimos 22 anos, seja quando eu frequentava a biblioteca braille de minha cidade para tomar alguns livros emprestados e me divertir nas noites de insônia, seja hoje, com menos frequência do que eu gostaria, para ler um livro em outro idioma na minha linha braille. Essa é a minha homenagem ao sistema que há 200 anos vem nos trazendo autonomia, conhecimento, e tantas, tantas alegrias.

CAPÍTULO 7

Viver é uma arte

Luzia Lucia Soares

Meu nome é Luzia Lucia Soares, nasci em Campo Belo, Minas Gerais, no dia 11 de maio de 1980. Sou cega de nascença devido a um glaucoma congênito. Desde cedo, enfrentei desafios, especialmente porque minha cidade não tinha recursos para atender às necessidades de pessoas com deficiência visual. Minha história com o braille começa quando fui matriculada no Instituto de Cegos Padre Chico, em São Paulo, para aprender a ler e escrever nesse sistema. O braille não apenas me alfabetizou, mas também se tornou uma ferramenta que mudou completamente minha vida. Ele me deu autonomia, abriu portas para a educação, a música e a espiritualidade. Além disso, possibilitou-me aprender novos idiomas e, até mesmo, a ler partituras musicais. Neste texto, compartilho como o braille impactou profundamente minha trajetória e como ele

continua sendo essencial para minha independência.

Primeiros passos com o braille

Minha introdução ao braille aconteceu durante meus anos no Instituto Padre Chico. No início, enfrentei dificuldades para entender o funcionamento da reglete, um instrumento que usamos para escrever no Sistema Braille. O processo de escrever de um lado e ler do outro parecia complexo demais. Passei três anos no período preparatório, de 1986 a 1988, antes de finalmente assimilar o Sistema na primeira série. Foi então que nasceu meu amor pela leitura. Eu passava horas na biblioteca da escola explorando livros infantis, histórias de aventura e aqueles que tinham gravuras em relevo. Essa descoberta foi um marco em minha vida, pois o braille me conectou com o mundo da imaginação e do aprendizado. Além disso, o sistema me proporcionou a oportunidade de aprender inglês e espanhol. Com o auxílio do braille, memorizei vocabulários e regras gramaticais que me permitiram explorar diferentes culturas e idiomas, ampliando ainda mais meu universo de possibilidades.

A importância do braille na espiritualidade

Um dos momentos mais marcantes da minha vida aconteceu em dezembro de 1991. Como cristã, sempre tive o desejo de ler a Bíblia em braille. Na época, o Novo Testamento ainda não estava disponível no Brasil. Foi graças à generosidade de um dirigente da minha igreja que recebi um exemplar vindo de Portugal. Mais tarde, com o trabalho da Sociedade Bíblica do Brasil, consegui ler a Bíblia completa. Lembro-me da empolgação ao receber os volumes que formavam a Bíblia inteira. Eu passava horas lendo, muitas vezes até tarde da noite. Isso rendia momentos engraçados, pois minha mãe, sem perceber a situação, avisava: “Vou apagar a luz para você dormir!” O comentário me fazia rir muito, pois, naturalmente, a falta de luz não me afetava em nada. Essa conquista não foi apenas uma vitória pessoal, mas também um símbolo do poder transformador do braille. Ele me permitiu aprofundar minha fé, entender melhor as escrituras e, eventualmente, compartilhar essas mensagens em minha comunidade. Hoje, sou frequentemente convidada para ler e interpretar textos bíblicos na igreja, algo que faço com muita gratidão.

Braille e música: uma nova paixão

Além de abrir portas para a leitura, o braille me ajudou a me descobrir como compositora gospel. Até hoje, tenho 91 composições e pretendo alcançar 100. O processo criativo é todo guiado pelo braille: primeiro escrevo as letras, depois trabalho na melodia. Minha formação musical também foi enriquecida pelo braille. Estudei no Conservatório de Guarulhos, onde aprendi a ler partituras em braille, uma habilidade que me permite interpretar e criar músicas de maneira independente. Isso me levou a tocar violão e escaleta, instrumentos que utilizo tanto em apresentações quanto no processo de composição. Além disso, adoro cantar e sinto que a música é uma extensão da minha fé e do meu propósito.

Autonomia no dia a dia

O braille não se limita aos estudos ou à música; ele está presente em meu cotidiano. Uso o braille para anotar números de telefone, organizar listas e até memorizar informações. Um exemplo interessante é minha experiência

em uma lanchonete em São Paulo que tinha cardápio em braille. Foi uma sensação indescritível poder escolher meu pedido sem depender de ninguém. Além disso, domino o código de abreviações em braille, o que facilita muito a escrita de textos longos. Essa habilidade é extremamente útil no dia a dia e em momentos que exigem rapidez e precisão. O braille também me dá independência em tarefas simples, como identificar remédios ou alimentos. Essas pequenas autonomias tornam meu dia a dia muito mais prático e digno.

Desafios e reflexões

Embora a tecnologia tenha avançado, o braille continua sendo insubstituível para mim. Aplicativos e dispositivos podem ajudar, mas nada se compara à clareza e à profundidade que o braille proporciona. Por exemplo, quando escrevo em braille, consigo entender a grafia correta das palavras, o que é difícil de captar apenas pelo som. Isso demonstra como o braille é uma ferramenta essencial não apenas para pessoas com deficiência visual, mas para o aprendizado em geral.

Conclusão

O braille é mais do que um sistema de escrita; é um instrumento de transformação. Ele me deu acesso à educação, permitiu que eu explorasse minha espiritualidade, despertou em mim o amor pela música e me conectou com novas culturas por meio do aprendizado de idiomas. É graças ao braille que conquistei a autonomia que tanto valorizo hoje. Minha história é uma prova viva de que o braille não apenas alfabetiza, mas empodera. Mesmo em um mundo cada vez mais digital, o braille permanece como um símbolo de resistência e independência para pessoas cegas como eu. Que ele continue sendo um farol de esperança para muitas outras vidas.

CAPÍTULO 8

A influência do Sistema Braille em minha vida: uma história contada a partir da década de 1980

Margareth Oliveira Olegário Teixeira

Este breve texto pretende contar e enaltecer a relevância do Sistema Braille.

No início da década de 1980, aos seis anos de idade, ainda na pré-escola, pude ter os primeiros contatos com o Sistema Braille, por meio de figuras geométricas construídas em braille. Até então, eu não podia vislumbrar, imaginar, que este seria o ponto de partida para o aprendizado da leitura de textos, livros, partituras musicais, cifras de músicas, conteúdos pertencentes às ciências exatas e até textos e livros em línguas estrangeiras.

Desse modo, passando para a classe de alfabetização, prosseguiu a minha aprendizagem escolar, agora, aprendendo a localização nas linhas tracejadas e pontilhadas. Foi assim

que aprimorei a minha coordenação motora fina e ampla, algo primordial no aprendizado do Sistema Braille. Outra habilidade de suma importância, que foi adquirida na época, foi o desenvolvimento da lateralidade, relevante na escrita e na leitura.

Pouco a pouco, iniciei-me na leitura de letras, palavras e frases. De maneira concomitante, a escrita foi acontecendo. Nesse sentido, a máquina de datilografia braille, também chamada de máquina Perkins, foi importante. Isso porque, na época, havia um projeto que visava iniciar a escrita braille através desse recurso de tecnologia assistiva.

Mesmo com muita dificuldade, concluí o período de alfabetização. Nesse aspecto, minha professora foi dedicada, sensível e incansável, ação que me fez querer espelhar-me nela.

Eu dizia:

— Quando eu crescer, vou ser igual a ela.

Ao prosseguir os estudos, ainda no Instituto Benjamin Constant (IBC), fui-me apropriando de outros recursos, tais como reglete e punção, e, dessa maneira, fui escrevendo e lendo em braille.

Mesmo com a complexidade de escrever na reglete da direita para a esquerda, tive aulas de apoio e a valiosa ajuda de minha mãe. Não me recordo de grandes dificuldades nessa transição para a reglete.

Motivada por familiares, professores e colegas de escola, participei de competições escolares na época do aniversário do IBC. No que tange ao braille, tais competições consistiam em atividades distribuídas em leitura e escrita.

Na leitura, avaliava-se a velocidade, entonação e pronúncia correta das palavras. A avaliação ocorria individualmente, por uma comissão julgadora.

Já para a competição de escrita na reglete, reuniam-se um grupo de estudantes em uma sala, onde eram distribuídos os materiais necessários para a escrita na reglete e uma folha carimbada. Todos tinham que escrever os seus respectivos nomes na folha. Após isso, um dos avaliadores dava um sinal para iniciarmos a escrita de uma única frase indicada pela equipe. O ganhador era determinado por quem tivesse escrito a mesma frase mais vezes, sem erros. Vale destacar que não permitiam

que apagássemos os pontos escritos a mais. Lembro-me que venci em uma dessas competições de leitura.

Em meados da década de 1980, os estudantes do IBC começaram a utilizar uma reglete confeccionada em material semelhante ao alumínio, ao invés da reglete de alumínio com prancheta de madeira. Essa reglete de alumínio não era interponto, mas produzia um braille de excelente qualidade. No entanto, exigia de seus usuários destreza em seu uso para não rasgar o papel. Vale pontuar que a reglete francesa interponto, além de produzir o braille nas duas faces do papel, traz mais conforto e segurança na escrita, pois na régua há pequenas demarcações orientando para que façamos os pontos dos caracteres braille.

Outro aspecto relevante a ser destacado no que tange ao processo de aprendizagem do Sistema Braille é a leitura em livros didáticos e paradidáticos interponto. Não apresentei embaraço na leitura de materiais em interponto, pois já havia passado pelo processo de leitura de textos escritos em linhas sem espaços entre elas. Além disso, já não confundia mais os caracteres, tais como e com i, ou o com õ etc.

No que tange à cópia de textos, fui, pouco a pouco, escrevendo e lendo sem me perder nas celas da reglete. Para isso, afastava um pouco a régua da reglete e prendia o punção no local em que eu teria que dar continuidade na escrita.

Outra fase importante na elaboração de atividades de cópias em braille com o uso da reglete, foi desenvolver uma técnica de ler com a mão esquerda e escrever com a mão direita. Essa estratégia torna a cópia mais ágil.

No ensino médio, sobretudo pela escassez de materiais didáticos em braille, tive que continuar desenvolvendo a escrita na reglete com agilidade. Na ocasião, os meus colegas ou docentes ditavam os conteúdos expostos no quadro. Para tal, eu tinha que ter conhecimento de símbolos de matemática e química. Quando eu tinha dúvida, anotava por extenso e depois consultava outros colegas cegos e ex-professores que trabalhavam no IBC.

Ainda na época do ensino médio, as abreviaturas tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa, ajudaram-me a promover celeridade à minha escrita e leitura.

No que cabe à economia e diminuição do volume de papéis para levar e trazer da escola, minha mãe me ofertou uma reglete de alumínio interponto francesa.

Segundo minha experiência, quanto mais for aumentando a quantidade de disciplinas e conteúdos acadêmicos, mais se faz necessária uma organização, a fim de facilitar e trazer celeridade no acesso aos materiais de escrita e leitura.

Para a melhor organização de escritos em braille, eu utilizava a divisão de papéis em pastas, distribuídas por disciplinas. Dessa maneira, era primordial que cada pasta tivesse, na parte externa, uma etiqueta em braille contendo o nome da disciplina.

Nesse sentido, a etiquetagem das pastas em braille também se aplica à marcação em braille de pastas de documentos, potes de mantimentos, dentre outros itens usuais no dia a dia.

Seguindo minha trajetória com os usos do Sistema Braille, foi crucial o acesso à máquina de datilografia braille, na digitação de textos com o número maior de páginas.

Vale pontuar que, mesmo no ensino superior, iniciado em 1999, mantive-me usuária dos recursos explicitados neste relato.

Pouco a pouco, fui aprimorando os recursos utilizados. Assim, substitui as etiquetas simples de papelaria por fita Dymo, que encaixada em um orifício da direita e outro da esquerda de uma reglete de bolso de alumínio, permitia-me escrever com segurança na referida fita.

No entanto, devido à dificuldade em encontrar fita Dymo para comprar, também utilizo, até o presente momento, papel 40kg forrado com papel *contact* transparente. Dessa forma, corto o papel *contact* no tamanho adequado ao que preciso e colo no local que precisa ser indicado em braille.

Cabe destacar ainda que, com o passar dos anos, mesmo com o advento das tecnologias digitais, o braille não ficou para trás.

Ministro aulas de braille para adultos que perderam ou estão em processo de perda visual e já ministrei aulas para formação de professores, bem como pais e responsáveis de estudantes do IBC. Além disso, alfabetizei e

dei aulas curriculares no primeiro segmento do ensino fundamental no IBC e em escola comum.

Nesse processo, tendo em vista os avanços tecnológicos, na primeira metade da década de 2000, fui-me apropriando de outros recursos, que favoreceram o meu contato com o Sistema Braille, bem como ampliaram o acesso dos meus alunos a este sistema.

O primeiro recurso foi uma impressora braille de pequeno porte. Através da instituição Paulista Laramara pude aprender a manuseá-la. Nesse sentido, o conhecimento prévio do Microsoft Word, contribuiu para a fluidez nesse novo recurso, já que diferentemente de outras impressoras braille, a Tiger Cuber Junior imprime em braille a partir dos programas do Microsoft Word, Power Point e Excel. Todavia, desses programas, o Word é o mais utilizado por mim para esta finalidade.

Como as instituições nas quais trabalhei antes do IBC eram carentes de recursos de tecnologias, sobretudo as assistivas, eu utilizava a minha impressora para imprimir materiais para meus alunos e para que eu pudesse consultá-los quando necessário.

Já nos meados da década de 2020, chegou ao meu conhecimento a existência dos *displays* braille (linhas braille). Dessa maneira, percebendo a utilidade desse recurso, em tempo oportuno, adquiri uma linha braille que possui vinte células.

Assim, com este equipamento, posso fazer leituras de textos em braille salvos para o equipamento ou até mesmo textos de meu *smartfone* ou *notebook*.

Para além de minhas leituras, posso usufruir da linha braille com meus alunos, sobretudo, os que possuem perda tátil, em decorrência do diabetes.

Por fim, cabe-me pontuar que, embora haja recursos tecnológicos pelos quais a pessoa cega acessa a *web*, obtém informações e transmite conhecimentos, o braille sempre terá vez e relevância em minha formação pessoal, acadêmica, cristã e musical.

CAPÍTULO 9

Reflexões do Braille

Tarcísio O. Estald

Para começar a falar sobre o braille, é interessante lembrar que esse precioso sistema de leitura e escrita tátil está passando por um momento muito importante no século XXI – ele está completando 200 anos de existência.

Entretanto, cabe também fazer uma observação: embora esse conhecimento tenha avançado bastante nesse período de tempo, ele ainda necessita de mais divulgação e uma política pública capaz de expandi-lo para que possa ser lido e escrito por todas as pessoas com deficiência visual.

Além disso, faz-se necessário, ainda, que as instituições especializadas possam trabalhar cada vez mais no sentido de oferecer uma formação para que a família, o professor, a escola e o aluno possam conhecer o fundamental desse sistema de escrita e leitura braille.

A tecnologia assistiva tem bastante recurso adequado para facilitar o acesso à leitura em celulares e computadores. Porém, não podemos ficar presos às facilidades dessas ferramentas, visto que o braille tem seus próprios recursos tecnológicos, tais como a impressora, a linha braille, a máquina Perkins etc. Tudo isso é uma valiosa tecnologia que nos auxilia não só na realização de atividades de produção escrita como também nas atividades da vida cotidiana, tais como a adaptação de material, identificação de caixa de remédio e leitura de cardápios.

É importante lembrar que, para o desenvolvimento do braille, há o importante trabalho de diversas pessoas que atuam para promover a discussão e os processos que propiciam a adaptação, a transcrição, a revisão, a impressão e a preparação de professores de educação especial.

Na atualidade, ainda não se acabou com o braille, ele continua essencial. A simbologia nova, que surge na grafia de determinada disciplina, vem inovando na combinação de símbolos para que a pessoa com deficiência visual tenha uma noção da escrita em tinta.

Dessa forma, a pessoa cega precisa saber desse recurso de leitura tátil para descobrir a forma dos pontos e a letra da tinta. Com essa inovação, pode-se, por exemplo, criar um trabalho de assinatura de nome.

No entanto, cabe chamar a atenção para o fato de que, hoje, quase não se vê deficiente visual ler nem escrever em uma reglete com a punção. Isso é muito preocupante, visto que se lê cada vez menos; além disso, muitos também não dominam a escrita no papel da reglete nem sabem fazer a própria assinatura. Acredita-se que isso é culpa da modernidade, que vem trazendo mudanças tão rápidas que acabamos querendo aproveitar a oportunidade de aprender novos recursos e deixamos de lado a prática dos pontos táteis. Com isso, o cego deixa de aprender a ler ou escrever o braille para trilhar por esse caminho moderno.

A juventude que está surgindo com essa nova geração é muito diferente da nossa época. Nós passamos pela prática de aprender braille, inclusive com o uso da máquina Perkins, na forma de datilografia. A realidade de hoje é que os jovens chegam a recusar o braille por causa de outros recursos tecnológicos, como o

celular que tem diversos aplicativos acessíveis com o auxílio de *talkback*.

Com esse novo momento, vê-se também a falta de mercado de trabalho. Como será o futuro se não houver profissionais de determinadas áreas que envolvem o braille, tais como professor de braille, ou revisor, ou outro tipo de profissão em que o conhecimento do braille é imprescindível?

Portanto, o Dia Mundial do Braille não deve ser comemorado somente no dia 4 de janeiro, mas sim todos os dias, refletindo a realidade de quem atua, estuda, discute sobre o braille, sobre melhorias da prática de letramento da pessoa cega, sobre a construção de valor e reconhecimento da importância do sistema de escrita e leitura tátil no processo de escolaridade, e sobre o trabalho de produção com a qualificação preparada para a demanda.

Sendo assim, essa é uma luta contínua para garantir ao cego o acesso ao conhecimento do braille em diversos livros, inclusive lendo a nova grafia de palavras que surgem na mudança do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e/ou outro idioma como inglês e espanhol.

Se o cego persistir com esse pensamento de não aceitar o braille como a sua forma de escrita e leitura, ele será totalmente analfabeto no braille e incapaz inclusive de assinar seu próprio nome em documentos.

Por isso, devemos incentivar a cultura do letramento em braille, com bastante eventos e concursos de leitores ou escritores para descobrir o talento de um braillista. E também desenvolver quais as melhores metodologias de ensino para que os deficientes visuais aprendam o Sistema Braille no processo inclusivo.

Lembremo-nos de que o tempo está passando rápido, trazendo consigo novas tecnologias e o avanço da informatização da humanidade. Isso impõe que o braille também evolua, com muitos símbolos novos e com um menor espaço no papel braille. Como consequência, alguns recursos tecnológicos inovadores também surgem para a escrita e a leitura em braille, a exemplo da reglete positiva.

Para concluir as ideias que trouxemos neste texto, cabe destacar que a nossa realidade atual nos leva a visualizar o braille no contexto de um outro tempo, o que requer

um despertar para as novas tecnologias, mas sem abandonar os ganhos que o braille acumulou ao longo da sua história.

Para quem estiver lendo este texto, chamamos a atenção para a importância de perceber a realidade da pessoa com deficiência visual, atentando para como ela se insere na educação braillista ou no trabalho profissional. Está na hora de levantar a bandeira braille para que a sociedade assuma o seu papel nessa luta, assim como nós que estamos fazendo a nossa parte, refletindo sobre esse sistema que tem-se aprimorado por mais de 200 anos desde a sua criação por Louis Braille, o responsável por abrir o caminho para a inclusão, para que o cego possa expressar a sua liberdade de escrever a sua própria história.

Agradecemos a Louis Braille que, com sua inteligência genial, desenvolveu os 63 pontos com suas simbologias em determinada combinação de letras, sinais e pontuações que hoje podem ser usados em diferentes contextos de grafia braille.

CAPÍTULO 10

Os seis pontinhos que abrem o conhecimento para o saber

Luzia Aparecida Dias Lima

Primeiramente, vamos conhecer um pouco da história dos seis pontinhos. Eles são muito importantes, sempre andam bem juntinhos, e, quando se dão as mãos, formam letras e palavras que podem ser tocadas com as pontinhas dos dedos.

Ao tocá-las, as crianças que enxergam as letras de tinta invisíveis, podem aprender com um simples toque no papel.

Agora, as letrinhas não são mais invisíveis! Pois através das pontas dos dedinhos, as crianças podem enxergar cada pontinho que se transforma em pequeninas palavras que abrem caminhos para o saber.

Quando sentem o pontinho 1, podem ler a letrinha “a”; ao tocar os pontinhos 1,3 e 4,

elas podem ler a letra "m"; ao sentirem entre seus dedinhos os pontinhos 1, 3 e 5, ele se transforma na letra "o", e por fim, ao encostarem seus dedinhos nos pontinhos 1, 2, 3 e 5, como num passe de mágica aparece a palavra amor!

Nesse contexto, posso afirmar que são esses os seis pontinhos que abrem os caminhos em busca do saber, para quando elas crescerem nada temer, pois são esses amiguinhos em relevo que as ensinaram a ler e escrever, ajudando-as a desvendar todos os mistérios de cada lição e a guardar todas as palavras lindas em seus corações!

Por isso, hoje, só temos a agradecer ao criador desses pontinhos que nos fazem enxergar o mundo com mais amor! O nome dos seis pontinhos é braille, e Louis Braille é seu magnífico inventor!

Ao lermos os parágrafos acima, fica mais fácil falarmos sobre a importância do Sistema Braille na alfabetização das pessoas cegas e com baixa visão em nosso País. Embora estejam escritos de forma poética, eles demonstram com clareza o quanto se faz necessária a ampliação do conhecimento acerca desse

sistema, tendo em vista a igualdade de condições no aprendizado da leitura e escrita. Desse modo, é preciso divulgarmos a excelência desses pontos em relevo e o quanto a sua falta causa desigualdade na forma de aprender das pessoas com deficiência visual.

Nesse sentido, podemos afirmar que aprender braille para quem já nasceu cego ou foi acometido com baixa visão é de grande relevância para o avanço de seus estudos e de sua vida autônoma, principalmente no que tange ao aprendizado da leitura e da escrita, pois, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 14): “aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada e participação com maior autonomia e protagonismo na vida social”.

Portanto, o protagonismo das pessoas com deficiência visual citado na BNCC só será de fato concretizado, primeiramente, com o auxílio do Ministério da Educação investindo mais em salas de recursos multifuncionais, com atendimento especializado, bem como com a

capacitação dos professores no aprendizado do braille, orientação, mobilidade e tecnologias. Além disso, é importante que as instituições estejam engajadas no sentido de levar as pessoas com deficiência visual a reconhecerem o valor que o braille pode ter em suas vidas, não só no âmbito acadêmico, mas em tudo; tanto para ler e escrever quanto para mostrar a nós mesmos que também depende de nós se seremos ou não protagonistas de nossas vidas. Essa atitude nos ajudará a deixar de sermos invisíveis para nos tornarmos vistos como pessoas capazes e atuantes, e não apenas como deficientes.

Assim, com autonomia, protagonismo e amor ao braille, poderemos fazer como o seu criador Louis Braille, que quando a vida tirou sua oportunidade de enxergar, passou a ver de outra maneira, criando uma forma de ver com o tato, dando um novo significado ao que se conhece como APRENDER, não só ajudando a si mesmo, mas contribuindo imensamente para a alfabetização de pessoas cegas e com baixa visão, o que o levou a ficar conhecido mundialmente com sua espetacular invenção.

CAPÍTULO 11

O Braille na vida do menino crescido no interior

Lauri Nordélio Altreider

Para falar sobre a importância do braille na minha vida, é bom começar pela minha história.

Sou o Lauri Altreider, tenho 73 anos, nunca enxerguei, nasci na colônia onde o acesso era difícil por estradas, longe do centro da cidade, onde as pessoas vivem da agricultura e da criação dos animais.

Nasci em Linha Imperial, interior da Nova Petrópolis/RS, comunidade de descendentes de alemães, assim a língua alemã, a culinária, costumes e valores como o respeito com os mais velhos, foram ensinados pela família. Aprendi o Português no comércio da família com os vendedores que vinham ali.

Como criança ouvi muito o “não pode” que era uma forma de cuidado para evitar acidentes. Curioso escutava as conversas dos adultos e aprendia sobre os fatos da vida e as histórias locais. Eu saía muito com os mais velhos para buscar gado e outras coisas necessárias para o comércio familiar, o que permitia que eu interagisse com os outros e passasse o tempo de forma a não cair na mesmice.

O rádio foi meu companheiro toda vida, sempre me manteve atualizado, quer por esportes ou notícias, as músicas, preenchendo meu tempo.

Comecei a estudar mais tarde por causa da minha saúde, com mais ou menos 9 anos ingressei na Escola Bom Pastor que era longe da minha casa. Eu ficava durante a semana na casa dos meus tios na Linha Brasil para poder estudar. Eu ouvia as aulas e tinha prova separado dos outros fora da sala quando a professora fazia as perguntas, eu respondia e ela anotava. No final da semana voltava para minha casa. Eu nem sempre conseguia terminar o ano escolar porque ficava doente, e internado por semanas

O braille me foi apresentado por volta dos 14 ou 15 anos. A Marlene Lang, uns 2 ou 3 anos mais velha que eu, também estudante do Bom Pastor, se prontificou a fazer um curso no Instituto Santa Luzia em Porto Alegre/RS para poder me ensinar. Por volta de meio ano ela me ensinou algumas letras em braille, não o alfabeto inteiro. Marlene voltou para sua família em Santa Catarina, minhas aulas para aprender o braille pararam, e parei meus estudos.

Fiquei em casa e ajudava no que podia: na queijaria e na fábrica de embutidos fazendo linguiça, cortava toucinho e fazia salsichão, depois na criação de frangos em que preparava a ração moendo o milho e pesando as quantias. O trabalho que fazia era meu passatempo e terapia ocupacional.

Com 52 anos consegui ir para uma escola de deficientes visuais em Caxias do Sul, a APADEVI. Para lá ia de van e levava em torno de 1 hora e 30 minutos.

Com a professora Arlete Argenta aprendi a usar a bengala, o que melhorou meu deslocamento e minha autonomia. Também fiz outras atividades ali, como: xadrez, artesanato,

educação física, introdução a informática e uso do celular.

Na APADEVI aprendi a pegar o ônibus, então passei a pegar 4 ônibus para chegar até a escola, e 4 para voltar. As pessoas ficavam admiradas e eu contente por poder fazer sozinho este trajeto.

Aprender a ler e escrever em braille é que foi libertador, uma janela que se abriu, uma mudança profunda na minha vida, pois me fez conhecer o mundo, viajar por lugares em que jamais poderia ir, aprender com as histórias, ampliar minha percepção. Claro que a biblioteca da escola oferece também áudio livros, só que a leitura no braille é a minha preferida porque faço no meu tempo, fixo melhor o que li, e a experiência tátil é importante para mim. Os 35 volumes do “Tempo e o Vento” de Érico Veríssimo me fascinaram, e a Bíblia se tornou minha companheira, esta adquiri através do pastor da igreja da IELB na Sociedade Bíblica, além de outras obras. Assim sou grato por ter aprendido o braille e por toda minha vida que vai além da deficiência que para os outros limita, mas para mim trouxe o estímulo para superar, ir além.

CAPÍTULO 12

Braille em poesia

Isabela Castello Nuovo Vespoli

Sob pontinhos que dançam em linhas,
Num mundo de sombras, uma luz brilha.
O braille, sábio alfabeto, que ensina,
Dando a quem não vê, a mais clara trilha.

Nas pontas dos dedos, a história se faz,
Em relevo, a vida se desenha e satisfaz.
Letras que pulsam como coração valente,
Trazem conhecimento, tornam a mente fluente.

No escuro do desconhecido, uma esperança,
Braille é chave, é a mudança.
Com ele, o mundo se expande, se revela,
Cada ponto um universo, em cada cela.

Não são apenas pontos em papel grosso,
São sonhos, são ideias, é um colosso.
Braille não é só leitura ou escrita,
É inclusão, é respeito, é conquista.

Assim, no silêncio dos olhos que não veem,
Reside a voz forte dos que leem.
Braille, benção em relevo, amor sem fim,
Abre caminhos, faz o mundo inteiro sim.

E na noite sem estrelas, sem luar,
Braille é o céu onde se pode tocar.
É mais que sistema, é um forte aliado,
Nas mãos de quem luta, sempre ao lado.

Neste poema de pontos e de fé,
Braille é mais que se pode ver.
É luz, é guia, é força, é dádiva,
Para quem vê o mundo através da ponta dos
dedos, é vida.

CAPÍTULO 13

A contribuição do Sistema Braille na formação do deficiente visual

Adriana Silva Amstalden Camargo

O Sistema Braille é uma ferramenta fundamental para promover a autonomia e a independência das pessoas cegas. Desenvolvido por Louis Braille no século XIX, esse sistema de escrita tátil tem sido um divisor de águas na inclusão social e na promoção da educação, do trabalho e da vida cotidiana das pessoas com deficiência visual. Este texto explora a importância do Sistema Braille em diferentes aspectos da vida de uma pessoa cega, destacando suas contribuições para a educação, a comunicação, o acesso à informação e a participação social.

O Sistema Braille desempenha um papel crucial na educação de pessoas cegas. Antes de sua invenção, a maioria dos indivíduos com deficiência visual enfrentava grandes barreiras

para acessar a educação formal. O braille permitiu que essas pessoas aprendessem a ler e escrever de forma independente, possibilitando sua inclusão em escolas regulares e programas educacionais especializados.

Com o uso desse sistema de escrita, os alunos cegos podem acessar livros, artigos, materiais didáticos e outros recursos educativos. Essa acessibilidade é fundamental para garantir a igualdade de oportunidades na educação. Além disso, o braille facilita o aprendizado de disciplinas que exigem leitura e escrita detalhada, como Matemática, Ciências e Literatura.

O aprendizado do braille estimula o desenvolvimento cognitivo, pois envolve habilidades de memória tátil e espacial. Essas habilidades são essenciais para a compreensão de conceitos complexos e para o desenvolvimento de competências críticas de pensamento. O braille facilita o acesso ao conhecimento, permitindo que alunos cegos leiam livros, artigos e materiais didáticos. Sem isso, o acesso às informações escritas seria extremamente limitado, comprometendo a qualidade da educação oferecida.

Portanto, passamos a destacar alguns dos aspectos que tornam o Sistema Braille tão importante para a pessoa cega:

Livros e materiais didáticos: bibliotecas e instituições educacionais disponibilizam livros e recursos em braille, possibilitando que estudantes cegos acompanhem o currículo escolar e realizem suas atividades de forma independente.

Matemática e Ciências: a adaptação de símbolos matemáticos e científicos para o braille permite que estudantes compreendam e pratiquem disciplinas complexas, como álgebra, geometria e química.

O aprendizado do braille promove o desenvolvimento cognitivo ao estimular habilidades de memória tátil e espacial. Essas habilidades são essenciais para a compreensão de conceitos abstratos e para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Leitura e escrita: a prática da leitura e escrita em braille melhora a memória e a capacidade de retenção de informações, habilidades fundamentais para o sucesso acadêmico.

Pensamento crítico: estudar com o braille incentiva o desenvolvimento do pensamento crítico, pois os alunos precisam interpretar e analisar informações de maneira independente.

A inclusão escolar de alunos cegos é beneficiada pelo uso do braille, que permite a participação ativa nas atividades acadêmicas. Professores e colegas de classe podem usar materiais em braille para colaborar e interagir de forma mais efetiva, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo.

Colaboração: professores e colegas podem utilizar materiais em braille para colaborar efetivamente com estudantes cegos, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo.

Igualdade de oportunidades: o uso do braille nas escolas garante que todos os alunos, independentemente de sua capacidade visual, tenham as mesmas oportunidades de aprendizado.

O Sistema Braille não só é essencial para a educação, mas também é uma ferramenta vital de comunicação para pessoas cegas. Ele permite que essas pessoas escrevam cartas,

mensagens e documentos, facilitando a comunicação escrita em diversas áreas da vida. O braille possibilita que pessoas cegas escrevam e recebam mensagens de amigos e familiares, mantendo conexões sociais importantes.

Cartas e mensagens: a habilidade de escrever e ler cartas e mensagens em braille fortalece os laços sociais e emocionais, promovendo um senso de pertencimento e inclusão.

Na esfera pessoal, o braille permite que indivíduos cegos troquem cartas e mensagens com amigos e familiares. Essa forma de comunicação escrita é importante para manter conexões sociais e emocionais, promovendo um sentido de pertencimento e inclusão.

No ambiente de trabalho, o braille é usado para anotações, relatórios e comunicações internas. A habilidade de ler e escrever em braille aumenta a produtividade e a eficiência de funcionários cegos, permitindo-lhes desempenhar suas funções de forma independente e competente. Nesse contexto, o braille é uma ferramenta valiosa para a comunicação escrita, permitindo que pessoas cegas desempenhem suas funções de forma eficiente.

Relatórios e anotações: a capacidade de preparar relatórios e anotações em braille aumenta a produtividade e a eficiência no local de trabalho.

Documentos oficiais: o braille permite que profissionais cegos gerenciem documentos oficiais, como contratos e correspondências, com autonomia e precisão.

O acesso à informação é um direito fundamental de todas as pessoas, e o Sistema Braille desempenha um papel essencial em garantir que as pessoas cegas tenham acesso igualitário a informações relevantes em suas vidas.

O aprendizado do Sistema Braille permite que pessoas cegas leiam livros, jornais, revistas e outros materiais impressos. Bibliotecas e instituições educacionais frequentemente disponibilizam materiais em braille, assegurando que a informação esteja acessível a todos.

Com o avanço das tecnologias assistivas, o braille tem-se integrado a dispositivos eletrônicos, como *displays* braille, *e-readers* e computadores. Essas tecnologias permitem que

peessoas cegas acessem a internet, leiam *e-mails* e documentos digitais, ampliando seu acesso à informação em tempo real.

O acesso à informação em braille é vital para a participação cívica. Ele permite que pessoas cegas leiam boletins informativos, regulamentos e materiais eleitorais, garantindo que possam exercer seus direitos de forma informada e participativa.

Na vida cotidiana, o Sistema Braille contribui significativamente para a independência e a autonomia das pessoas cegas. Ele permite a realização de atividades diárias de forma segura e eficiente.

O braille é usado para rotular produtos de uso diário, como medicamentos, alimentos e produtos de higiene. Essas etiquetas em braille permitem que as pessoas cegas identifiquem e utilizem esses itens de forma segura e independente. Placas de sinalização em braille são utilizadas em locais públicos, como elevadores, banheiros, prédios governamentais e transportes públicos. Essas sinalizações facilitam a mobilidade e a orientação espacial, permitindo que as pessoas cegas naveguem em ambientes desconhecidos com confiança.

O Sistema Braille é utilizado também em serviços bancários e financeiros, permitindo que pessoas cegas gerenciem suas finanças de forma autônoma. Extratos bancários, cheques e outros documentos financeiros em braille garantem que essas pessoas possam realizar transações e acompanhar suas finanças sem a necessidade de assistência.

A inclusão social é um aspecto fundamental para o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas cegas. O Sistema Braille desempenha um papel importante em facilitar a participação social e a integração comunitária. Permite, ainda, que pessoas cegas acessem eventos culturais, como peças de teatro, concertos e exposições de arte. Programas e guias em braille são disponibilizados para garantir que todos possam desfrutar dessas atividades culturais.

As regras e regulamentos de esportes adaptados são frequentemente disponibilizados em braille, permitindo que pessoas cegas participem de atividades físicas e competições esportivas. Além disso, jogos de tabuleiro e outros passatempos são adaptados com braille, proporcionando opções de lazer inclusivas.

O braille promove o engajamento comunitário ao facilitar a participação em reuniões, grupos de apoio e organizações comunitárias. Informações sobre eventos e atividades comunitárias são disponibilizadas nesse sistema de escrita, garantindo que as pessoas cegas possam se envolver ativamente em suas comunidades.

Conclusão

O Sistema Braille é uma ferramenta indispensável para a autonomia e a independência das pessoas cegas. Ele desempenha um papel crucial na educação, na comunicação, no acesso à informação, na vida cotidiana e na participação social. Através do braille, pessoas cegas podem exercer seus direitos, participar ativamente na sociedade e alcançar uma vida plena e independente. É essencial continuar promovendo a inclusão e o acesso ao braille, garantindo que todas as pessoas, independentemente de suas capacidades visuais, tenham a oportunidade de prosperar.

CAPÍTULO 14

A importância do Sistema Braille em minha vida

Marli Schmitt

Eu e minha família morávamos numa cidade de interior onde não havia nenhuma possibilidade que fizesse uma pessoa cega progredir na cultura, no estudo, no conhecimento mais amplo nem no lazer.

Foi necessário que eu fosse estudar em Porto Alegre (RS), pois lá havia o Instituto Santa Luzia, onde consegui me alfabetizar pelo Sistema Braille e escrever minhas primeiras cartas para minha família e amigos.

Eu escrevia em braille, e as irmãs de caridade faziam as transcrições dessas cartas em letra comum. A carta em braille e a transcrita em tinta eram enviadas pelo correio.

Após três anos nessa instituição, voltei para minha cidade e pude ser incluída numa

escola convencional onde fiz o antigo ginásio e científico, cursos da época.

Durante esse tempo todo, tive muita ajuda de uma escola Especial de Santa Maria, minha cidade, pois já havia alfabetização para cegos e professores com conhecimento do braille, que fizeram muitas transcrições de trabalhos meus para que os meus professores da escola onde eu estava incluída, pudessem fazer as correções de minhas redações, provas etc.

Sempre necessitei das leituras em braille e, digo mais, até hoje que já uso computador e celular, uso o braille para as minhas anotações. Gosto de tê-las no computador e em braille. Caso eu exclua algo, o braille é minha garantia de que não perdi conteúdos importantes.

Hoje sou professora. Além de ter trabalhado em duas escolas com o braille, atuo também na Associação de Cegos e Deficientes Visuais de Santa Maria (ACDV).

Adquiri muita prática na leitura e escrita e no ensino a outros cegos. É maravilhoso perceber o interesse deles pelo Sistema Braille.

Sempre procuro dizer aos alunos e familiares que o Sistema de Escrita e Leitura Braille é o único meio da pessoa adquirir

independência, sabendo que quem lê é ela mesma e não o computador. Faço entender que se faltar o computador, a pessoa cega continuará sabendo ler e escrever com autonomia.

As ferramentas de *softwares* nos auxiliam muito e não devemos abrir mão dessas ajudas, mas o cego necessita conhecer bem o Sistema Braille como escrita única para quem não vê.

O braille traz conhecimento de lateralidade, domínio desse método e prazer de ler, por si próprio, um livro, revistas e suas próprias anotações.

Agora com a intervenção das associações de cegos existentes no Brasil, poderemos, quem sabe, lutar pela permanência do Sistema Braille nas escolas regulares. Além disso, teremos que dar maior ênfase ao preparo dos docentes para que trabalhem com o braille em sala de aula.

Lembre-mo-nos de Louis Braille, nosso irmão tão preocupado com que as pessoas cegas tivessem a oportunidade de estudar, para que se aproximassem também, como os demais, do verdadeiro conhecimento.

Parabéns a todos nós pelos 200 anos de existência desse sistema maravilhoso e tão singular.

CAPÍTULO 15

A percepção tátil como decifração do mundo: dos grãos de areia aos pontos de Braille

Joana Belarmino de Sousa

Às vezes penso que já nasci brailista. Não no sentido pleno do termo. Desde muito pequena, parece que vivia em perpétuo aprontamento para o dia em que pudesse fazer o gesto consciente da decifração das letras, da formação das palavras, da leitura e compreensão do texto.

Nasci numa família de treze irmãos, no alto sertão pernambucano, e, desses 13 filhos, sete nasceram cegos, eu inclusive.

Nossa família era humilde. Meus pais trabalhavam na roça, nas fazendas da região, entregando ao fim da colheita, metade do que haviam lucrado aos donos das terras.

Vivi minha primeira infância no campo, com toda liberdade para inventar minhas brincadeiras, com toda a estranheza perante as coisas do mundo que se me apresentavam pelas sonoridades, pelos cheiros, pelo toque das minhas mãos de menina, ávidas por decifrar o que eu ainda não compreendia.

Posso dizer, então, que nasci brailista e investigadora. Eu queria compreender de que matéria era feita a terra, e lutava por tentar agarrar o vento e o sol, para poder me apropriar daquilo de que eles eram feitos. E o céu, de que meus pais sempre falavam, o que era o céu?

Eu sopesava entre minhas mãos, os grãos de areia do pátio. Atritava pedras, só para sentir o cheiro de fogo que elas soltavam. Incapaz de responder sobre aqueles mistérios pelo toque ou pelo cheiro, entre os quatro e cinco anos, inventei minha própria teoria sobre o céu. Imaginei uma cena em que tudo começava por uma montanha. Ainda posso sentir, na memória, o sopé da montanha, com suas plantinhas e o seu solo rugoso.

Eu escalava aquela montanha, e finalmente chegava ao céu. E o meu céu era

cheio de gavetas. Gavetas para fazer chover, gavetas para ventar, gavetas para fazer sol. Então, só bastava que abrisse aquelas gavetas para que o mundo refulgisse em sol, em nuvens, em trovões e chuvas.

Somente na idade adulta compreendi que aquele meu céu cheio de gavetas não passava do meu modo tátil de querer compreender o intangível, o impalpável. Sem sabê-lo, eu tinha inventado toda uma engenharia rudimentar para poder controlar o céu com minhas mãos, com as pontas dos meus dedos.

Outra experiência marcante da minha primeira infância, foi o que eu chamaria depois de “a lição das pedras”. Numa manhã, eu estava brincando no pátio das traseiras da casa, em torno de uma fileira de pedras amontoadas junto à parede.

Eu girava em torno das pedras, sentindo na minha própria face a presença delas. Na minha ingenuidade de menina pequena, eu achava que estava vendo, e girava com meu rosto voltado para as pedras cantando o meu mantra: “eu vejo, eu vejo”!

Nesse ir e vir alucinado, calculei mal a minha tentativa de “ver”, e uma pedra mais alta atingiu

minha face, interrompendo à dor e à sangue, a dura experiência de enxergar. Não sabia então, mas o que experimentava ali, era o que os cientistas classificam como ecolocalização, fenômeno perceptivo vivenciado por muitos cegos de nascença.

E eis que chegou o meu tempo de deixar a casa dos meus pais para frequentar uma escola especial na modalidade de internato, situada na capital da Paraíba, João Pessoa, onde os meus irmãos mais velhos já estudavam.

Lembro-me perfeitamente daquela manhã em que estávamos reunidos em frente da nossa casa, à espera do carro que nos levaria na primeira parte da viagem. Meu pai me pegou no colo e disse: “Fifia, você ainda é pequena. Se você quiser pode ficar em casa”. E eu, com os olhos cheios de lágrimas, disse a curta frase que inauguraria, ao mesmo tempo, a dor da separação dos meus pais e uma nova e grande fase na minha vida de criança. Com a voz embargada eu disse: “Eu vou, pai”!

Na escola, meu corpo e meu espírito empreenderam a luta pela adaptação: aos novos ruídos e cheiros da cidade; às horas certas para as refeições, o sono, as rotinas de estudo.

A maior estranheza deu-se com o aprendizado do braille. O professor me entregava uma longa folha de zinco com o alfabeto, que eu tateava, sem compreender aqueles sinais. Escutava meu irmão lendo alto, e achava esquisitos os nomes das letras acentuadas. Então chorava e sentia saudade do campo, dos pássaros e dos dias em que a chuva se anunciava de longe.

Mas eis que numa tarde, algum tempo depois, ajoelhada em frente à minha cama, tateando a cartilha, fez-se como que um clique entre os meus dedos e o meu cérebro, e um sorriso de alegria e espanto foi se espalhando pelas minhas bochechas, e eu compreendi. Eu estava lendo!

Pouco tempo depois daquele dia inaugural, comecei a ler de verdade, tudo o que me chegasse às mãos. A biblioteca era o meu lugar predileto. Sobretudo à tarde, enquanto aguardávamos o toque do sino para a hora do jantar, eu corria para lá, sentava-me em uma carteira com um livro nas mãos, e, mergulhada no silêncio, desbravava a deliciosa experiência da leitura braille.

No silêncio daquela biblioteca, conheci o mundo encantado de Monteiro Lobato, em As Reinações de Narizinho, as loucuras da Emília, os pastéis de palmito da tia Nastácia.

As linhas braille reticulares, eram como o sopé da minha montanha, que eu galgava em velocidade com a polpa dos meus dedos, para conhecer mundos mágicos, realidades encantadas onde eu era livre, onde a minha cegueira não existia senão como uma conquista, um triunfo.

Da leitora precoce brotou a escritora. Aos nove anos, comecei a escrever as minhas próprias histórias infantis. Também reescrevia as histórias que havia lido, tudo em braille, tudo sendo percutido a punção e reglete.

A braillista e a investigadora estavam plenamente consolidadas aos dez anos, quando também aprendi a usar a máquina de datilografia convencional. Não sabia ainda, mas ali, nas aulas de datilografia, gestava-se a condição fundamental para que eu pudesse ser jornalista. Não tenho dúvida. Minha assiduidade na velha biblioteca, entre os livros, e o meu aprendizado de datilografia criaram as pontes para que eu pudesse ser a jornalista.

O milagre dos pontos de braille

Dessa época, entre os nove e os dez anos, vivi fatos curiosos que precisam ser contados. Todo final de ano, íamos para a casa dos nossos pais, no campo, para cumprirmos as férias escolares. Uma casa com sete filhos cegos acabava sendo uma atração para os camponeses, aos finais de semana.

Eles chegavam e, imediatamente, meu pai me chamava para ler em voz alta. Eu abria o livro “Seleta Escolar” e lia a fábula da raposa e das uvas. Eles escutavam em silêncio, e depois um deles dizia: “Não é possível. Ela *tá* falando decorado. Ela não *tá* lendo”.

Meu pai então fazia o segundo teste. Me mandava para o quarto, e, na sala, pedia a um camponês que ditasse algo para minha irmã, em voz baixa, pois nossa casa era pequena. Feito o ditado, eu era convocada para a leitura. Os camponeses, espantados, murmuravam então: “É um milagre... É um milagre...”.

Hoje, ao rever esses fatos da infância, acabo dando razão aos camponeses. Naquela terra árida, onde quase ninguém sabia ler, onde o trabalho duro começava na madrugada, e

onde a necessidade e o carecimento das coisas mais básicas eram uma realidade perene, crianças cegas que sabiam ler e escrever, através daqueles pontos minúsculos, para os agricultores, eram como uma sementeira incompreensível, milagrosa mesmo.

Aos dezesseis anos, decidi que queria ser jornalista. Na ocasião, lembro-me de que a nossa técnica de empregabilidade da pessoa cega sorriu daquele meu intento, e me perguntou, com a voz carregada de ironia e descrença: “Jornalista? E quem vai te dar emprego”?

Não escutei aquela voz. Caminhei do meu jeito, com meu braille e minha datilografia, e, em 1981, concluía meu curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e, contra todas as expectativas, quinze dias depois eu era contratada pelo Jornal O Norte, dos diários Associados, onde passei nove anos como repórter.

O braille que havia me permitido ler tantos livros, que havia sido minha ponte entre a formação estudantil, era agora ferramenta principal para minha profissão, ao lado da datilografia e do gravador.

E eis que a prática jornalística me encaminhou para a docência universitária, e, no ano 2000, fui aceita no programa de pós-graduação, em nível de doutorado, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ali me detive a refletir sobre o sistema braille na sua natureza semiótica.

Esse mergulho foi surpreendente. Olhar a célula braille por dentro, no seu processo de associação e combinação, no diálogo que estabelece entre a mão e o cérebro, fez-me compreender a revolução deflagrada pelo invento de Luís Braille. O relevo braille punha fim a um hiato de milhares de anos em que as pessoas cegas estavam impossibilitadas de participar da cultura intelectual, dos processos de educação, da leitura e da escrita.

Meu trabalho investigativo concluiu que a escrita braille é, por assim dizer, uma atualização da escrita manuscrita, agora numa interface tátil, atualização que precisa ser reconhecida pela própria história da escritura humana. O relevo, conformado na célula de seis pontos aptos a caber na polpa do dedo indicador, constitui-se, pois, num signo tátil que refina e habilita a mão da pessoa cega, para o

trabalho de decifração do mundo da leitura e da escrita, entregando-nos o passaporte para o ingresso numa luta com mais igualdade, por nossa cidadania plena.

Dessa trajetória, preciso referir minha participação como conferencista, em congresso internacional realizado em 2009, no prédio da Unesco em Paris. Na ocasião, pude visitar a casa de Luís Braille na aldeia de Coupvray.

No pequeno jardim da casa, coberto de neve, empreendi uma conversa íntima com o genial inventor da escrita em relevo. Amassando bolotas de neve, contei a Luís, sobre o progresso do seu sistema. Falei das máquinas braille, das impressoras, das fontes informáticas e do braille digital, incorporado nas formidáveis linhas braille.

Procurei outras palavras para lhe agradecer, e senti, naquelas bolotas geladas de neve, um suave calor, como se o próprio Luís estendesse sua mão para mim, naquele jardim encantado.

Como num turbilhão, junto à presença imaginada de Luís Braille, fiz uma espécie de inventário de tudo o que a cultura humana nos havia legado. Pensei nos sujeitos cegos das eras

pré-braille, desde os tempos primitivos, quando vivíamos completamente à margem da cultura, andarilhos das estradas, a mendigar por um pedaço de pão, ou mesmo trabalhando como escravos, nas condições as mais abjetas.

Como que num salto, cheguei às sociedades modernas, ao tempo do internamento das pessoas cegas em instituições, o tempo do próprio Luís e da sua invenção magistral.

E como que olhamos juntos para o presente, para o formidável progresso do braille no âmago das sociedades tecnológicas, quando eu testemunhei sobre um novo lugar ocupado pelas pessoas cegas, no mundo da educação, do trabalho, das ciências e da cultura em geral. Tudo isso realizado por essa espécie de chave dentada, célula de seis pontos, criando um sujeito capaz de tocar as palavras para decodificá-las.

Hoje, ao rever toda essa trajetória, contemplo uma longa pergunta em aberto: Qual será o futuro do braille? Nessa pergunta, cabem todas as expectativas, as inquietações, as esperanças de uma humanidade submetida a um modelo de desenvolvimento que empurra o nosso planeta a um destino sombrio.

Como estarão os sujeitos humanos daqui a cinquenta anos? A que políticas e condições de vida estarão submetidas as pessoas com deficiência? No conjunto de incertezas que já se avizinham da nossa existência, um gesto fundamental da cultura continuará íntegro e válido. O gesto de ler e escrever em braille. Essa conquista nunca mais sairá das nossas mãos. Esse legado sempre nos colocará na linha de frente na luta por nossa visibilidade, nossa cidadania.

CAPÍTULO 16

200 anos do Sistema Braille: de Louis à Luz

Regina Fátima Caldeira de Oliveira

Sentada confortavelmente numa poltrona, leio um livro que ganhei de presente de aniversário! Ahhh!!! Que presente incrível!

Minhas mãos planam pelas páginas que, para os que enxergam, parecem estar em branco, mas que para mim parecem repletas de luz!

Numa fração de segundos, pontos se convertem em símbolos, símbolos se conectam formando palavras, palavras se juntam formando frases, estas se unem e, por meio dos meus terminais nervosos, chegam à minha mente, ao meu coração e ao meu espírito, inundando-os de uma emoção intraduzível.

Nasci com aquela que muitos consideram a mais terrível de todas as deficiências. Talvez

assim seja, uma vez que, segundo dizem, mais de 80% de tudo o que está fisicamente no mundo só pode ser captado pela visão.

Felizmente, aquela menininha de oito anos de idade, cujo maior sonho era aprender a ler e a escrever, ainda não tinha recebido esta informação. Então, quando um anjo chamado Elza lhe apresentou uma reglete e um punção e, pouco tempo depois, entregou-lhe um cartãozinho com algumas palavras escritas em braille, que ela leu quase chorando de tanta emoção, soube que chegaria aonde quisesse chegar!

Meu ingresso numa escola regular do meu bairro talvez tenha sido o momento mais especial da minha vida! Orientada por minha professora especializada, a comunidade escolar me recebeu com algum receio, mas com muito carinho.

Meus coleguinhas, a princípio muito curiosos sobre a minha forma de ler e escrever, pouco tempo depois já me pediam que os ensinasse a também “fazer aqueles pontinhos”.

Meus livros didáticos, produzidos pela então Fundação para o Livro do Cego no Brasil

(hoje, Fundação Dorina Nowill para Cegos), traziam-me palavras e ideias novas, mostravam-me mapas de lugares distantes que eu não veria, mas cuja forma e localização registraria, davam-me autonomia para resolver cálculos e problemas matemáticos, contavam fatos que me ajudavam a entender o mundo... E mais: descreviam animais, vegetais e minerais; reproduziam em relevo monumentos e obras de arte. Assim, fui crescendo, recebendo pelo tato o conhecimento que meus colegas recebiam pela visão.

E porque adorava ler, visitei, sem intermediários, castelos e florestas encantadas, conheci princesas, fadas e duendes, escondi-me na ilha de Robinson Crusoé, brinquei com o Pequeno Príncipe, passei férias maravilhosas no Sítio do Picapau Amarelo, divertindo-me com Emília, sonhando com Narizinho e aprendendo com Dona Benta, além de me deliciar com os bolinhos de Tia Nastácia...

Como não dispunha de muitos livros, frequentemente relia as mesmas histórias, mas sempre encontrava em cada uma delas uma emoção nova... Além disso, essa prática me ajudava a ler cada vez mais rapidamente e,

assim, ter um aproveitamento sempre maior do Sistema Braille.

Já adulta, a leitura me guiou pela Europa de Shakespeare, pelo Rio de Janeiro de Machado de Assis, pelo Rio Grande do Sul de Érico Veríssimo, pela África de Mia Couto e por mil outros lugares que nunca vi, mas que explorei com mãos ágeis, curiosas e emocionadas.

É claro que o advento do livro falado me trouxe mais opções de leitura, mas sempre que me vejo diante da possibilidade de escolher entre um audiolivro e um livro em braille, não penso duas vezes e logo coloco minhas mãos em ação!

Com o passar do tempo, o braille tornou-se também um instrumento de diversão, com cartas e tabuleiros de jogos adaptados. Revelou-se uma garantia de privacidade na consulta de minhas contas de consumo e de minhas faturas de cartão de crédito. Trouxe-me segurança no uso de elevadores e na ingestão de medicamentos. Elevou a minha autoestima ao me proporcionar autonomia na leitura de cardápios e na identificação de meus cosméticos e de outros tantos produtos.

E mais... Não é raro eu receber, de familiares e amigos, convites de aniversário e de casamento, cartões de Natal e outras mensagens em braille que, em geral, levam-me a lágrimas de gratidão e alegria!

E por tudo isso, minha escolha profissional não poderia ter sido outra a não ser aquela que me permitisse continuar conhecendo o mundo ponto a ponto, tecendo a vida com linhas impressas e, principalmente, levando a crianças e jovens cegos a oportunidade de transformar mais de 80% de desvantagens em uma porcentagem incalculável de superações, descobertas e conhecimentos.

Hoje, as novas tecnologias me proporcionam momentos de cultura, lazer, interatividade, informação e muito mais! Todavia, estou convicta de que só me foi possível transpor os portais desta nova era graças à Luz de Louis, esses seis pontos mágicos capazes de ampliar horizontes e transformar vidas!

Não posso também deixar de dizer que o braille me trouxe muitos amigos de vários cantos do Brasil e de algumas partes do mundo. De alguns desses amigos, recebi o conhecimen-

to sobre o sistema, que eu buscava avidamente. Com outros, venho compartilhando esse conhecimento, na certeza de que eles o valorizam e continuarão a difundi-lo.

Homenageio cada um deles na pessoa da professora Dorina de Gouvêa Nowill, minha maior inspiradora e incentivadora que, mesmo não sendo uma leitora assídua de livros em braille, soube usar esse instrumento para sua maior independência e autonomia, além de lutar arduamente para que ele chegasse às mãos de crianças e de adultos por todo o Brasil!

E é com este singelo texto que celebro os 200 anos do Sistema Braille, na esperança de que ele continue chegando às mãos de todos aqueles que dele precisam para que possam, como eu, viver com independência, autonomia e dignidade e ser protagonistas de suas próprias histórias!

CAPÍTULO 17

Os geniais seis pontinhos: do pessoal ao pedagógico

Suzi Belarmino

Neste texto, pretendo remexer minhas memórias na vida pessoal e no âmbito pedagógico, relatando minhas vivências com o uso do braille, buscando demonstrar o quanto esse sistema traz autonomia, saber e empoderamento para pessoas cegas.

Eu sou a filha mais nova de uma família natural do interior de Pernambuco, e viemos morar na Paraíba quando eu tinha cerca de dois anos para facilitar o trânsito para os filhos cegos estudarem no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha. Tornei-me interna nessa escola aos quatro anos de idade, e isso foi muito difícil, pois sentia muitas saudades de casa e da minha mãe. Hoje agradeço ao meu pai que me forçava

a entrar no carro, pois, enquanto pedagoga, sei que educar é um processo doloroso, e a criança não tem noção do que é melhor para o desenvolvimento biopsicossocial dela.

Cheguei no Instituto dos Cegos em 1973 e entrei para uma turma de umas dez crianças que ficou sob os cuidados da professora Marciana. Fiz o jardim de infância e hoje sei que foi um intensivo de como construir habilidades para vivenciar a cegueira. Essa professora fez cursos em São Paulo e trouxe uma enorme experiência que desenvolveu com essa turma.

Aprendemos os rudimentos de todo o processo da coordenação motora, tão importante para o aprendizado do Sistema Braille, e foi graças a esses aprendizados que tenho uma coordenação motora muito funcional. Tenho vívidas lembranças das atividades dessa época, penso que éramos uma turma modelo das experiências dos grandes pedagogos, a exemplo de Piaget, Vygotsky e Maria Montessori. Pensando hoje, tudo o que aprendi nessa época era uma introdução para a alfabetização. Lateralidade, equilíbrio, atividades com argila, massa de modelar, ouvir

e dramatizar histórias, servir líquidos, atividades de vida autônoma, entre outras.

Aos cinco anos, iniciei a alfabetização pelo Sistema Braille e recordo que nosso primeiro livro se chamava: “Onde está o patinho”. Ficávamos encantados com os desenhos em braille e foi nesse livro que aprendi a canção: “Lá vem o pato, pata aqui pata acolá”. A professora lançou um desafio que quem aprendesse o braille primeiro ganharia um prêmio. Nossas regletes eram com prancheta, e passamos por todo o processo de aprender a colocar o papel e formar as letras. Lembro-me de que tinha um joguinho com pinos, chamado “criatrol”, onde também podíamos formar as letras. Além disso, a gente usava lápis de cera e pincel; eu adorava o cheirinho do pincel e da massa de modelar.

Ganhei o prêmio do desafio e hoje penso que foi um prêmio pedagógico. Uma bolsa escolar de couro com uma boneca dentro, que resistiu a todo meu ensino primário.

Depois que aprendi o braille, tenho vívida a memória de que aos seis anos, fui pedir meu primeiro livro na biblioteca. O primeiro livro que li foi: “O sítio do pica-pau amarelo” de

Monteiro Lobato, e lembro-me de um rosário de recomendações da bibliotecária para ter cuidado com o livro.

Em 1975, mesmo tendo escola no Instituto, nossa professora, seguindo o modelo de São Paulo, resolveu colocar nossa turma para cursar o ensino primário em escolas municipais de João Pessoa, quando ainda não se falava em inclusão e não era comum as escolas públicas receberem crianças cegas.

Essa professora nos acompanhou de forma integral em todo o ensino primário. Na época, não existiam os paradidáticos, e ela confeccionava todos os nossos livros didáticos na máquina Perkins. Sempre fizemos as leituras em sala de aula em braille junto com os demais alunos e nunca recebíamos os conteúdos com atraso.

Foi um processo verdadeiramente inclusivo. Participávamos de todos os eventos da escola, festas, brincadeiras no recreio e até educação física. Tinha um ou outro caso de *bullying*, pois crianças e adolescentes são cruéis em brincar com as diferenças, e alguns de nossos colegas cegos mais afoitos, ameaçavam furar os inimigos com o punção.

Sempre gostei muito de redação. Embora eu não fosse lá muito organizada com os cabeçalhos, pois era estabanada e começava logo a escrever a redação, as professoras sempre me davam boas notas por causa das ideias.

Fui aluna interna até os 12 anos de idade e cheguei a ganhar vários concursos de redação sobre o Natal, a Páscoa etc. Nesse sentido, tive vantagens por ter muitos irmãos cegos, e uma irmã que era professora sempre corrigia meus erros ortográficos. Por não termos o braille como leitura cotidiana nas nossas vivências, eu escrevia as palavras da forma como ouvia.

Lembro-me de que a primeira vez que tive contato com a língua inglesa na quinta série, sem nenhum material em braille, escrevia *gude mone*, do jeito que ouvia a professora falar. O braille no aprendizado de idiomas é fundamental.

Além de ler bastante livros, pois no Instituto tinha uma grande biblioteca, tínhamos cadernos e mais cadernos de músicas, além dos famosos diários que todo mundo já teve um dia. Eu tinha uma irmã que sempre descobria o meu esconderijo e lia os meus

diários! Também líamos os diários umas das outras.

Nas férias, trocávamos cartas com as amigas contando as novidades, as quais eram colocadas nos correios com o carimbo de cecograma e chegavam em diversos sítios na Paraíba.

Depois que fui para o ginásio, também em escola pública, saímos da tutela da nossa professora e passamos a ter professores itinerantes que também copiavam nossas apostilas na máquina Perkins. Na época, nós copiávamos muito em sala de aula. Sempre algum colega se oferecia para ditar e quando a gente voltava da escola ficava comentando quantas folhas tínhamos usado.

Lembro que a gente nem sempre usava papel todo branco, às vezes, era branco só de um lado, do outro lado era escrito em tinta. Quando era um trabalho para ser transcrito, a gente sempre perguntava qual era o lado branco para colocar o lado escrito para cima, para que o professor itinerante pudesse transcrever. Geralmente, as empresas doavam muito papel de rascunho ao Instituto para a gente utilizar na versátil escrita do braille, por isso, nossa

preocupação em organizar os papéis sabendo qual o lado branco. Às vezes eu fazia uma linha de traços do lado branco de cada folha.

Recordo que o primeiro dia de aula me deixava bastante ansiosa, principalmente se tivesse trabalho de grupo, pois ninguém queria colocar uma pessoa cega na equipe, mas sempre o agregador braille vinha me salvar e promovia a aproximação dos colegas, curiosos para conhecer a minha forma de ler e escrever. O braille me possibilitou fazer muitas amizades, sendo um poderoso agente de inclusão social.

Escolhi, no ensino médio, o curso pedagógico e continuei tendo professores itinerantes que faziam o acompanhamento pelo Instituto. Aos 18 anos, passei no concurso do Estado da Paraíba para ser professora primária e, aos 21, passei no concurso da prefeitura, também para ser professora; em ambos eu dava aulas no Instituto.

Sempre lecionei para turmas do terceiro ano primário e, em minhas aulas, eu usava bastante material concreto. Bingos de palavras, dominó de números e outros joguinhos que eu confeccionava. A gente lia alguns livros durante o ano letivo, inclusive a história de Louis Braille.

Cada semana um aluno ficava responsável em relatar um capítulo para a turma e depois eu lia o capítulo para todos.

Fiz o curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba e trouxe muito mais ideias para as minhas aulas. Fizemos muitas aulas de campo, e implantei a autoavaliação, na qual os alunos se avaliavam. O braille e o soroban eram bastante utilizados nas minhas aulas.

Ao longo da vida, trilhei outros caminhos, mas tive o braille sempre presente. Quando fui presidente do Instituto dos Cegos, anotava os nomes dos documentos e tinha agendas em braille.

Tive impressora braille em casa, onde confeccionei muitos cardápios de bares e restaurantes da Paraíba, pois também fiz o curso de revisor braille oferecido pelo MEC, no Instituto Benjamin Constant, quando trabalhava no Centro de Apoio Pedagógico – CAP, na Funad. Sempre gostei de trabalhar com revisão, formatação e impressão braille e ministrei um curso de revisor braille nesta mesma fundação.

Passei um período ensinando o braille a pessoas cegas adultas e com mais de 60 anos, em processo de reabilitação. Nessa ocasião, adquiri diversas experiências no campo pedagógico, além de buscar estratégias para desenvolver a coordenação motora fina dessas pessoas. Utilizei diversos jogos de encaixe e livros de texturas, caixas de palavras e o material riquíssimo de alfabetização da querida professora Maria da Gloria de Souza Almeida: “Aprendendo pelo tato”.

Percebi que alunos mais idosos e que tinham trabalhado em atividades como pedreiro, padeiro e outras do gênero, tinham mais dificuldades para ler o braille no papel. Confeccionei, então, alfabetos em acetato, e eles conseguiam reconhecer as letras. Também utilizava a linha braille, e eles identificavam as palavras de forma mais rápida que no papel. Quanto às palavras, já que o atendimento era individual, eu aproveitava o universo vocabular deles, de acordo com suas vivências, inspirada no método do professor Paulo Freire, e criava uma caixa de palavras para cada aluno.

Tive um aluno que foi dentista, e percebi que ele teve menos dificuldades para aprender

o braille, já que o dentista trabalha com materiais pequenos, que requerem uma boa coordenação motora fina. Em geral, os reabilitandos que tinham curso superior conseguiam aprender o braille mais rápido do que os que exerceram trabalhos manuais mais pesados e tinham pouca instrução.

Eu estimulava bastante esses alunos, inclusive cheguei a imprimir um livro de mensagens diárias para uma aluna praticar a leitura e escrita diariamente, já que ela não ia ao instituto todos os dias por morar no interior.

Também fui membro da Comissão Brasileira do Braille, onde participei ativamente de diversas atualizações das grafias e das normas técnicas para produção de textos em braille. Participei ainda da comissão brasileira de estudos e pesquisas do Soroban, onde fui revisora e coautora de duas publicações.

O braille está presente no meu cotidiano de diversas formas: nos medicamentos, nos eletrodomésticos, nos documentos, nas notas fiscais, nas embalagens de produtos, na identificação de exames, no elevador do meu prédio, no relógio de pulso e nas minhas anotações em palestras e seminários.

Sempre li livros em braille, impressos no Brasil e em Portugal. Era muito rápida na máquina Perkins e, depois do advento das impressoras e linhas braille, quando se trata de livros mais científicos, sempre opto por lê-los na linha braille, pois, como diz a professora Gloria Almeida, cegos brailistas têm um lastro ortográfico que lhe traz um grande conforto para escrever e se expressar, diferentemente dos que só ouvem os livros, que perdem todo o contato com a palavra escrita e que não exercitam o movimento tato/cérebro para criar conexões.

Durante o levantamento bibliográfico para a dissertação de mestrado, fiquei muito lisonjeada em encontrar uma menção a Louis Braille em um livro sobre criatividade; no qual, em um parágrafo falando sobre a criação do Sistema Braille, ele figura como um dos grandes gênios da humanidade.

Hoje, com as novas tecnologias, o braille está mais difundido, ao alcance dos dedos de diversas formas, quer pelo aumento da aquisição de impressoras braille portáteis e pelos *smartphones* que trazem a possibilidade de se simular o teclado braille via tela, quer

pelas linhas braille, que podem armazenar milhares de livros em diversos formatos para serem lidos em qualquer lugar, interagir com o *smartphone* e computador, já que são arquivos digitais, e as linhas apresentam um braille robusto e de muita qualidade.

Tendo em vista que a linha braille possui um teclado Perkins, eu a utilizo bastante, não só para leitura mas também para as minhas anotações em diversas situações, quer no meu trabalho no Tribunal de Justiça da Paraíba, quer para ler os *slides* das minhas palestras e para ler as letras das músicas nas apresentações culturais. Tenho uma linha braille portátil, que é um computador braille com acesso à internet, que me oferece infinitas possibilidades de utilizar o braille.

Por fim, destaco que o Sistema Braille traz autonomia, independência, domínio da ortografia das palavras, amplia o imaginário e a visão de mundo das pessoas cegas. No dizer de Helen Keller: “o braille são sementes de luz, levadas ao cérebro para a germinação do saber”.

CAPÍTULO 18

A história dos pontinhos que mudaram a minha vida

Natacha Rubank Lacerda

Essa história começou no interior de Minas Gerais quando uma menina de seis anos perdeu a visão. Ela gostava muito de estudar e estava começando a aprender as letrinhas.

Sabe aquele início da alfabetização quando o professor diz “Faça uma bolinha e puxe uma perninha”? Havia também outro exercício de que ela gostava muito: passar por cima dessas letras.

Perdi a visão exatamente nesse momento. A escola se tornou tão chata! Eu não tinha nada para fazer. Era uma escuridão total.

E os desenhos? Não dava mais para colorir dentro das imagens. As amigas tentavam ajudar, mas nada dava certo. Tudo isso me deixava triste e distante da escola.

Um dia meu tio visitou uma escola no Rio de Janeiro. Era muito longe, mas ele trouxe um livro diferente. Ele me disse que eu ia aprender as letras novamente.

Pensei: "Coitado do meu tio. Como isso seria possível sem enxergar?" Ainda bem que eu não disse nada, só pensei...

O livro diferente estava na casa da minha avó. Fiquei tão ansiosa que fui lá correndo para vê-lo. Minha saudosa avó me entregou o livro toda feliz. Lembro até do cheiro que senti naquele dia, pois a casa da minha avó tinha cheiro de café coado no fogão a lenha. Folheeí aquele livro grosso, toda empolgada. Mas quando as folhas iam passando, comecei a ficar desapontada. Como alguém poderia ler aquele monte de bolinhas todas desarrumadas? Isso só podia ser loucura do meu tio ou uma brincadeira.

Quando passei a última folha, vovó me disse: "Agora me entregue esse livro aqui." Perguntei: "Ué, como assim? Não vou ficar com o livro? Como vou aprender a ler desse jeito?"

Ela disse que eu iria aprender sim, mas não naquele dia. Disse, ainda, que minha mãe

já estava procurando uma professora para me ensinar a ler por meio daquelas bolinhas, ou seja, o braille.

Meu tio havia explicado que as bolinhas tinham o nome de braille. Perguntei: “O que é isso: braille?” Vovó respondeu zangada: “Ora, essas bolinhas! Chega de perguntas, me devolva o livro e vá brincar”.

Tudo continuou da mesma forma por um tempo. Eu ia todo dia para a escola, e não me ensinavam as letras.

Quando fiz 10 anos, minha mãe conheceu uma professora que sabia um pouco das bolinhas, quer dizer, do braille, mas ela só dava aula em outra cidade, no município de Miracema, no Estado do Rio de Janeiro. Cada vez que eu me deslocava para essas aulas, meus pais tinham que pagar dois ônibus e uma pessoa para me levar. Mas lá era bem legal. A escola era bem grande, mas minha turma só tinha seis alunos: três cegos e três com baixa visão.

A professora era um amor. Tudo ela me ensinava. Apreendi o tão famoso braille, que chamava carinhosamente de “bolinhas”.

Primeiro ela me apresentou uma máquina de escrever. Bastava combinar os botões para sair uma letra. Fiquei impressionada quando fiz a primeira letra. Não é que meu tio tinha razão? Era possível escrever sem ver. Ficamos um bom tempo nessa máquina.

Outra coisa bacana que aconteceu foi que minha avó me deu de fato o livro diferente. Disse que eu já estava pronta para ficar com ele.

Na semana seguinte, levei-o para a escola. Eu disse para a professora que queria aprender a ler todo ele. A professora me pediu calma e afirmou que a gente ia aprender tudo, mas seria por partes. Eu não me aguentava, mas tive que esperar. Queria muito lê-lo para minha avó.

Aprendi todas as letras na máquina.

Um tempo depois, a professora apareceu com uma reglete. Disse que podia levá-la para casa, já que a máquina não podia sair da escola.

Essa reglete era assim: uma madeira do tamanho de uma folha A4 e uma régua de ferro. Achei bem diferente. Outra coisa curiosa era o lápis. Ele encaixava no dedo e tinha o formato de uma carambola. Ia furando toda a folha e

saíam as letrinhas que iam se formando. Aprendi que o nome dele era punção. Essa forma de escrever era bem difícil. A gente escrevia de um lado e lia do outro. Mas com o tempo, também aprendi.

Depois desse processo, dediquei-me mais à leitura. Os dedos tinham que percorrer toda a linha. Não podia sair para linha de baixo, e isso era muito difícil.

Às vezes confundia uma bolinha com a outra e fazia a maior confusão. Por exemplo: confundia o “e” com o “i”, o “d” com o “f”, o que atrapalhava bastante na hora da leitura.

O que me deixava bem intrigada é que essa professora sempre falava para mim e para minha mãe que eu tinha que estudar no Instituto Benjamin Constant, na cidade do Rio de Janeiro. Não entendia por que eu deveria ir para outra escola se ali perto da minha casa eu já estava estudando.

À medida que o tempo foi passando, entendi a professora. Lá só dava para aprender o básico do braille. E chegou o momento em que ela não tinha mais o que me ensinar. Eu precisava de mais recursos.

Quando fiz 12 anos, minha mãe resolveu me matricular no Instituto Benjamin Constant, o famoso IBC para os mais íntimos.

No início, fiquei bem assustada, pois teria que deixar minha família em Minas e morar de vez no Rio de Janeiro. Além disso, eu ficaria interna na escola de segunda a sexta. Mas quando adentrei no IBC me apaixonei. Sabe aquilo de amor à primeira vista? Foi quase isso. Foi amor à primeira passada. Lá era o mundo dos sonhos, tinha braille de todas as formas. E havia vários colegas que sabiam muito de braille. Tinha até professor cego! Eu nunca tinha visto isso. Eu podia fazer bilhetinho para os colegas. Todos liam braille. Até desenho voltei a fazer na reglete. Nós fazíamos competição entre os alunos para saber quem escrevia e lia mais rápido. Era tudo pensado e planejado para o deficiente visual.

Lá nessa escola, estudei até a 8ª série, que agora é o 9º ano.

No Ensino Médio, fui para uma escola regular que não era muito acessível, mas como eu dominava o braille, tudo ficou um pouco mais fácil. Tentava escrever na reglete tudo o que os professores explicavam. Voltei a sentir muita

falta dos livros, já que essa nova escola não tinha nada em braille. Nunca imaginei que iria passar por tudo aquilo de novo. No IBC, tudo era acessível. Eu poderia escolher um livro para ler, e havia a opção desse livro em braille. Já na outra, não havia sequer os livros obrigatórios de cada disciplina na versão em braille. Passei a ter muita dificuldade devido à falta de acesso ao material em braille.

Comecei, então, a fazer leitura de ouvido por meio dos queridos leitores, que me emprestavam os olhos e suas horas. Os leitores eram pessoas voluntárias que liam para um cego. Graças a Deus, o tempo passou e o Ensino Médio também. Começou então uma nova fase, quando eu começava a me preparar para ingressar em uma faculdade.

No início, fiquei um pouco perdida. Estava em dúvida entre Direito e Letras. Optei por Direito. E foram cinco anos bem difíceis.

A tecnologia estava começando a ficar um pouco mais acessível para o deficiente visual. Comprei um computador e comecei a estudar bastante por ele. Concluí o curso de Direito, mas não era bem isso que queria. Voltei a fazer cursos profissionalizantes no IBC. Fiz um de

revisão de textos em braille. Gostei bastante. Logo depois, comecei a trabalhar com as revisões, mas foi por pouco tempo, pois logo passei para o meu primeiro concurso. Como o cargo era na área da educação, resolvi fazer a minha segunda graduação: Letras.

Nesse curso, pude contar com muitas obras em braille, tais como: Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina, Carolina Maria de Jesus, Cecília Meireles, Machado de Assis, entre outros. Fiz um dos estágios no IBC, e foi muito bacana viver um pouco dessa troca. Lembro que a gente fez um trabalho sobre Monteiro Lobato com os alunos. E era tudo em braille.

Na escola do município do Rio de Janeiro onde trabalhei por três anos, realizei algumas oficinas de braille para alunos videntes. Eles ficavam apaixonados pelo braille.

Agora já estava definido que gostaria de trabalhar com o braille. Era e é o que me faz feliz.

Comecei a fazer um trabalho voluntário em duas associações que ensinavam e produziam material em braille. Foi um momento maravilhoso. Nesse período, consegui ser

transferida para o Instituto Helena Antipoff, onde trabalhei com pessoas maravilhosas que também são apaixonadas pelo sistema braille. Juntas produzimos muita coisa: livros, maquetes, painéis acessíveis e toda as provas da rede em braille.

Acabei passando para o meu segundo concurso. Agora no município de Nova Iguaçu. Fiz a prova sem muita expectativa, mas acabou dando certo. O concurso era para professora de braille. Estou muito feliz dando aulas de braille em uma sala de recursos. Mas não pretendo parar por aí. Espero conquistar uma outra matrícula. Espero também, um dia, ver o braille com mais frequência no mercado. Quem sabe ir a uma livraria e poder escolher uma obra em braille.

Busquei escrever tudo isso para contar como o braille fez e faz toda a diferença na minha vida. Gratidão ao criador do nosso sistema.

E que o braille sobreviva por muitos anos fazendo a diferença na vida das pessoas com deficiência visual.

CAPÍTULO 19

Sistema Braille: tecnologia futurista com formato do passado

Cristiana Mello Cerchiari

Vasculhando na memória para começar a escrever este texto, encontrei referências não em braille, mas em *sites* e no YouTube; reflexo da era digital, à qual me adaptei muito bem. E muito rápido também. Portanto, estou muito feliz no presente. Porém, não abandonei o passado: uso esporadicamente a reglete, criada no século XIX por Louis Braille, e a máquina braille, criada pela Escola Perkins para Cegos em 1951. Tenho alguns livros nesse sistema, principalmente para consulta, mas pego alguns na biblioteca para lazer. Uso cada instrumento sempre que necessário/conveniente. Cada um tem seu papel, relevância e vantagens, e saio ganhando ao usar todos! Sou muito grata a quem os criou, e a cada um que trabalhou ou trabalha com transcrição braille.

Voltando mentalmente aos dias que já se foram, primeiro lembrei da música “Sessenta e três sinais”, gravada por Sérgio Sá e Tribo de Jah. A letra menciona expressões inspiradoras como “um cara muito além do seu tempo”, referindo-se a Louis Braille, e “encher de luz as mãos de quem não vê”, “tesouros do saber”, “armas na ponta dos dedos” e “mapa de 63 sinais”, remetendo ao Sistema Braille.

Outra canção simpática, que conta a história do acidente sofrido pelo pequeno Louis na oficina de seu pai, mas que não me cativou tanto, foi “Merci Louis”, de Terry Kelly, traduzida por mim e duas amigas para um grupo do *WhatsApp* chamado Sheila TraduSonhos.

Curiosamente, minha próxima referência também se originou devido ao Sheila TraduSonhos. Veio de fora do Brasil, mais precisamente dos Estados Unidos, e fala desse sistema criado na França sem falar sobre ele: é a música “The sound of Silence”, da dupla Simon e Garfunkel, que aborda o som do silêncio.

Juntando as letras de Sessenta e três Sinais e de The Sound of Silence, temos: o braille é um sistema de 63 sinais que nos

permite ouvir o som do silêncio! Nas leituras silenciosas que eu antes fazia no papel e que hoje faço mais na linha braille, que é um braille eletrônico, posso ouvir as palavras, cada palavra, cada letra, cada caractere. Posso ouvir o ritmo da minha leitura sem voz sintetizada ou humana, mais vagaroso num poema ou em textos bíblicos, e mais acelerado em textos jornalísticos. Posso reler os trechos que eu quiser, e ler em voz alta, com a entonação desejada, quando for o caso. Posso ler o texto primeiro em braille, concentrando-me em pontos interessantes ou importantes, e só depois ver um vídeo no YouTube em que outra pessoa lê o mesmo texto em voz alta. Enquanto ouço a leitura, relembro minha interpretação.

Nos livros em papel, lia e relia diariamente – e com as duas mãos – páginas finitas; na linha braille, acesso diariamente páginas infindáveis, lendo também com as duas mãos esses pontos que se renovam a cada linha e a cada caractere que edito em apenas um segundo. Os conteúdos variam de artigos a mensagens do *WhatsApp*, de *sites* a dicionários bilingues. A era da informação está aí, e o braille silencioso não ficou muito para trás. Só um

pouquinho. Ele acompanha-a quase lado a lado. Faltam ainda, no Brasil, incentivos financeiros para que crianças, adolescentes e adultos cegos, surdocegos e com baixa visão tenham igual acesso a sintetizador de voz, bem como a linhas braille e impressoras sempre que quiserem.

A meu ver, é um grande equívoco achar que as pessoas não querem mais utilizar-se do braille, pois apenas no “universo” da Linha Braille Acessível, campanha de financiamento coletivo que iniciei em 2021 por não poder guardar só para mim a alegria de ter em casa um dispositivo como esse, arrecadamos o suficiente para comprar 14 equipamentos entre 120 pessoas inscritas em quatro anos de projeto. Gostaria de ter comprado 120, é claro!

Louis Braille, por meio de seu sistema pioneiro e inovador, sempre me traz cultura e alegria de diversos modos e em diversas épocas. A primeira recordação que trago é a Linha Braille Acessível, pela qual tenho contato com pessoas com e sem deficiência visual do Brasil inteiro e com as quais intercambiamos conhecimento sobre esses equipamentos ainda pouco conhecidos no Brasil. Recordo também

a alegria de ter passado pelo pré-braille com a competente Vlade e, por boa parte da escola, com as inesquecíveis Wilma, Tânia e Sônia, sempre com o apoio firme e carinhoso da minha família; a oportunidade de ler, quando adulta, uma redação que escrevi em braille para a professora Elyette, que respondeu também em braille; a façanha de conseguir ler livros cada vez mais volumosos; a experiência de usar primeiro a reglete com papel, depois a reglete sem papel, que parece um “brinquedinho” o qual você perfura com um punção que vem encaixado nele, apaga os pontos com a unha ou pressionando um botão, e a reglete volta a ficar em branco, a fim de receber mais breves anotações. Recordo-me da alegria de receber em casa, aos oito anos de idade, a máquina Perkins que tenho até hoje, trazida dos Estados Unidos por um colega de trabalho do meu pai; da possibilidade de identificar meus CDs e outros produtos com braille escrito em fita rotuladora, antes da era do *Be My Eyes* com inteligência artificial e outros *apps* para celular; da surpresa de usar uma linha braille conectada ao computador e ao celular, ampliando possibilidades; da expectativa e do privilégio de receber em casa revistas em braille; da

compra de uma moeda comemorativa dos 200 anos de nascimento de Louis Braille, vinda dos Estados Unidos; do prazer de receber de presente uma “plaquinha” com meu nome no código de pontos em alto relevo (super nítidos, aliás, um “braille pro” feito por impressora 3D); da experiência de testemunhar o “milagre” de enviar um texto para a impressora braille ou de encantar-me com palavras e frases em português e em outros idiomas; do espanto ao descobrir, com a ponta dos dedos, que o nome de um conhecido meu era grafado “Hayrton”, com “h” e “y”, não “Airton”, com “i”. Sem contar da sensação de rir sozinha ao ler, naquele calhamaço de folhas em braille, a questão 16 de Matemática do vestibular da USP, a Fuvest: Quantas combinações possíveis existem no Sistema Braille? A alegria foi grande, e o medo de assinalar a alternativa errada também. Afinal, elas eram tão parecidas! Lembro que essa foi considerada uma questão difícil, e acho que foi anulada.

As recordações continuam fluindo como um rio, agora no braille pelo mundo, sendo adotado primeiro nas línguas latinas, a começar pelo francês, é claro. Afinal, elas baseiam-se na correspondência entre sons e símbolos

escritos. Depois vieram os idiomas de origem germânica, eslava e o árabe, as línguas orientais e os idiomas antigos. Pelo que li, ainda hoje existem línguas que não usam o braille.

As memórias são quase infindáveis, e foram registradas aqui não em ordem cronológica, mas aleatoriamente, na ordem da emoção. Impressionante como, nesse sistema, passado e presente convivem harmoniosamente nos instrumentos com celas de seis pontos da reglete e da máquina, e nas celas de oito pontos das linhas braille. Os “moldes” são quase os mesmos.

Um desafio presente é ampliar a unificação das tabelas braille e os códigos braille para áreas específicas utilizados nos diversos países, visando facilitar seu aprendizado, mantendo sua característica inovadora de adequação à percepção tátil. A meu ver, essa ideia foi parcialmente perdida no braille usado atualmente no Brasil, quando se alterou o ponto final. Antes, escrevíamos os pontos 2, 5 e 6. Agora precisamos usar apenas o ponto 3, que é também o apóstrofe. Ou seja, um mesmo símbolo em braille representa dois em tinta, o que deve ser evitado. Além disso, é mais difícil perceber apenas um ponto em alto relevo do que três.

Que surpresas, nos próximos cem anos, essa tecnologia futurista com formato de passado nos reservará? Que outras barreiras o braille poderá romper? Haverá pessoas com e sem deficiência para lê-lo, ou será que a medicina estará tão avançada em 2125 que a deficiência visual será coisa do passado, tornando esse sistema uma peça de museu? Existirão dispositivos melhores e mais baratos que a linha braille? Ainda serão utilizadas reglete, punção, impressoras braille e braille em papel? Serão compostas outras músicas sobre esse sistema tátil de escrita e leitura? Como serão as tabelas braille do século XXII? Os sinais de pontuação e acentos gráficos serão escritos da mesma forma no mundo inteiro? Os pontos braille ainda serão em alto relevo, ou será que a inteligência artificial ou os robôs criarão sistemas alternativos? Será possível ler braille com o cérebro, sem usar as pontas dos dedos? Juro que eu queria ser teletransportada um século à frente para saber as respostas. Porém, até o momento, só os autores de ficção (veja H. G. Wells, por exemplo), conseguiram fazer isso. No tempo presente, não consigo imaginar tais respostas, assim como nem Louis Braille nem José Álvares de Azevedo

conseguiram vislumbrar como esse sistema silencioso e inovador seria utilizado no século 21. Por enquanto, ficam as lembranças emocionantes e a expectativa para enfrentar os desafios “braillísticos” e “braillológicos”, além, é claro, da esperança de um futuro com mais braille para todos e em todos os lugares.

Dedico esse texto:

- Ao querido Sérgio Sá (em memória), músico e meu aluno de inglês, compositor e intérprete da música “Sessenta e Três Sinais”;
- À banda Tribo de Jah, responsável pelos arranjos e parte dos vocais dessa música, principalmente ao baixista Aquiles Rabello, meu ex-aluno, e ao vocalista Fauzi Beydoun, com quem tive um breve contato.
- A José Álvares de Azevedo, (em memória), responsável pela inserção do Sistema Braille no Brasil.
- A Louis Braille, (em memória), criador do código que leva seu nome.

CAPÍTULO 20

A importância da alfabetização em Braille na vida das pessoas cegas

Maria de Lourdes Brito Silva Ribeiro

Nos 200 anos do Sistema Braille, muitas pessoas foram transformadas graças a essa criação genial. Esse sistema é muito importante para a promoção da cidadania de inúmeras pessoas com deficiência visual no mundo. Comigo não foi diferente. A minha vida foi transformada a partir do conhecimento da leitura e da escrita braille.

Este texto aborda um pouco minha própria vivência, pois tenho deficiência visual desde o nascimento devido a uma patologia chamada retinose pigmentar. Até os 14 anos, eu tinha baixa visão, mas a doença evoluiu para a cegueira total. Oriunda da zona rural de Porteirinha (MG), enfrentei inúmeras dificuldades em minha alfabetização, que só

consegui concretizar aos 19 anos, após cursar com êxito a educação de jovens e adultos. Para isso, tive que me mudar de meu local de origem para a casa de parentes na cidade de Janaúba (MG). Depois de cursar o supletivo e concluir o ensino fundamental e médio, pude frequentar a universidade pública, a Universidade Estadual de Montes Claros, e me graduar em dois cursos superiores, História e Pedagogia.

Em seguida, cursei uma pós-graduação em alfabetização, letramento, matemática e suas linguagens. Toda essa caminhada foi graças à minha alfabetização por meio do Sistema Braille. Antes, eu ainda não tinha esse olhar mais amplo sobre a importância da leitura e da escrita braille, uma vez que fui alfabetizada fora da idade escolar.

Atualmente, sinto a necessidade de aprofundar meu entendimento cada vez mais sobre o processo de alfabetização e sobre como ele se aplica na vivência de cada pessoa cega ou com baixa visão em diferentes contextos e linguagens. Minha formação tem contribuído imensamente para minha compreensão, ampliando minha visão de mundo e permitindo que eu me conecte de forma mais rica com

minha prática educacional. Além disso, tive a possibilidade de trabalhar no Centro de Apoio Pedagógico às Pessoas com Deficiência Visual, no núcleo de produção, como professora revisora de textos braille, e, mais recentemente, de conseguir aprovação no concurso municipal de educação como professora da educação básica nos anos iniciais aqui em Montes Claros (MG). Toda essa caminhada só é possível graças aos recursos acessíveis e ao aprendizado do braille e das tecnologias assistivas.

Como se deu a alfabetização das pessoas com deficiência visual?

O braille é um sistema de leitura e escrita tátil utilizado por pessoas cegas. Ele utiliza pontos em relevo que formam letras, números e símbolos, permitindo que a pessoa sinta e identifique os caracteres com os dedos. O sistema foi criado por Louis Braille, um francês que perdeu a visão quando criança, devido a um acidente. Louis desenvolveu esse sistema baseado em um código militar criado por Charles Barbier para comunicação noturna. Louis Braille faleceu aos 43 anos em 1852, devido a uma tuberculose. O legado de seu

trabalho transformou a educação e a vida de milhões de pessoas com deficiência visual no mundo.

No Brasil, a alfabetização braille começou a ser implantada em meados do século XIX, em 1854, com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos no Rio de Janeiro, atual Instituto Benjamim Constant. O primeiro professor especializado a trabalhar com o método braille foi uma pessoa com deficiência visual chamada José Álvares de Azevedo, que foi um pioneiro na introdução do Sistema Braille. Esse sistema é composto por uma cela de seis pontos em relevo que podem ser combinados de várias maneiras e formar letras, números e pontuações, bem como símbolos matemáticos e musicais.

Após a morte de seu inventor, recebeu o nome de “braille” e proporcionou uma revolução na educação de pessoas com deficiência visual, possibilitando que tivessem acesso ao conhecimento e à leitura de forma independente, permitindo uma maior inclusão dessas pessoas na sociedade e dando-lhes a oportunidade de estudar, trabalhar e se comunicar de maneira mais eficaz.

A importância do Sistema Braille para as pessoas com deficiência visual

Para entender o que é esse sistema, faz-se necessário conhecer como ocorre esse processo através da leitura e escrita usado por pessoas com deficiência visual. Ele é composto por uma combinação de seis pontos em relevo que formam letras, números, notação musical, pontuações, acentuações gráficas, química, dentre outros. Cada símbolo braille pode ser lido pelo tato, possibilitando a leitura sem a necessidade da visão.

O braille é crucial para a inclusão social e educacional de pessoas com deficiência visual. Ele não só promove a alfabetização mas também garante independência, possibilitando o acesso à leitura e escrita em diversas áreas do conhecimento, como nas ciências naturais e humanas. Além disso, o aprendizado do braille proporciona maior acesso ao mundo do trabalho e participação ativa na sociedade.

Esse sistema é baseado em um alfabeto de 64 símbolos, formados por diferentes combinações de pontos. O processo de leitura ocorre através do toque, e existem várias formas de escrever em braille, por exemplo,

com a reglete e o punção, ou com a utilização de máquinas braille e dispositivos eletrônicos que permitem a leitura e escrita através do meio digital. O braille é considerado uma tecnologia assistiva indispensável para a alfabetização de estudantes com deficiência visual, especialmente onde a alfabetização é essencial para o sucesso pessoal e profissional.

Os cursos de formação para professores são fundamentais, garantindo que os profissionais da educação estejam preparados para atender estudantes com deficiência visual de forma eficaz. A formação continuada oferece conhecimentos e ferramentas a fim de que os professores possam adaptar o conteúdo e as estratégias de ensino às necessidades desses estudantes. O letramento e a alfabetização para pessoas com deficiência visual consistem em proporcionar a esses educandos habilidades de leitura e escrita adaptadas às suas condições, com o uso de tecnologias assistivas e, principalmente, o uso do Sistema Braille, permitindo que elas participem ativamente na sociedade e no processo educacional.

A importância dos cursos de formação para o ensino de braille e outras técnicas de apoio à

deficiência visual é imensa. Esses cursos garantem que professores e profissionais da educação estejam capacitados para trabalhar com necessidades específicas de estudantes cegos e dos que possuem baixa visão, permitindo um processo inclusivo e eficaz. A formação continuada é fundamental para que esses profissionais possam adaptar seus métodos de ensino e fornecer as ferramentas necessárias para o aprendizado desses estudantes.

Dessa forma, a alfabetização é um direito fundamental para todos, e, para as pessoas com deficiência visual, o Sistema Braille representa muito mais do que um simples sistema de leitura e escrita. Ele simboliza autonomia, inclusão e acesso ao conhecimento.

Em 2025, o mundo celebra os 200 anos da criação do braille, um sistema que revolucionou a educação e a comunicação de milhões de pessoas cegas por todo o mundo. Criado por Louis Braille, esse sistema tem sido essencial para garantir que pessoas com deficiência visual tenham acesso à informação e à educação em pé de igualdade com os demais educandos no Brasil.

A alfabetização de pessoas com deficiência visual ainda enfrenta desafios, especialmente nas regiões mais distantes dos grandes centros urbanos, como é o norte de Minas Gerais, por exemplo.

A falta de infraestrutura adequada, materiais didáticos acessíveis e professores especializados dificulta o acesso dessas pessoas à educação de qualidade. No entanto, iniciativas como os Centros de Apoio Pedagógico as pessoas com deficiência visual (CAPs) têm desempenhado um papel crucial na promoção da alfabetização inclusiva. O CAP de Montes Claros, por exemplo, tem sido um importante aliado na formação de estudantes cegos e com baixa visão, oferecendo cursos de braille, adaptações de materiais e capacitação para professores.

É essencial que o processo de alfabetização vá além do ensino mecânico da leitura e da escrita. Como defendido por Paulo Freire, a educação deve ser libertadora, baseada na realidade do educando e voltada para a sua autonomia. Para uma pessoa com deficiência visual, aprender braille significa muito mais do que decodificar símbolos, é uma

forma de compreender o mundo, comunicar-se e exercer sua cidadania de maneira plena. Nesse sentido, o ensino do braille deve estar integrado ao conceito de letramento, permitindo que o estudante utilize a leitura e a escrita de forma significativa no seu dia a dia.

A ampliação da alfabetização em braille nas áreas mais afastadas das capitais é uma necessidade urgente. Muitas crianças e adultos com deficiência visual ainda enfrentam barreiras para acessar a educação em suas comunidades. A descentralização dos serviços de ensino, a formação de professores especializados e o fortalecimento de políticas públicas inclusivas são fundamentais para garantir que ninguém fique para trás no processo educacional.

Enfim, comemorando os 200 anos do braille é essencial reconhecer sua importância e reforçar o compromisso com a inclusão e o direito à educação para todas as pessoas, independentemente de sua condição visual ou localização geográfica. O acesso à alfabetização é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

A alfabetização em braille é muito importante, aliás, é o início da inclusão da pessoa com deficiência visual na sociedade, contribuindo ativamente para o trabalho, o lazer, a cultura e a educação. Em outras palavras, a alfabetização braille é assaz importante na promoção da cidadania, assim como ocorreu comigo, que saí da zona rural, fui alfabetizada em braille na idade adulta e, atualmente, faço minha contribuição cidadã para que outras pessoas com deficiência visual construam suas histórias, enfrentando menos dificuldades.

CAPÍTULO 21

Sistema Braille: a escrita que transforma vidas e garante autonomia

Luzia Alves da Silva

Inicio este texto trazendo dois aspectos que muito me motiva, me orgulha e, principalmente, demonstra objetivamente a relevância do aprendizado do Sistema Braille na minha trajetória de vida.

O primeiro deles refere-se à relevância histórica da criação do Sistema Braille por Louis Braille. Conforme preconiza o autor Vygotsky, em Obras Completas – Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia, de 2022: “Um ponto do Sistema Braille tem feito mais pelos cegos que milhares de filantropos; a possibilidade de ler e escrever tem resultado ser mais importante que o “sexto sentido” e a agudeza do tato e da audição”.

O segundo aspecto diz respeito à forma pela qual eu, ainda na infância, fui apresentada ao Sistema Braille. Assim como ocorre na maioria das famílias quando do nascimento de uma criança cega, meus pais, desde muito cedo já buscaram tratamento, o qual se iniciou aos três dias do meu nascimento em uma cidade próxima à minha e, depois, passou a ser apenas um acompanhamento anual, na Unicamp, até os nove anos. Isso porque, nesse acompanhamento dos meus nove anos, algo muito significativo me ocorreu: O Dr. Cosme, médico que me atendia, resolveu ter uma conversa muito importante comigo. Sim, ele disse que o que ele ia dizer era para mim e não para os meus pais.

E iniciou: “Luzia, você nasceu sem o globo ocular e, por isso, não há como reestabelecer sua visão.” Fiquei um pouco assustada porque eu queria muito estudar. E ele continuou: “Mas isso não significa que sua vida deve parar, ao contrário, existem muitas possibilidades para você. Você pode estudar, ler e escrever...”. E antes que eu perguntasse como, ele continuou: “Existe um tipo de leitura criado especificamente para que as pessoas cegas consigam utilizar:

é o Sistema Braille. Sim, por meio dele você pode aprender a ler e a escrever. Ah! E eu sei braille. Vou fazer um documento que seus pais deverão entregar na escola para que possam te receber e, quando você aprender, quero receber uma cartinha sua escrita em braille me contando.

Segundo Regina Fátima Caldeira Oliveira escreveu em “Dorina Nowill e a escada da vida”, em 2014, a primeira menção ao Sistema Braille ela ouviu de um dos oftalmologistas que a atenderam. Esse médico, que ela chamava de “tio Chiquinho” por ser tio de uma de suas amigas, contou-lhe que Louis Braille, um jovem cego francês, havia inventado um alfabeto para as pessoas cegas. Sim, assim como para Dorina Nowill, para mim também o braille me foi apresentado por um médico. Quiçá essa cultura ainda prevalecesse.

Mas, vamos retomar o propósito deste trabalho: a relevância do Sistema Braille para a minha autonomia e independência.

Sou a segunda filha do casal, residíamos em uma cidade pequena, e meus pais não eram alfabetizados. Por conta disso, as iniciativas de ensino para cegos na cidade surgiram a partir

de mim. Ou melhor, da cartinha do Dr. Cosme, a qual eu insisti para que a minha mãe entregasse na escola um dia após nosso retorno de Campinas. E mais, nesse mesmo dia, eu já quis ficar na escola e não aceitei as justificativas da diretora falando que eu tinha que esperar. Eu falei que o médico havia me dito que eu poderia estudar, que a minha melhor amiga que era mais nova que eu já estava estudando então eu também queria estudar. Foi então que, mesmo eu tendo nove anos, permitiram-me ingressar na pré-escola até resolverem a situação.

Em um mês, eles já haviam me colocado no 1º ano, e a minha professora da pré-escola se propôs a ir fazer, em 1986, os intitulados “Cursos Adicionais na área da Deficiência Visual” e, concomitantemente já ir me atendendo.

De início, só tínhamos a sala, o meu interesse em aprender e a disposição dela em ensinar. Ela organizava os atendimentos de forma a contemplar o aprendizado de conteúdos escolares, as atividades do pré-braille, o ensino do sorobã e a organização de um programa de ensino de atividades de vida diária.

Por conta desse trabalho, logo iniciei o aprendizado do Sistema Braille e, mediante prova de reclassificação, já em 25 de agosto de 1986, eu fui transferida para a 4ª série.

Desde então, obviamente que enfrentando diversos desafios, mantive-me sempre no ensino regular. Tais desafios foram para mim uma mola propulsora que me impulsionaram sempre a aprender mais, a buscar mais e a me constituir enquanto a pessoa que eu me tornei hoje.

Apropriar-me da escrita braille representou um marco significativo no meu processo de desenvolvimento. Com a reglete e a punção, eu aprendi a escrever de forma correta; por meio da cartilha “Caminho Suave”, eu adquiri agilidade na leitura; pela leitura do livro “Sexualidade na Adolescência”, eu compreendi questões que me fizeram ter uma transição da infância para a adolescência de maneira tranquila e consciente; mediante a leitura de livros literários (A Moreninha, A Viuvinha, Cinco Minutos, Dom Casmurro e muitos outros), eu pude conhecer mais sobre a nossa história. Tudo isso permitiu-me apropriar-me de aspectos relativos à cultura, à

literatura brasileira e, até mesmo, ampliar minhas formas de criar, fantasiar e interpretar meus sentimentos.

Estudar para mim nunca foi difícil. Mas sim, eu tinha calos por conta de escrever com a punção. Isso porque, enquanto os meus colegas tinham o livro, eu não o tinha e precisava copiar os exercícios e respondê-los. Além disso, se eu perdia a punção, eu precisava escrever com caneta Bic; se meus pais não conseguiam comprar o papel com maior gramatura e a escola também não tinha, eu precisava escrever em duas folhas sulfites comuns. Mas nada disso me fazia pensar em desistir, ao contrário, eu tinha clareza de que essa era a forma que eu teria de conseguir superar os obstáculos e poder conquistar um emprego e ter uma vida mais tranquila.

Destaque-se aqui o papel do atendimento educacional especializado específico da área da deficiência visual não apenas como um suporte à minha escolarização mas também como um mecanismo de fortalecimento de ações que ampliaram as minhas possibilidades de inserção social na medida em que, por meio do aprendizado do Sistema Braille, da atividade

de vida diária, da orientação e mobilidade, eu pude adquirir a autonomia e a independência necessárias a tal processo.

Conforme mencionei acima, desafios existiram – desde falta de material didático acessível, passando por professores que desqualificavam meu potencial para aprender e me desenvolver, inclusive com situações de enfrentamento para poder ser aceita em escolas, até a resistência ao preconceito e a negligência de instituições de ensino superior que me negaram o direito de realizar um vestibular. No entanto, sinto-me privilegiada por ter conseguido superar os obstáculos e chegar até aqui. E mais do que isso, sei que nada disso seria possível se não houvesse pessoas (familiares, docentes e amigos) que valorizassem o meu potencial, mostrando-me os caminhos que eu precisava percorrer, ensinando-me que, se eu aprendesse a ler e a escrever através do braille, eu poderia sim acessar os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos nas suas formas mais elaboradas, bem como seria capaz de estudar, formar-me, trabalhar e de ser mãe de forma autônoma e independente.

Para finalizar, esclareço que meu intuito com esse texto não é representar um conto de fadas, ao contrário, minha intenção é explicitar a relevância do aprendizado do Sistema Braille enquanto uma ferramenta que nos possibilita o acesso à cultura e aos conhecimentos produzidos pela humanidade. Por conta disso, trata-se de um instrumento que nos modifica, desenvolve e torna sujeitos conscientes, criativos e capazes de decidirmos sobre nossas vidas, bem como de interagirmos de forma qualitativa no espaço social do qual somos parte.

Hoje, considero-me uma profissional realizada, cursei o mestrado e sou doutoranda em educação. E se me questionarem: Qual é o papel do Sistema Braille em sua vida atualmente? Eu respondo: é a minha forma legítima de leitura e escrita. Eu a utilizo para fazer anotações, ministrar uma palestra, identificar objetos ou ler um livro que eu necessite (caso eu o encontre impresso). E, por conta disso, eu não só o dissemino aos meus colegas e alunos, mas também compro produtos que contenham a escrita braille; valorizo e leio o braille no elevador ou numa

placa de identificação; incentivo a sua colocação nos produtos de qualquer natureza e nas placas de identificação; reclamo quando, na farmácia, colam etiquetas em cima do nome do medicamento escrito em braille.

Essas são algumas das ações que nós, usuários do Sistema Braille, podemos fazer em defesa da nossa escrita e que não nos demanda esforço, apenas consciência, empenho e dedicação.

A tecnologia nos possibilitou sim acesso de forma ágil às informações, porém, é através da escrita braille que podemos compreender as particularidades da organização da escrita. E tal compreensão nos permite ampliar nossas possibilidades de nos expressar e de interpretar a realidade na qual estamos inseridos. Quiçá um dia todos os sujeitos cegos possam ter acesso ao braille por meios tecnológicos. Não é sobre desvalorizar os avanços que a ciência nos proporciona, e sim sobre ressignificá-los, com vistas a facilitar nossas existências.

CAPÍTULO 22

A importância do Braille em minha vida

Fernanda Oliveira Basilio

Este é, sem dúvidas, um tema maravilhoso. O que dizer do braille? São seis pontos que nos permitem ler, escrever, criar, contar, aprender e ensinar. Sou leitora assídua no Sistema Braille desde os seis anos de idade, mas foi aos 11 anos que minha vida mudou. Foi aí que eu entendi a importância desse sistema maravilhoso!

Entendi o quanto o braille é importante para nós, pessoas cegas, pois com ele podemos descobrir o mundo das letras, das palavras, podemos dar o início no incrível mundo do saber e do aprender.

Através desses seis pontos incríveis, descobri o mundo dos livros; visitei lugares que meus pés sequer ousaram pisar; descobri palavras que fizeram todo o sentido; aprendi lições que jamais esqueci.

E os livros? Ah, estes sempre me levaram para lugares lindos e mágicos, que somente quem conhece o poder da leitura pode chegar. Devemos tanto ao Louis Braille, que, na adolescência, transformou seis pontos em palavras que atravessam os séculos, que se juntam, se fundem e clareiam nosso mundo.

Fiz meu ensino fundamental todo usando esse sistema, e foi graças a ele que minha base educacional se manteve de pé! Braille, sistema maravilhoso, que tanto me faz bem e feliz, que tão bem me enriquece, que tanto me enche o coração de felicidade.

Obrigada Louis Braille. Obrigada por inventar esse sistema tão importante, tão rico, tão memorável. Obrigada por nos abrir a porta do saber. Obrigada por fazer de cada ponto, um degrau que nós cegos subimos rumo ao conhecimento! Sou imensamente feliz por conhecer esse sistema de escrita e leitura tátil!

Viva os 200 anos de criação do braille!
Viva Louis Braille! Viva esse sistema maravilhoso!

CAPÍTULO 23

A escrita no alcance das mãos

Cristiane Carla Wronski

Nossa vida é cheia de barreiras, desafios, conquistas, alegrias, tristezas, novidades. Quando somos crianças, tudo é novidade e motivo de alegria e euforia: um novo brinquedo, um novo amigo, um novo lápis, um novo caderno para ir à escola. Cada etapa é vivida com intensidade: nascer, engatinhar, falar, andar, correr, conhecer um novo lugar, ir à escola, pegar o lápis na mão, aprender uma letrinha, um número. Tudo isso é visto e aprendido com muita emoção. Porém, algumas vezes, não vou dizer que é por força do destino ou porque Deus quis assim, nada disso, só que apenas uma limitação é imposta na nossa vida e nos obriga a ver o mundo de uma outra forma, pela ponta dos dedos.

Meu nome é Cristiane, tenho 33 anos, moro em Santa Catarina, em uma pequena

cidade do extremo oeste do estado, chamada Descanso. Desde pequena, sempre fui muito estudiosa, adorava ir à escola, ter um livro nas mãos e ter as letrinhas fazendo parte do meu dia. Comecei a ir para a escola aos cinco anos. Me alfabetizei muito rápido, no primeiro semestre do mesmo ano que iniciei na escola já sabia escrever todas as letras do alfabeto, e tudo que eu via ficava tentando ler. No início do segundo semestre, minha vida virou de ponta cabeça, a escuridão tomou conta dos meus olhos, literalmente.

Em agosto de 1997, em uma tarde ensolarada, minha mãe conta que fui dormir um pouco depois que cheguei da escola e quando acordei, perguntei pelo meu pai, onde ele estava que já estava ficando escuro, mas era apenas por volta das quatro horas. Minha mãe ficou muito preocupada, pois meus pais já haviam recebido um comunicado da escola solicitando que eles procurassem um médico oftalmologista. Havia sido realizado um teste de visão na escola, e perceberam que eu estava com dificuldades. Meus pais prontamente procuraram ajuda, e eu já havia sido encaminhada para um especialista na cidade

de Florianópolis, só estávamos aguardando a data da consulta. Nesse dia, porém, fui encaminhada com urgência para o hospital de olhos em Florianópolis.

Foram dias bem difíceis e turbulentos, mas acredito que mais para meus pais. Meu pai sempre me acompanhou nessas idas para consultas e cirurgias em Florianópolis, e ele conta que mesmo com tanta correria, com a distância, cerca de 700 quilômetros da minha cidade até Florianópolis, eu estava sempre sorrindo e querendo aprender a tabuada durante as viagens. Meus pais contam até hoje que fui eu quem os ajudou a superar e a aceitar a minha limitação, pois estava sempre disposta, com sorriso no rosto, e não via dificuldades em fazer as coisas.

De acordo com os médicos, eu estava com descolamento de retina nos dois olhos. Em um deles, eu poderia ter perdido a visão quando ainda era bebê. Foram dias bem complicados, com muitos exames e consultas, logo fiz uma cirurgia nos primeiros dias de setembro e passei meu aniversário de seis anos longe de casa, com um tampão no olho. Ganhei uma festa surpresa na casa de alguns amigos onde eu e

meu pai estávamos ficando, recebi presentes e muito apoio e carinho de todos.

Naquela época, próximo da minha cidade, não tinha médicos especializados nessa área, então passei o restante desse ano e o ano seguinte me deslocando praticamente uma ou até duas vezes por mês para Florianópolis para fazer acompanhamento com o oftalmologista. Passei por três cirurgias e um transplante de córnea que, infelizmente, deu rejeição.

Os médicos nos falaram que tinham feito tudo o que era possível e que agora meus pais deveriam procurar uma aula especial, em que eu pudesse aprender braille, orientação e mobilidade e outras questões a respeito da deficiência visual. Lá mesmo, tive a oportunidade de conhecer a Fundação Catarinense de Educação Especial que é especializada no atendimento das pessoas com deficiência visual. Passei esse período longe da escola, então foi maravilhoso ter conhecido esse espaço, que me acolheu e onde me mostraram novas possibilidades de aprender. Foi lá que tive o primeiro contato com o braille, quando pude conhecer aqueles pontinhos, que até então me eram desconhecidos. Foi uma

experiência única saber que eu poderia continuar estudando, aprendendo e lendo só que de uma forma diferente.

No ano seguinte, voltei a minha rotina, com muitos desafios, muitas novidades, mas com muita determinação. Foi muito desafiador, aos seis anos, ter que reaprender a andar, a ler e a escrever, bem como me locomover pelos espaços, mas estava muito animada, e meus pais, sempre me apoiando, não mediram esforços para me ajudar no que eu precisasse. Comecei a frequentar a sala de recursos, que na época se chamava Saede, e ao mesmo tempo frequentava o ensino regular. Mesmo com algumas limitações, eu estava fascinada com tantas novidades.

As formas de aprender o braille eram inúmeras. Minha professora era muito criativa; ela fazia cartazes com o alfabeto com as letras escritas normais e, depois, passava cola autorelevo; além disso, também colava botões formando as letras em braile. Em uma ceca de madeira, com seis buracos, três na esquerda e três na direita, eu formava as letras usando bolinhas de gude. No primeiro ano, já estava alfabetizada, aprendi muito rápido, praticava

na escola e em casa. Minha mãe me auxiliava a decorar as letras e a posição dos pontos. Logo comecei a escrever com a reglete e com a máquina de escrever braille, o que me ajudou muito, pois levava a reglete para a escola regular e escrevia todas as palavras que ia aprendendo com ela. Na terceira série do ensino regular, consegui emprestada uma máquina braille do Saede, o que me ajudou muito, pois poderia escrever com mais rapidez o que os professores passavam no quadro negro.

Assim se passavam os anos, e a minha paixão pelo braille aumentava. Nas aulas de orientação e mobilidade, saíamos para caminhar nas ruas, e eu queria ir nos mercados ou nas farmácias só para ler nas caixinhas o que estava escrito em braille; ficava fascinada mesmo tendo muito poucos rótulos disponíveis em altorrelevo, comparando com hoje em dia.

Por volta do ano de 2003, com a ajuda de muitas pessoas e por uma rifa, conseguimos comprar uma máquina braille. Eu fiquei muito feliz, pois agora além da escola, eu poderia ter ela em casa e escrever minhas histórias e fazer os meus trabalhos de aula. Tudo o que eu podia eu escrevia no braille: fiz minha própria agenda,

anotei partes de livros que eu lia e gostava, fiz o calendário do ano, fiz o braille nas cartas de um baralho, escrevi em braille as cores e coleí nos lápis de cor para saber qual cor era, fiz as letras e coleí no teclado do computador até decorar a ordem das letras, enfim, em tudo do meu dia a dia estava incluído o braille.

Quando adquiri a máquina braille, minha vida ficou muito mais fácil com os estudos. Durante as aulas, conseguia acompanhar e escrever o que os professores escreviam no quadro negro e fazer minhas anotações para poder ler depois, digitava em braille os trabalhos solicitados e, após, como eu já havia aprendido a escrever em tinta antes de perder a visão e ainda praticava, transcrevia a caneta em cima do braille para os professores poderem ler e fazer as correções. Nessa época, também iniciei um curso de inglês, e como eu gostava de ter o material em mãos, pois acredito que a gente aprende muito mais lendo as palavras, eu pegava uma apostila emprestada da escola, minha mãe me ditava, e eu passava toda a apostila para o braille.

Sempre gostei muito de ler, então, às vezes, por falta de opção, eu acabava lendo

livros no formato digital. Por isso, quando chegava à escola algum livro de literatura, ou quando eu recebia livros ou revistas de algumas instituições para cegos, como o Benjamin Constant, a Fundação Catarinense de Educação especial e a Dorina Nowill, eu ficava muito feliz e não parava até terminar de ler o livro.

Em 2011, fui para a faculdade e me formei em psicologia em 2016. Um pouco diferente da escola, na faculdade tinha muita coisa para ler, muito livro, muitos artigos, e, querendo ou não, eu tive que partir para o lado da tecnologia. A maioria das minhas leituras eu fazia no computador com os leitores de tela, mas sempre que eu conseguia, passava algum conteúdo para o braille ou fazia algumas impressões em braille na impressora que o município havia adquirido.

Depois que saí da escola, fiquei um pouco afastada das leituras, pois não tinha mais acesso aos livros de literatura que as instituições enviavam para a escola, mas sempre que eu conseguia, pegava emprestado os livros para ler.

Em 2023, através das redes sociais, conheci o projeto Linha Braille Acessível,

idealizado pela professora Cristiana Mello Cerchiari de São Paulo. Essa campanha visa adquirir linhas braille para as pessoas com deficiência visual, através de rifas e doações feitas pelos participantes, e o dinheiro é inteiramente destinado para a compra de linhas braille. Me inscrevi no projeto e fui sorteada com a primeira linha braille de 2023. Fiquei muito feliz com a minha aquisição, e, a partir daí, tudo que eu quisesse eu poderia ler em braille, era só conectar no celular ou no computador, e tudo se transformava nesses belíssimos pontinhos. O acesso aos meus livros ou ao meu curso de inglês ficou muito mais fácil, sem contar a praticidade e a agilidade, sem precisar ocupar tanto tempo para digitar na máquina braille.

Em 2024, tive conhecimento do maravilhoso projeto Clube do Livro em Braille, criado pelo Instituto Benjamim Constant, que contempla pessoas com deficiência visual inscritas. É enviado para o inscrito dois exemplares de livros, um escolhido pelo usuário e o outro pelo projeto, e, em seguida, é feita uma roda de conversa sobre o tema do livro. Já recebi os meus exemplares no final do ano e

estou maravilhada tanto com os conteúdos quanto em poder ter o livro nas mãos.

Por fim, acredito ser de extrema importância para nós, pessoas com deficiência visual, termos acesso e sabermos ler e escrever o braille, já que é uma escrita que foi criada e aprimorada para o nosso uso e nossa alfabetização. De forma particular, sinto-me muito grata quando tenho a oportunidade de ter um livro nas mãos e poder mergulhar no mundo da leitura. As tecnologias assistivas nos auxilia muito nos estudos, no dia a dia, mas penso que o conhecimento do braille é fundamental para nosso crescimento pessoal e profissional.

CAPÍTULO 24

Sistema Braille: a magia dos seis pontos em relevo

Teresinha Apaecida Ponciano

Nasci com retinoblastoma, câncer raro na retina dos olhos, que acomete principalmente crianças. Antes dos dois anos de idade, retiraram-me os dois olhos para que o câncer não se alastrasse. Por estar o tumor em estágio já bem avançado, sobrevivi por um milagre. Mas este não foi o único; outros milagres aconteceriam ao longo de minha vida nada comum.

Aos três de julho de 1972, numa sombria tarde de inverno, cheguei a este mundo. Num parto realizado às pressas, pesando 2 kg, fui a única dos rebentos de minha mãe a nascer de nove meses, devido ao problema de pré-eclâmpsia que ela teve em todas as suas gestações.

Não me deixei levar pelas brumas que reinavam no dia de meu nascimento; originária de família humilde, percebi desde tenra idade que precisaria batalhar com garra e persistência para transformar minha realidade e não ter o mesmo destino que minha mãe, submissa, recatada e do lar, mas com a mente aberta e o espírito livre. Ela foi toda a minha inspiração. Acometida por um AVC hemorrágico, partiu precocemente aos 49 anos. Deixou-me um legado imenso: a fortaleza e a serenidade para enfrentar todos os percalços a mim trazidos nas diferentes fases de uma trajetória permeada de desafiadoras experiências.

Quis o destino que eu chegasse a essa Terra numa segunda-feira, início de uma nova semana, dia que simboliza o recomeço. Creio mesmo que minha vida foi toda ela feita de recomeços. Recomeçar sempre foi meu principal lema. Resiliência; renovação; ressignificação. Esses sempre foram os princípios que me nortearam a existência. Ter sobrevivido ao câncer e, em decorrência deste fato, ter crescido cega talvez tenha sido o mais extraordinário dos recomeços.

Graças às orientações dadas à minha mãe pelo oftalmologista responsável pela minha cirurgia, tive uma infância que pode ser considerada normal, se levarmos em conta a realidade da grande maioria das crianças com deficiência. O médico disse a ela que a menininha cega que ela segurava nos braços um dia seria uma mulher. “A mulher que essa menina vai se tornar vai precisar ter autonomia para enfrentar a vida sozinha depois que a senhora já não estiver mais aqui para cuidar dela” – disse ele. Minha mãe, pessoa simples, dona de casa, com pouca instrução, que cursou apenas as séries iniciais, levou muito a sério essas palavras. Sem pestanejar, posso dizer que muito devo a esse médico. Mesmo sendo uma criança cega, andava de bicicleta, corria com as outras crianças, brincava com bola, subia em árvores. É claro que vivia esfolada, e, algumas vezes, minha mãe, zelosa e preocupada, achava por bem recolher-me dentro de casa. Nessas ocasiões, minha distração era escutar o rádio e as canções que tocavam à época, que ajudaram a moldar meu gosto musical: Chico Buarque, Djavan, Ivan Lins, Gilberto Gil, Maria Betânia, Caetano Veloso, Roberto Carlos e outros.

Meu pai, também com pouca escolaridade, inicialmente peão de fazenda, depois motorista de caminhão, trabalhou incansavelmente por nossa subsistência e para que nada nos faltasse. Autoritário, endurecido pelas agruras da caminhada, músico autodidata, iniciou-me nos caminhos das artes; com ele, aprendi a tocar acordeom aos cinco anos, comecei a cantar e adquiri o gosto pela poesia. Desde sempre gostei de compor e recitar versos. Mas como uma criança do interior, distante dos centros urbanos, poderia registrar, colocar no papel os versos que criava?

Na cidade onde nasci e vivi os primeiros anos da infância, Santo Augusto, região missioneira do Estado do Rio Grande do Sul, limites sul da Terra Brasilis, não existiam quaisquer recursos para a educação escolar de uma criança cega. Até que uma tia, que trabalhava em casa de família, recebeu dos patrões a informação de que havia, em Porto Alegre, uma escola especializada para cegos e levou essa valiosa novidade a meus pais que, sem titubearem, tomaram a decisão de transferirmo-nos para perto da capital.

Foi assim que, aos seis anos de idade, fomos morar no município de Esteio, região metropolitana de Porto Alegre, pequena cidade com ares de interior, a aproximadamente 25 km de Porto Alegre.

A referida escola, o Instituto Santa Luzia, administrado pelas freiras da Congregação Vicentina, funcionava em regime de internato. Meus pais resistiram ainda por algum tempo para aceitar a ideia de colocar-me em um colégio interno, mas não tiveram alternativas, já que era essa a única possibilidade de escolarização para crianças cegas naquela época.

No dia 06 de agosto de 1980, com oito anos de idade, ingressei no Instituto Santa Luzia. Apesar de já ter oito anos, cursei um semestre da pré-escola, já que só poderia ingressar na primeira série no início do ano letivo. E foi nesse semestre, mesmo na pré-escola, que a mágica aconteceu: fui alfabetizada pelo Sistema Braille e tive os primeiros contatos com o magnífico método de leitura e escrita táteis.

Para as crianças em processo de alfabetização, são fundamentais as atividades com o chamado pré-braille, que consiste na

apresentação de objetos com texturas, formatos e tamanhos diferentes, visando ao desenvolvimento do tato, para a criança aprender a distinguir entre liso e áspero, grande e pequeno, fino e grosso etc. Venci com facilidade essa importante etapa e pude ser logo apresentada ao meu tão amado braille, que abriria para mim um novo, amplo e vasto universo.

Daquele momento em diante, tornei-me leitora voraz, pois havia no colégio uma grande biblioteca com inúmeras obras em braille. Desde que a conheci, a biblioteca transformou-se em meu espaço preferido. As diversas prateleiras, recheadas de livros em braille, significavam, para uma criança curiosa e ávida por aprender, um mundo inteiro de possibilidades, de aventuras, de estímulos, de aprendizagens e vivências inesquecíveis e repletas de saberes e sabores, como diria Rubem Alves, escritor e pedagogo que conheci mais tarde na formação acadêmica. É dele também a frase “O livro é um brinquedo com letras”, e para mim era o brinquedo de que mais gostava.

É impressionante como apenas seis pontos divididos em duas colunas verticais, podem fazer tanta diferença e mudar os rumos da história de uma pessoa cega, fadada a um destino muito provavelmente medíocre, sem quaisquer chances de progresso e crescimento, se tivesse permanecido no interior, com a família, longe dos bancos escolares. Mesmo sendo apenas uma criança, eu tinha consciência dessa realidade. E assim fui envolvida por sentimentos que iam do fascínio à gratidão pela sagrada oportunidade de finalmente adentrar ao fabuloso mundo da leitura e da escrita, de ter acesso à cultura e à informação e de poder viver memoráveis experiências. Eu devorava com afinco as páginas dos livros, de diversificados gêneros literários, que retirava da tão estimada biblioteca.

Meus pais, saudosos da filha agora em idade escolar e, por isso, interna no colégio, quiseram-me levar para casa aos fins de semana. Mas só retornei com eles ao ambiente familiar, depois de certificar-me que poderia levar comigo os inseparáveis livros em braille, que, orgulhosa, fazia questão de apresentar e ler para toda a família. Meu irmão mais velho e

algumas crianças vizinhas, também quiseram conhecer aquele novo sistema, e nós brincávamos de escrever palavrinhas em braille e até arriscávamos a escrita de alguns bilhetes.

Numa época em que não se falava de inclusão e acessibilidade, o Sistema Braille operou uma verdadeira revolução na minha vida, promovendo uma interação inclusiva entre uma criança cega, seus familiares e amigos.

No colégio, além da leitura de poemas, contos e textos alusivos às datas comemorativas ao longo do ano, momentos estes em que acontecia a plena integração entre os alunos cegos e as meninas videntes que eram admitidas na instituição, mas que não eram internas, também havia concursos de leitura e de redação, cujos prêmios de primeiro ou primeiros lugares frequentemente eu tinha a alegria de receber.

Ao concluir a então sétima série, já na adolescência, tempo de efervescências e rebeldias, com certa dificuldade em aceitar e conviver com as regras e disciplinas rígidas impostas pelas freiras, rebelei-me e quis sair de lá. E saí. Naquele período, já se iniciava as atividades nas salas de recurso ou classes

especiais, que os alunos cegos frequentavam no turno inverso ao da escola.

A despeito de toda a rigidez das freiras, guardo com terna e caríssima afeição as inestimáveis lembranças do que foi para mim uma das melhores épocas, por tudo o que aprendi e conheci, e mais especialmente por ter descoberto a incrível conexão existente entre os potenciais cognitivos e as pontas dos dedos, através do único meio não só de alfabetização de alunos cegos, mas também principal recurso didático-pedagógico capaz de propiciar a leitura e a escrita, na real acepção das palavras, para pessoas com deficiência visual.

O Sistema Braille, imensurável legado a nós deixado pelo genial cego francês Louis Braille, cuja sagacidade e obstinação características de sua personalidade, não o permitiam aceitar os métodos ultrapassados de ensino-aprendizagem impostos aos cegos de sua época, fizeram-no reinventar, ressignificar e revolucionar a vida de milhões de cegos para além dos limites de seu país, estendendo aos cegos o grande lema da revolução francesa de 1792: liberdade, igualdade e fraternidade.

Não é sem justa razão que nós, braillistas por excelência, temos imenso orgulho em escrever e contar, deixando registrado para a posteridade, a extrema relevância do Sistema Braille em nossas histórias de vida, seja ela pessoal, escolar, acadêmica, profissional, cultural ou social, pois o braille nos acompanhou e nos acompanha em todos esses âmbitos.

Muitas mudanças ocorreram desde a época em que fui alfabetizada até os dias de hoje. Houve, por exemplo, mudanças nos processos educativos; já não existem mais os colégios internos nem as escolas especializadas. A educação escolar das pessoas com deficiência é concebida, preferencialmente, na rede regular de ensino.

Do ponto de vista da inclusão e da acessibilidade, essa modalidade seria indubitavelmente positiva e plenamente favorável, não fossem os grandiosos desafios que surgiram a partir da implantação da pretensa educação inclusiva nas escolas, que vão desde o despreparo de professores às atitudes discriminatórias da comunidade escolar.

Além de tudo, temos a preocupante desvalorização do nosso querido braille; justamente o braille, essencial para o desenvolvimento integral dos alunos com deficiência na educação básica, vem sendo cada vez mais deixado de lado por professores e alunos. Alguns especialistas estão denominando esse processo da desvalorização de “desbraillização”.

Considero-me privilegiada por ter sido acompanhada, desde que ingressei na rede regular de ensino, diga-se de passagem, uma escola pública do município de Esteio, pela dedicada professora da sala de recursos, que preparava e fazia as adaptações necessárias de todo o material de que eu necessitava para que houvesse equidade de condições entre mim e meus colegas no aprendizado dos conteúdos dados em sala de aula. Apesar da escola ser completamente diferente da estrutura organizadíssima a que estava acostumada, não encontrei maiores dificuldades de adaptação àquele ambiente, fui aceita sem maiores objeções pela equipe diretiva e pelos professores. Tive certa facilidade de entrosamento com os colegas, muito embora minhas principais conexões fossem estabelecidas com os poucos alunos negros e com uma menina obesa.

Todos queriam ver de perto como a menina cega lia e escrevia com os dedos. Lembro-me de uma colega que aprendeu o braille e fazia anotações para mim.

Na sala de recursos, também eram confeccionados os gráficos de matemática, os mapas de geografia em relevo, feitos a partir de distintos materiais, mas sempre com as indicações em braille. Além disso, eram transcritas as provas que eu realizava no Sistema Braille. Todos os textos, polígrafos e provas eram datilografados na máquina Perkins, na máquina braille, na qual eu só viria a praticar bem mais tarde, pois durante muito tempo fiz uso apenas da reglete e punção, mesmo durante o curso de Pedagogia em que me formei, com habilitação em Orientação Educacional.

A partir de minha inserção nos bancos universitários e da imersão nos estudos acadêmicos, fui apresentada a um outro universo completamente diferente do que conhecia até então. Um marco em minha trajetória, descortinaram-se novos horizontes, abriram-se renovadoras perspectivas, despontaram interessantíssimas possibilidades.

Deparei-me com a fantástica obra e o maravilhoso trabalho de Paulo Freire, que é até hoje meu mestre e guia. Mas o Sistema Braille, sempre ele, esteve presente igualmente nessa fase; continuou a ser meu grande companheiro de jornada.

No curso de Pedagogia, não havia atendimento especializado, de modo que precisei desenvolver metodologias próprias de estudar e providenciar os materiais e recursos didáticos. E qual era meu principal recurso didático? Exatamente: o braille! Mesmo tendo sido apenas no último ano da graduação em Pedagogia que tive o primeiro contato com o computador, por meio dos leitores de tela, não abandonei o braille. Jamais cometeria essa ingratidão ao sistema que possibilitou-me ser tudo o que sou hoje.

Nas últimas décadas, tivemos assombrosos avanços tecnológicos que trouxeram uma outra visão de mundo para a sociedade em geral, principalmente com o advento das chamadas tecnologias assistivas. Porém, por maiores e melhores que sejam os recursos tecnológicos, o braille jamais se tornará obsoleto. As tecnologias, diferentemente do que se

possa imaginar, em nada diminuem a importância do braille, pelo contrário, braille e tecnologia complementam-se. O braille vem acompanhando a tecnologia. Existem dispositivos moderníssimos pelos quais se pode ler e escrever em braille.

Atualmente, tenho o privilégio de poder utilizar a linha braille, maravilhoso dispositivo que reproduz eletronicamente os caracteres em braille e, acoplado em outros aparelhos como computadores, *tablets* e *smartphones*, fazem a leitura do que mostra a tela.

Sinto-me compelida a fazer um apelo às pessoas cegas de meu país, e porque não aos cegos de todos os continentes, que não desistam do braille. Não compactuem com a vergonhosa desvalorização do sistema que tantos benefícios nos trouxe desde a sua criação. Ele é nossa principal bandeira!

O braille traz aos cegos a possibilidade do contato direto com a leitura e a escrita, com a grafia das palavras, possibilita a verdadeira interação entre leitor e texto, além de ampliar a autonomia das pessoas com deficiência visual para além das tecnologias, em situações em que estas não possam ser utilizadas.

O braille, além de recurso didático pedagógico imprescindível na educação de pessoas cegas e com baixa visão, também constitui-se em potente dispositivo de acessibilidade e de inclusão social. Presente em rótulos de embalagens, caixas de remédios, placas de sinalização, elevadores e cardápios, cumprindo funções diversas, dá aos cegos a equiparação necessária para que estes possam viver e conviver de maneira igualitária com seus pares, nos mais diversos ambientes, sociais, corporativos, escolares e acadêmicos, dentre outros, desempenhando suas tarefas diárias e exercendo seus direitos, isto é, sua plena cidadania.

Ora, se todos esses argumentos não bastam, ressaltemos então a importância da leitura e da escrita na vida dos seres humanos. Se todos compreendemos e somos unânimes em afirmar que a leitura e a escrita são cruciais para a formação integral dos indivíduos, é perfeitamente compreensível que o Sistema Braille seja também fundamentalmente importante na vida de pessoas cegas e com baixa visão. Assim como é de grande relevância para todas as pessoas o contato com a leitura

e a escrita o mais cedo possível, ainda que de forma lúdica, para a criança cega também é ideal ter contato com o braille desde muito cedo.

O Braille pode propiciar à pessoa cega a incrível experiência de ler em silêncio. Num mundo repleto de estímulos sonoros ou visuais, a leitura pode ser, muitas vezes, um dos poucos momentos de recolhimento e de silêncio. Ler em silêncio, sem voz associada, é uma dádiva e um convite ao desenvolvimento de capacidades cada vez mais valorizadas: a capacidade de concentração, de focar numa tarefa, o que pode aumentar, consideravelmente, a compreensão daquilo que se lê.

Finalmente, e ainda que pareça uma visão antiquada, para quem gosta de ler, não poderia deixar de expor aqui aquela que, para muitos, é a maior emoção que um livro proporciona. Tal como às pessoas que veem, para nós cegos, apesar de ter à nossa disposição todos os recursos tecnológicos, ainda persiste insubstituível o prazer de ter um livro nas mãos, sentindo o cheiro, virando-lhe as páginas, em busca de novas revelações ou voltando-as para reviver as sensações agradáveis do que já foi descoberto, usufruindo de um tempo e de uma

intimidade que nos são únicos, e que apenas nós, nesses momentos mágicos, podemos decidir.

Para as pessoas em processo de habilitação e reabilitação por cegueira adquirida, o braille também tem sua significativa relevância. Desde que comecei a ministrar oficinas de braille na União de Cegos do Rio Grande do Sul (UCERGS), conheci a complexa realidade dessas pessoas e pude corroborar a ideia de que cada ser humano possui uma forma particular de vivenciar suas experiências.

Na UCERGS, atendemos pessoas de várias faixas etárias, de diferentes classes socioeconômicas e culturais que, ao buscarem o aprendizado do Sistema Braille na instituição, o que desejam, na verdade, é a certeza de que eles podem sim viver uma vida plena de sentido e significado, podem continuar exercendo sua cidadania com dignidade, conscientes de seus direitos e deveres, dando seus contributos à sociedade, utilizando os sentidos remanescentes e todo o potencial resultante de sua adaptação a uma nova realidade. Nosso trabalho é, portanto, constituído de ferramentas importantíssimas, como a

empatia, a acolhida, a escuta, transformando os pontos do braille em pontos de partida e de chegada.

O braille completou, no dia 04 de janeiro de 2025, duzentos anos de existência. Que venham outros tantos séculos e séculos de celebrações e homenagens ao braille, merecidas congratulações, consolidando-se todas as conquistas alcançadas e tudo o que ainda não de conquistar as pessoas cegas e com baixa visão, graças à magia desses seis pontos em relevo.

CAPÍTULO 25

Braille: o toque mágico que abriu as portas para o mundo

Laís Caroline Franken Dutra

Desde pequena, fui apresentada a um mundo mágico e cheio de possibilidades, o mundo das bolinhas do braille. Lembro com carinho das primeiras vezes em que senti aquelas pequenas saliências sob a ponta dos meus dedinhos, uma sensação de cócegas, como se cada bolinha fosse um segredinho esperando para ser revelado.

O “braillinho”, o bonequinho com a cela braille no abdômen, acompanhou-me como uma amizade silenciosa, cheia de mistério e de luz. Cada ponto perfurado com a pulsão na reglete formava letras que, juntas, viravam palavras, e aquelas palavras se tornavam portas abertas para um universo repleto de conhecimento.

Nas salas de aula, eu tinha o meu jeito único de aprender. Enquanto meus colegas trocavam cadernos, eu tinha o mistério das folhas em braille nas mãos. Era como se o papel fosse um mapa que me permitia navegar por lugares que ainda estavam por descobrir. E então, chegou a máquina de escrever braille. Ah, o som! Teque, teque, teque... Era uma música que encantava os meus ouvidos, uma dança de toques que revelavam cada letra. Aquela máquina me permitiu dar forma à escrita de uma maneira única, cada clique era como uma celebração da minha autonomia.

Eu cresci em um tempo em que a tecnologia ainda engatinhava, mas o braille sempre foi uma ferramenta poderosa de acesso e de independência. Estudei, brinquei, vivi, e, ao longo de todos esses anos, as seis bolinhas nunca me deixaram sozinha. Elas ainda me acompanham, guiam e ajudam a escrever minha história.

Neste ano, celebramos 200 anos do braille, um marco na história que representa a inclusão e a liberdade de milhares de pessoas ao redor do mundo. Sou feliz por poder viver em um mundo onde o braille é sinônimo de liberdade, de acesso e de inclusão.

Crianças, utilizem o braille! Ele é a chave para um futuro em que todos podem ser vistos, ouvidos e, acima de tudo, respeitados. O braille não é apenas um sistema de escrita, é a expressão de uma voz que não se cala, é um grito de liberdade e de direitos. Que possamos continuar a caminhar juntos, escrevendo nossa própria história.

CAPÍTULO 26

Luz na ponta dos dedos

Fabírcia Omena

O que o braille significa para você? Meros pontinhos espalhados pelo papel? Um sistema que você valoriza e utiliza até hoje? Ou você faz parte do time que o considera ultrapassado? Antes de saber sua opinião sobre isso, quero te levar para um passeio por minhas memórias. A partir de agora vou te contar um pouco sobre a minha experiência com o braille, então senta que lá vem história!

Nasci cega, devido à retinopatia da prematuridade, e o braille faz parte da minha vida desde sempre. Na infância, nos anos 1990, lembro-me de colar palavras em braille dentro de figuras geométricas; de tatear os desenhos em enormes livros empoeirados; de conferir as siglas dos estados no mapa do Brasil; de ler,

incontáveis vezes, o único livro em braille que eu podia chamar de meu: “o Soldadinho de Chumbo”. Eu estava estudando esta história na escola e, certo dia, minha professora de braille o transcreveu e me deu de presente. Eu passava horas tateando cada palavra, lendo e relendo as aventuras do soldadinho que se apaixonou pela bailarina.

Para contribuir com meu processo de alfabetização, frequentemente a professora escrevia uma série de palavras do cotidiano e pedia para que eu lesse: gelo, bola, sapato, chocolate... Como era prazeroso tatear uma após outra e conseguir identificá-las! Vendo o meu encanto por leitura e sabendo que não havia tantas publicações disponíveis, ela produziu outros materiais que, para mim, eram tão valiosos como um tesouro. Uma vez, ganhei uma apostila com o Hino Nacional Brasileiro e o Hino da Independência. Eu me divertia lendo aquelas palavras rebuscadas.

Na escola regular, o braille frequentemente era a ponte entre mim e as crianças da turma. Elas sempre tinham curiosidade sobre como funcionavam a reglete e o punção (os instrumentos de escrita) e pediam para que eu

escrevesse seus nomes ou mensagens para elas. Também adoravam “brincar” com meus materiais tentando escrever. Aos poucos, algumas até aprenderam parte do alfabeto! Eu achava engraçado como algo tão normal para mim gerava tanta curiosidade nos que estavam ao meu redor.

Durante a adolescência, tive acesso a outras publicações, inclusive na biblioteca da escola especializada onde eu estudava no contraturno. Isso aumentou meu fascínio por leitura e a vontade de continuar aperfeiçoando meu vocabulário em português. Aos poucos fui produzindo meus próprios textos: cartas, diários e poesias que escrevia em um caderno antigo. Segredos que eu não guardava a sete chaves porque eram facilmente confundidos com qualquer outro material em braille, que ninguém da família sabia ler com fluência.

No momento de prestar vestibular, vivi um grande desafio: a ausência do braille. Na hora de fazer a redação, os fiscais me impediram. Disseram que eu não poderia escrevê-la em braille, nem mesmo o rascunho! Por isso, tive que ditá-la para que alguém escrevesse. Em meio ao nervosismo da situação, claro que

minha nota foi abaixo do esperado e não passei. Algum tempo depois, fiz nova tentativa em outra universidade, que me permitiu fazer a redação em braille. Isso foi determinante para que eu produzisse um bom texto e foi assim que conquistei uma vaga no curso de jornalismo.

Entretanto, durante o curso, precisei substituir o braille por um computador com síntese de voz. Como as bibliotecas da escola e da universidade não tinham nada em braille sobre jornalismo, também foram substituídas pela biblioteca virtual, com seus inúmeros livros digitais. Assim o braille e eu nos afastamos, mas nem tanto.

Certo dia, fui surpreendida com uma ação espontânea de um professor. A primeira prova da disciplina era impressa, e ele queria me proporcionar autonomia. Por isso, procurou um centro especializado e pediu que a produzissem em braille. No dia da avaliação, ele disse que eu teria uma grande surpresa e me entregou as folhas. Quando senti os pontinhos, não acreditei! Embora fazer prova em braille seja uma realidade em várias instituições, no meu caso era raro, porque a equipe pedagógica,

tanto da escola quanto da universidade, considerava mais fácil e rápido que eu fizesse as avaliações na modalidade oral. E eu já tinha me acostumado com isso. Então, ao vivenciar aquela experiência tão simples e inesquecível, fiquei entusiasmada não só pela autonomia, mas também pela iniciativa inclusiva daquele professor. Ele poderia ter me permitido fazer a prova no computador, já que a disciplina era de informática, ou poderia ter feito oralmente, como todos os outros. Mas, sabendo que os alunos usariam caneta e papel, nada mais justo que eu também utilizasse a reglete e o punção.

Ao longo da graduação também tive a oportunidade de desenvolver pesquisas científicas e, vez por outra, o braille virava tema acadêmico. No último ano, aprofundei-me no estudo do braille à luz da semiótica (ciência que estuda os signos que utilizamos para nos expressar na forma escrita, por exemplo). Foi uma oportunidade de falar não apenas sobre a importância desse sistema, mas principalmente de proporcionar reflexões e discussões que vão além do meio educacional.

Já deu para perceber o quanto o braille foi importante em minha trajetória, não é? Até mesmo no meu casamento, em 2015, ele esteve

presente: nas plaquinhas da balada (escritas por minhas amigas de infância) e nas alianças (que têm a frase “Eu te amo”, representada como se fosse em braille.)

Eu poderia passar horas elencando os motivos que me fazem continuar usando este sistema até hoje, mesmo com tantas ferramentas tecnológicas disponíveis. A verdade é que, da mesma forma que os livros digitais não substituíram os livros impressos, o braille não precisa ser substituído pela tecnologia. Pelo contrário, eles se complementam! Se você souber braille, pode identificar os números no elevador, ler caixas de remédio, colocar braille em equipamentos de ginástica ou em eletrodomésticos. Se você souber braille, pode utilizar o modo braille do celular e digitar bem mais rápido e corretamente, sem depender do modo ditado ou do modo de voz. Se quiser, também pode investir em uma linha braille, por exemplo, e ler qualquer texto disponível no computador ou no cartão de memória, tendo contato direto com cada palavra (seja em português ou em outros idiomas.) Se você souber braille, pode aprender a ler partitura e assim ampliar seu conhecimento musical.

Aonde quer que eu vá, defendo o braille não apenas porque fui alfabetizada neste sistema, mas porque, para mim, ele é a luz na ponta dos nossos dedos. Além de ser o método mais eficaz de ensinar a grafia correta das palavras, também traz autonomia e proporciona experiências acessíveis e transformadoras. Às vezes, fico pensando na grandeza do braille e na genialidade de Louis Braille, seu criador. Em pleno século XIX, ele desenvolveu um código que pode ser utilizado em diversas partes do mundo. Seis pontinhos capazes de gerar dezenas de combinações, que podem ser aplicadas em textos simples e em áreas como química, matemática, música etc. Faz 200 anos que o braille está entre nós, trazendo a luz do conhecimento para os olhos de milhões de pessoas. Meu desejo é que ele seja sempre exaltado e jamais esquecido! E que continue sendo utilizado por muitos e muitos anos.

Agora que você já sabe um pouco mais sobre minha história com o braille, me conta a sua! Vou amar receber seu *e-mail* e quem sabe possamos até trocar cartas em braille, como antigamente. Nos vemos por aí!

CAPÍTULO 27

O Sistema Braille e a minha autonomia

Edson Pereira do Rosário

Estava na terceira série do ensino fundamental, hoje terceiro ano, quando perdi a visão por completo. Era junho de 1992, férias escolares. Minha visão nunca foi lá muito boa, mas dava para me virar, enxergava nítido as coisas de perto, embora na escola não conseguisse ver o que estava na lousa da primeira carteira, por isso, ia até a lousa para copiar tudo e só depois resolvia as tarefas da aula. Mas o glaucoma e um acidente me tiraram a pouca visão que me auxiliava muito, lançando-me em uma barreira de impossibilidades e que só os seis pontos do braille foram capazes de me ajudar a romper.

Eu tinha doze anos quando perdi a visão. Naquele tempo, não tinha ideia do que era o braille, mas já tinha o conhecimento de que os

cegos liam com as mãos, ou melhor, com os dedos.

Somos uma família de evangélicos, e meu pai possuía uma enciclopédia bíblica, na qual havia a figura de uma pessoa cega lendo a bíblia. Não sei os detalhes do assunto da enciclopédia, e não possuímos mais a obra, mas essa informação de que os cegos podiam ler me encorajou em buscar um meio de voltar a ler e estudar.

Eu não mantinha ilusões de voltar a ver, e a fé em Deus que tenho desde criança me ajudou a superar os traumas e focar na esperança de superar a barreira diante de mim. Sempre acreditei que Deus me mostraria uma solução, um caminho, uma forma de contornar a impossibilidade que a cegueira me impunha cruelmente, deixando-me em desvantagens com meus sete irmãos.

Nessa época, tentei inventar uma forma de escrita em relevo. Como já conhecia a escrita, passei a esfregar giz de cera numa tábua até formar uma camada grossa em que eu pudesse escrever com um palito de fósforo ou de dente e depois tentar ler com a ponta do dedo, coisa da minha imaginação adolescente.

Passava tardes inteiras esfregando o giz até sentir que a camada formada produziria algum relevo. O experimento me permitiu sentir alguma coisa do que havia escrito, mas logo se mostrou ineficaz, pois o giz de cera logo derreteu e se desfez, o que já seria esperado, pois o giz não se aplica senão a pintura. Em seguida, passei a dobrar papéis para formar bastões e com eles montar letras. Tentei diversos tamanhos e relevos, mas cheguei à conclusão que seria inviável estudar e ler com letras feitas assim, uma vez que tomaria muito espaço, prejudicando a escrita e a leitura. Hoje sei que métodos parecidos com esse dos bastões foram tentados e aplicados com os cegos na França e que trouxe pouco avanço na educação dos cegos.

Foi então que minha professora do primeiro ano escolar procurou meus pais. Ela disse que na atribuição de aulas na delegacia de ensino de minha cidade, conhecera uma professora cega e que descobrira que era possível eu voltar a estudar, pois havia uma escola com uma sala de recurso que ensinava os cegos a ler e escrever. Meus pais não perderam tempo e me inscreveram numa lista

de espera nessa escola, uma vez que a procura era muito grande e as vagas limitadas, e só se entrava por sorteio. Foi o único sorteio que fui contemplado na vida! Ainda bem que foi para estudar!

Nessa sala de recurso, apliquei-me com afinco, aprendendo o braille em duas semanas de aula, algo notável, pois eu não tinha aula todos os dias, mas a vontade de aprender era latente dentro de mim. Isso só vem engrandecer o braille e confirmar o quanto ele é um sistema eficaz de leitura e escrita tátil e que tem sobrevivido a diversas tentativas de substituí-lo.

Eu estava sedento por aprender, não faltava uma aula, participava de rodas de leitura, de campeonatos de “é agudo” na reglete e estava sempre com um livro braille ou revista do IBC nas mãos. Eu aprendi a usar a máquina braille e frequentei a biblioteca braille do Centro Cultural. Fiz muitas folhas de tabuadas, outras de expressões numéricas infinitas, poesias apaixonadas da adolescência, desabafos para o papel... Coisas que só o braille podia proporcionar! Que prazer ler e escrever em braille! Também participei de alguns concursos

de redação que me renderam alguns prêmios – dois deles foram no meu município, em que ganhei uma bicicleta e uma máquina fotográfica (no caso da bicicleta, pedi o prêmio em dinheiro).

O terceiro prêmio de redação foi o mais importante de todos, pois foi um concurso nacional pela União Brasileira de Cegos, pelos 190 anos do nascimento de Louis Braille. Eu tirei o primeiro lugar no concurso! O braille não só me permitia escrever textos e participar de concursos de redação, mas levou-me a ganhar o mais célebre dos concursos na época: o prêmio de redação pelos 190 anos do nascimento de Louis Braille, criador do próprio sistema! A entrega do prêmio foi no IBC, na cidade do Rio de Janeiro. Eu tive a viagem e hospedagem pagos pela organização do evento. Foi a primeira vez que viajei de avião.

Nessa época, conheci figuras importantes e de grande relevância para o Sistema Braille no Brasil e para a língua portuguesa, tais como o professor Edison Lemos, o professor Jonir Bechara, a professora Regina Fátima, entre outras personalidades de igual valor na história do braille. Na ocasião, não fazia ideia do quão

magnífico era esse evento e o quão importante eram as pessoas que me cercavam no IBC. Somente olhando para trás e depois de ler toda trajetória do braille no Brasil e no mundo, percebo que essa foi uma das maiores conquistas proporcionada pelo Sistema Braille em minha busca pelo conhecimento e autonomia.

Minhas professoras de sala de recurso e minha irmã estavam presentes e comemorando comigo essa conquista que obtive com a graça de Deus e o uso do Sistema Braille.

Após esses acontecimentos, segui minha trajetória nos estudos e na vida. Prossegui minhas leituras, mas havia um livro que eu não tinha em minhas mãos, a Bíblia Sagrada. Como já relatei anteriormente, sou evangélico, e a Bíblia para mim tem muita relevância; sempre tive anseio de lê-la em braille. Cheguei a escrever alguns textos ditados pelo meu pai, como o Salmo 23, um capítulo de Tiago e porções dos evangelhos, além de versículos de livros diversos, mas nunca um livro completo ou até mesmo a bíblia inteira.

Ao frequentar a biblioteca braille do centro cultural de São Paulo, descobri alguns livros bí-

blicos e passei a pegá-los emprestados, todavia eu desejava ter minha própria Bíblia. Foi lendo os livros bíblicos pegados emprestados da biblioteca braille que resolvi escrever para Sociedade Bíblica e solicitar uma Bíblia em braille. Nessa época, a SBB não possuía a Sagrada Escritura completa e o que eles enviavam vinha de Portugal, do Centro Albuquerque. Como fiquei feliz ao receber meus primeiros volumes em braille do livro de Deus! Foi como se tivesse recebido um prêmio milionário! Mais emocionante ainda foi poder tocar suas palavras, e não ouvi-las, como eu fazia frequentemente, pois já possuía uma versão gravada por Cid Moreira da Bíblia.

Com meus livros recebidos da SBB, passei a acompanhar com autonomia a leitura feita por pastores e professores da escola bíblica da minha comunidade de fé, a fazer meus próprios devocionais sem depender que outra pessoa lesse para mim, nem precisava lançar mão, a todo momento, de CDs e fitas k7. Quando a Sociedade Bíblica conseguiu finalmente produzir a Bíblia em braille em sua própria gráfica, eu estava lá no lançamento e fui um dos primeiros a receber os volumes produzidos

em nosso próprio país, no português falado aqui do outro lado do Atlântico, no Hemisfério Sul do Planeta Terra. Esse foi mais um acontecimento histórico que o braille me proporcionou viver.

Mas não foi apenas minha vida pessoal, escolar e religiosa que foi impactada pelo uso do Sistema Braille; minha vida profissional começava a se desenhar com a chegada da idade adulta. Como já relatei, sempre estava com um livro ou revista braille na mão, e isso me possibilitou conhecer mais o braille do que meus colegas. Eles tiravam dúvidas comigo, e eu passei até mesmo auxiliar algumas vezes na sala de recursos. Isso me fez perceber que tinha talento para ser professor, o que me levou a cursar o ensino médio com magistério. Hoje essa formação para professor é só no nível superior, mas eu cursei junto com o ensino médio. Fiz meus estudos todos usando reglete, porque achava muito pesado e cansativo levar uma máquina braille, a qual eu deixava em casa. E foi assim também na faculdade de Pedagogia.

O computador, nessa época, era algo de difícil acesso e não havia curso de informática

em minha cidade, nem celulares com acessibilidade que auxiliasse nos estudos. Assim, fiz meus estudos totalmente dependendo do Sistema Braille. Com ele redigi relatórios, apresentei trabalhos, elaborei o discurso de formatura, pois fui escolhido para orador da turma na faculdade. Depois da formatura, tive a felicidade de lecionar como professor eventual na mesma escola em que aprendi o braille. Foram três anos atuando em classe comum do fundamental I e na sala de recursos. Ao fim dos três anos, recebi a notícia de que a Fundação Dorina Nowill estava contratando pessoas cegas para atuar na revisão de livros em braille. Passei pelo processo de contratação e, mais uma vez, o braille me abria as portas na vida profissional.

Já são dezoito anos atuando como revisor e vendo o braille passar por duas atualizações de grafia e se reinventar. Assim como minha vida, que passou de solteiro para casado e de apenas filho para pai. E com o braille escrevi cartas de amor, li histórias maravilhosas para minha filha, histórias essas que até hoje são pedidas, mesmo sendo ela crescida. Eu guardo bilhetinhos de Dia dos Pais em braille! Que emoção! Em braille também leio as caixas de

remédios e faço as listas de supermercado, coisas de uma vida adulta.

Chegamos, por fim, aos duzentos anos do Sistema Braille, e a maneira de usar o invento de Louis Braille não se restringe agora somente ao papel. Ele já é aplicado, como não poderia deixar de ser, nos dispositivos eletrônicos. Tem gente que digita no computador usando apenas “seis” teclas do teclado alfa numérico. Já tive a experiência de digitar assim, mas não me acostumei, comecei a confundir as coisas, mas acho que é apenas questão de gosto e prática, o recurso está aí e engrandece o braille, é mais uma forma de escrever para dar autonomia e liberdade de escolha aos que preferem digitar assim. Tem gente que digita no celular com teclado braille, e dizem que quando a pessoa pega o jeito da digitação o faz igual ou mais rápido que uma pessoa vidente. É o braille fazendo a diferença e produzindo igualdade na vida de seus usuários, que não abriram mão dele mesmo com a chegada dos *smartphones* e computadores com seus leitores de tela, muito úteis no dia a dia de qualquer cego.

Eu também acompanhei a revolução do braille nos dispositivos eletrônicos, mas minha

participação foi fazer uso dele com uma linha braille; paguei caro por uma dessas máquinas, porém acho que valeu cada centavo que investi. Com ela, leio várias versões da Bíblia, livros nos formatos Word e txt, digito minhas anotações pessoais, preparo esboços de aula e pregações para as reuniões na comunidade de fé que frequento, além de encontrar, no mesmo tempo dos outros, o texto bíblico a ser lido por quem está na direção do culto. Esse equipamento me permite acessar o celular e o computador via *bluetooth* e cabo USB, e ler textos e informações em braille, tanto integral como abreviado, dando muita autonomia e satisfação ao realizar a leitura que antes só podia ser feita com leitores de tela. Tenho lido textos em espanhol, livros no *app* Kindle e me interessado pelo uso do braille de grau II, esquecido no Brasil por usuários da escrita em relevo, muitos nem nunca aprenderam essa modalidade de braille.

Isto posto, quero encerrar este relato da conquista de minha autonomia, alcançada ao conhecer os seis pontinhos, com um tributo a Louis Braille e aos duzentos anos da criação de seu sistema. Por ele foi possível lançar mão de

minha educação, alcançar uma formação profissional, que me proporcionou casar e ter uma filha, além de participar da sociedade e ser mais atuante em minha comunidade de fé. Quero continuar usando o braille, apesar das novas tecnologias, que também não podemos ignorar, mas quero encontrar formas inteligentes de aplicá-lo na interação com elas. Assim, o braille sempre será um norteador do conhecimento e continuará provocando mudanças em todas as áreas da vida.

CAPÍTULO 28

O braille me fez enxergar através dos dedos

Robson Rodolfo Aguiar Barbosa

Meu nome é Robson Rodolfo Aguiar Barbosa, tenho 45 anos e sou usuário do Sistema Braille. Em 2019, perdi minha visão devido ao glaucoma. Iniciei minha alfabetização em braille em 2021, na instituição Pró-Visão, em Campinas.

Embora ainda esteja em processo de aprendizagem, já consigo escrever em braille com segurança, tenho uma boa digitação na máquina braille e sou capaz de ler letras, palavras e até algumas frases. Uma das minhas primeiras experiências com a leitura em braille aconteceu no transporte público, quando identifiquei a letra “P” na campainha.

Outro momento marcante foi quando precisei ler as medalhas que conquistei em campeonatos paralímpicos. Participei das provas de corrida de 1.500 metros e 5.000 metros no Campeonato Brasileiro Paralímpico e nos Circuitos das Loterias Caixa, quando fiquei em segundo e terceiro lugar. Nessas ocasiões, a importância do braille ficou ainda mais evidente em minha vida.

Hoje, graças ao aprendizado do braille, posso frequentar restaurantes e fazer minhas escolhas no cardápio sem precisar pedir a ajuda de outras pessoas para lerem para mim. Também posso visitar livrarias e escolher livros em braille de forma independente. O braille tem-se tornado uma ferramenta essencial para minha autonomia e inclusão no cotidiano.

CAPÍTULO 29

Braille: uma janela para a autonomia e o conhecimento de pessoas cegas

Sara Henschel

O Sistema Braille faz parte da minha vida desde os meus quatro anos de idade, quando fui alfabetizada. Por isso, sei bem o quanto ele me proporcionou, desde cedo, autonomia e descobertas incríveis, as mesmas que qualquer pessoa que enxerga faz ao usar o sistema de leitura e escrita em tinta.

Lembro-me bem do meu primeiro dia de aula no primeiro ano do ensino fundamental. Todos estavam curiosos para conhecer a minha máquina braille, e eu, muito animada para mostrá-la! Então, a professora pediu que eu escrevesse a palavra “carro”. Ouvi e escrevi: “caro”.

Depois, ela pediu que eu soletrasse o que havia escrito, e prontamente atendi: c-a-r-o. Assim, tive uma das minhas primeiras descobertas: a existência dos dois “erres” nas palavras. Com essa experiência, fica claro que apenas ouvir nem sempre é suficiente para o aprendizado de um ser humano.

Hoje, como estudante de Letras e de idiomas, valorizo muito o braille como ferramenta de estudo para uma pessoa cega. Acredito que escrever é o melhor recurso para memorizar a grafia correta das palavras, tanto no idioma materno quanto em uma língua adicional. Se, para aprender um idioma, uma pessoa que enxerga precisa da escrita, para quem não possui visão essa ferramenta é ainda mais necessária. Isso porque, ao contrário das pessoas que enxergam, nós, pessoas cegas, não temos acesso às informações visuais, como palavras escritas em placas nas ruas, por exemplo.

A pessoa cega só entra em contato com qualquer palavra ao lê-la ou escrevê-la. Por isso, aprender a grafia das palavras exige muito mais do que ouvir a pronúncia ou a leitura por um leitor de tela. É essencial praticar a escrita e receber orientações sobre eventuais erros.

Se, por exemplo, eu me tornar professora de inglês e limitar meu aluno cego apenas à escuta, será que ele perceberá que na frase “*She’s a teacher*” (Ela é uma professora) há um apóstrofo? Provavelmente não. Esse é mais um exemplo prático da importância do braille. Quando o estudante cego tem a oportunidade de ler a frase assim como os demais alunos que enxergam, ele passa a conhecer mais esse recurso ortográfico e poderá então, associá-lo à pronúncia.

Podemos também falar da nossa maravilhosa Língua Portuguesa. Se um professor der um audiolivro para o aluno cego ouvir enquanto os demais estudantes leem livros em tinta, será que o aluno saberá que a palavra “girafa” é escrita com “g” e não com “j”? Essa é uma das grandes dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência visual: a falta de contato real e integral com a escrita, causada pela escassez de materiais em braille.

Portanto, como futura profissional da área de Letras, uma das minhas principais preocupações é a alta adesão, tanto por parte das instituições de ensino quanto dos próprios estudantes cegos acostumados com a

tecnologia, ao material em áudio. Nesse formato, um computador realiza a leitura para o aluno, o que impede que ele desenvolva essa habilidade de forma ativa por meio do braille.

As instituições de ensino e a sociedade precisam reconhecer a importância do braille para quem não enxerga, as portas que esse sistema abre e os prejuízos que sua ausência pode trazer para as futuras gerações de pessoas cegas. Espero contribuir para um futuro em que esse sistema de leitura e escrita tátil seja cada vez mais presente em todas as esferas da nossa sociedade, começando pela educação. Assim, será possível garantir às pessoas cegas uma melhor qualidade de aprendizado e, futuramente, melhores oportunidades profissionais e pessoais.

Afinal, se aprender um idioma abre portas para uma pessoa que enxerga, para uma pessoa cega NÃO deveria ser diferente. Ela tem o direito de estudar com a acessibilidade de que precisa e com a qualidade que todos merecem.

CAPÍTULO 30

Braille, a mega premiada da pessoa cega

Wander Ferreira

Seis! Pode ser a resposta ao grito que o adversário do jogo de cartas ouviu quando cuspiu na sua cara e nos seus tímpanos gotas de medo para desestimular sua coragem competitiva.

Podem também ser as metades dos seguidores do Cristo, que se dividiram em dois grupos, só para que cada um deles pudesse representar um ponto ou um mandamento que Louis Braille furou na tábua de reglete da vida dos cegos.

Seis, portanto, são os mandamentos que Louis Braille consolidou em duas colunas que formou o pilar que sustenta o conhecimento responsável pela formação intelectual dos cegos.

1, o ponto um, ou o primeiro mandamento do braille, “a” aponta que tudo começa com o primeiro furo, que é por onde as raízes do conhecimento vão buscar sustentação.

2, o ponto dois, ou o segundo mandamento do braille, entra na fila atrás do ponto um para “b” beijar as ideias com o desejo do sucesso.

3, o ponto três, ou o terceiro mandamento do braille, “l” completa a coluna um, começando a ler a sorte das vidas dos cegos.

4, o ponto quatro, ou o quarto mandamento do braille, dá a mão ao ponto um e em “v”, voa com os sonhos dos cegos.

5, o ponto cinco, ou o quinto mandamento do braille, faz dupla com o ponto dois e trazendo os demais pontos, “q”, porque quer levar os cegos para o futuro.

6, o ponto seis, ou o sexto mandamento do braille, “é” o sexto que se enche com pontos que pontuam e apontam os caminhos de luz para a soberania da pessoa cega.

Seis pontos, foi o que o visionário Louis Braille codificou para que os cegos e cegas lessem e escrevessem as jogadas que a loteria da vida protagonizou.

CAPÍTULO 31

A importância do Braille e a sua relação com as novas tecnologias – Especial referência à aprendizagem de línguas.

Maria Garcia Garmendia

Chamo-me María García Garmendia, sou cega desde o meu nascimento, e portanto, desde criança fui alfabetizada em braille. Primeiro mediante o uso da máquina Perkins e, depois, a partir do oitavo ano de ensino, através do uso das linhas braille. Graças ao braille aprendi a escrever corretamente a minha língua nativa e outros idiomas, pude realizar o curso de Direito e ser aprovada em exames necessários para ser reconhecida e habilitada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de Espanha como tradutora juramentada para os idiomas português, italiano e espanhol, podendo, hoje, exercer dita profissão para a qual, o uso diário do braille é fundamental.

Por isso, neste texto, objetivo expor a importância do braille e da sua utilização na aprendizagem de línguas e em todos os âmbitos tanto pessoais como profissionais, bem como na vida diária de uma pessoa cega. Além disso, vou falar da sua relação, cada dia mais importante, com as novas tecnologias e de alguns dispositivos e ferramentas que, graças a uso do braille, podem tornar a vida dos cegos muito mais confortável e produtiva. Nesse sentido, tentarei também salientar algumas dificuldades existentes para se ter acesso a ditos aparelhos, propondo possíveis soluções.

Perante a necessidade de uma criança aprender corretamente a própria língua nativa bem como perante o desejo de uma criança ou de um adulto iniciar o estudo de uma língua estrangeira, é fundamental a leitura do maior número possível de textos nesse idioma, uma vez que a leitura é um elemento imprescindível para, depois, poder escrever corretamente.

Por isso é necessário nos perguntarmos: como um cego pode ler?

Atualmente, com a existência, no mercado, dos leitores de tela e *softwares*, que podem ser instalados em um computador ou

no celular e que verbalizam mediante uma voz tudo o que estiver escrito no dispositivo, há quem diga que a questão da leitura de qualquer tipo de texto por parte dos cegos ficaria resolvida. Isso porque tais dispositivos torna relativamente fácil ter acesso a qualquer tipo de documentos (textos entregues pelo professor, livros, artigos de jornais etc.) em formato eletrônico em que estes poderiam ser lidos sem qualquer dificuldade através de um computador ou de um celular.

Os defensores dessa hipótese julgam, portanto, que o sistema de leitura e escrita braille, que desde a sua invenção por Louis Braille no século XIX até hoje tem sido utilizado pelos cegos para ler e escrever diariamente, teria ficado obsoleto. E que a sua utilização no século XXI pelas crianças e pelos cegos adultos não faria qualquer sentido uma vez que o seu uso requer ações específicas, como a transcrição e impressão de textos, por exemplo.

Todavia, na minha opinião, essa maneira de pensar é completamente errada em qualquer âmbito da vida de um cego, e, se calhar, ainda mais, no âmbito específico da aprendizagem de línguas que constitui o alvo deste texto. Os

cegos que não foram alfabetizados em braille, ou os que conhecem o braille, mas não costumam utilizá-lo regularmente pois são utilizadores apenas de leitores de tela, cometem muitos mais erros de ortografia que os cegos que são utilizadores do sistema braille na vida diária.

Com efeito, o braille não só é, ainda hoje, como será sempre, um elemento fundamental para a alfabetização e para o desenvolvimento pessoal em qualquer âmbito da vida de uma pessoa cega. No entanto, graças às novas tecnologias, é possível tirar imensas vantagens da utilização desse sistema de leitura e de escrita, que também evoluiu e está a evoluir com os novos tempos, de modo que ele não é, como muitos tencionam fazer-nos acreditar, um sistema desnecessário, antigo e morto.

No que diz respeito à leitura, é certo que um leitor de tela fornece informação sobre o conteúdo do texto lido, mas é inegável que não dá informações relativamente à escrita e, portanto, à correta ortografia das palavras.

Nesse sentido, é verdade que é possível fazer com que o leitor de tela solete cada uma das palavras, mas por um lado, o fato de sole-

trar frequentemente traz como consequência quase sempre uma perda de contexto na leitura do texto.

Há uma interferência no aprendizado de qualquer língua estrangeira porque, em muitas ocasiões, encontramos palavras que embora se pronunciem de maneira igual ou muito semelhante, escrevem-se de formas muito diferentes; mas isso ocorre também na própria língua para escrever corretamente palavras com fonemas semelhantes. Por exemplo, é fundamental aprender que “casa” se escreve com S e não com Z, ou que algumas palavras, como certas formas da conjugação do verbo haver, começam com um H mesmo que não seja pronunciado, informação que, em nenhum caso, vai ser fornecida por um leitor de tela.

Por outro lado, embora possa parecer estranho, os cegos têm também uma memória gráfica que faz com que a pessoa decore melhor a ortografia de uma palavra se esta for lida em braille do que se for apenas soletrada. Para além disso, o nível de concentração de uma pessoa em qualquer tipo de aprendizagem é maior quando está lendo do que quando simplesmente está a ouvir a mesma coisa.

Por todas as razões até aqui expostas, devemos concluir que o braille não é atualmente apenas um sistema ainda importante na vida dos cegos, e sim que trata-se de um sistema necessário e imprescindível para a alfabetização das pessoas cegas, para a escrita correta da própria língua e para a aprendizagem de idiomas estrangeiros.

Contudo, a importância do braille vai muito além da sua utilização apenas na fase de alfabetização e da aprendizagem da pessoa. Embora haja quem considere o braille como um sistema “velho”, ligado ao papel impresso e, portanto, muito afastado dos novos tempos tecnológicos, o braille também sofreu e está a sofrer uma evolução ligada às novas tecnologias.

Essa evolução tem aberto um leque de possibilidades, vantagens e oportunidades, que tem feito do braille uma ferramenta muito mais potente e útil em geral em todos os âmbitos da vida de um cego, e, de maneira muito especial, no que diz respeito a certas disciplinas, como a programação, e nomeadamente, à aprendizagem e ao trabalho com línguas estrangeiras.

No que se refere ao braille tradicional em papel, houve melhorias muito importantes nas impressoras braille, muito utilizadas para imprimir textos e documentos, modalidade de uso fundamental ainda hoje, para quem, por motivos econômicos ou de qualquer outro tipo, não tem acesso aos novos dispositivos tecnológicos, ou para quem precisa ler materiais como a leitura da música, a matemática, ou as diferentes conjugações verbais colocadas em colunas, entre outros.

Ao longo dos últimos anos, foram criados e desenvolvidos diferentes programas, como o Braille Fácil, no Brasil; o Ebrai, na Espanha, e o Duxbury, nos Estados Unidos, que fornecem ajuda e melhorias importantes para a criação, a edição e a transcrição de textos em braille para depois serem impressos através das impressoras. Além disso, as novas tecnologias permitiram criar dispositivos denominados “linhas braille” que constituíram e constituem uma verdadeira inovação e revolução no mundo do braille, devido às imensas e inúmeras possibilidades que nos pode oferecer a sua utilização.

Embora existam vários tipos de linhas braille, de diferentes tamanhos, que vão das maiores, de até 80 células, passando por linhas de 40 e as mais práticas de 20 ou de 14 células, que abrangem desde as denominadas “linhas parvas”, que são dispositivos que funcionam apenas ligados a um computador ou a um celular e mostram em braille tudo o que for visualizado na tela do aparelho principal, até os dispositivos mais avançados, dotados, para além da linha braille, de uma máquina braille tipo Perkins, de uma memória interna e da possibilidade de serem inseridas outras memórias, como um *pendrive* ou um cartão SD ou Micro SD, que permitem escrever em braille, guardar na própria memória do dispositivo ou nas memórias introduzidas, tanto os textos escritos pelo utilizador, como os textos transferidos em um *pendrive*. Para além disso, esses dispositivos que funcionam de maneira autônoma, têm muitas outras funções e características que podem resultar de grande utilidade e cujo número, desenvolvimento e potencialidade dependerá do grau de evolução tecnológica de cada aparelho.

Escrever textos através de um teclado braille e da linha braille faz com que, desde a

escola, as crianças ou qualquer pessoa que tenha aulas como aluno de qualquer disciplina possa tomar notas de maneira muito mais fácil do que seria fazê-lo com um computador; isso porque, por um lado, para quem foi alfabetizado em braille desde criança, mesmo que tenha grande agilidade com a escrita no computador, a velocidade da escrita em braille será sempre maior. Além disso, por outro lado, o aluno pode ouvir o professor sem ser incomodado, ao mesmo tempo, pelo sintetizador de voz deste dispositivo.

Poder escrever e ler em braille com esses aparelhos constitui uma vantagem importantíssima no âmbito profissional e, portanto, pode ser uma ajuda muito útil para a integração e a inclusão dos cegos no mundo do trabalho: nesse sentido, podemos pensar no caso dos intérpretes que têm de tomar notas rapidamente para serem lidas a seguir; dos profissionais do mundo do Direito ou de outras áreas, que podem ter uma grande vantagem em reuniões, juízos etc., da mesma maneira que os seus colegas videntes fazem mediante o uso de um lápis ou de uma caneta, ou até dos professores que, se ligarem o dispositivo a

uma tela na escola, podem estar a ver, na própria linha braille, o mesmo conteúdo que os alunos estão a ver na tela ao qual o dispositivo foi ligado.

Uma outra característica desse tipo de aparelho que tem uma grande importância é a possibilidade da transferência de qualquer ficheiro escrito com o anotador Braille para um *pendrive* ou até, no caso dos dispositivos mais avançados, de ser enviado por *e-mail*. Isso ocorre por duas razões: por um lado, porque faz com que o professor não tenha de preparar com antecedência o material ou até o texto de uma prova para ser entregue a um aluno cego, mas pode, diretamente, ao início ou em qualquer momento da aula, entregar um *pendrive* com o material com o qual trabalhará nesse dia.

Pode ainda, nos dispositivos mais avançados e se estiver disponível uma ligação a uma rede Wi-Fi, enviar o material por *e-mail*, e o cego, em qualquer dos dois casos, pode recebê-lo e guardá-lo diretamente no seu aparelho, podendo lê-lo em braille e seguir a aula junto com os seus companheiros videntes. A mesma coisa acontece em qualquer outra

profissão na qual um cego tenha de interagir com colegas, clientes etc.

Por outro lado, também o cego pode escrever qualquer documento, ou até mesmo uma prova, no seu dispositivo e entregá-lo ao professor, a um colega ou a um cliente vidente, simplesmente mediante o uso de um *pendrive*. Essa dupla possibilidade faz com que o processo de interação entre professor e alunos, ou entre colegas cegos e videntes, torne a relação entre os cegos e o âmbito acadêmico, profissional e até a vida diária de cada um de nós na sociedade, muito mais ágil, mais fácil e melhor.

Os dispositivos mais avançados, que contam com sistemas operativos como Android, Linux ou Windows, permitem o acesso, desde o próprio dispositivo, às nuvens mais populares como Google Drive, Dropbox ou OneDrive. Essa característica constitui uma vantagem utilíssima, por exemplo, nos casos de aulas tidas de maneira não presencial, nas quais, quase sempre, o professor interage com os seus alunos através de uma destas nuvens, podendo assim o cego, seguir as aulas e ler em braille em tempo real, tudo o que estiver carregado na nuvem, o que facilita muito para as aulas de línguas estrangeiras.

Para além disso, no âmbito da aprendizagem de línguas estrangeiras, às vezes, a possibilidade do acesso às nuvens através de um dispositivo com linha braille pode substituir, para o cego, o quadro presente nas aulas. Com efeito, felizmente há professores que, nas suas aulas, trocaram o uso do quadro por um computador no qual eles escrevem o que entenderem, ligado a uma tela, o que permite que tudo o que o professor escreve no computador possa ser visualizado na tela por toda a turma. Isso faz com que, quando a aula tiver acabado, se o professor carregar tudo o que escreveu na aula numa dessas nuvens, esse material possa ser lido em braille pelo cego, como se estivesse tendo acesso ao quadro, questão fundamental sobretudo para aprender a ortografia correta das palavras.

Embora o acima exposto possa já se considerar suficiente para perceber a importância que continua a ter o braille atualmente, bem como a sua relação com as novas tecnologias, existe um outro elemento que para a aprendizagem de idiomas estrangeiros é importantíssimo e que, nos últimos decênios, sofreu felizmente uma

alteração muito benéfica para os cegos – trata-se do uso dos dicionários.

Tradicionalmente, o cego unicamente podia ter acesso a dicionários se este estivesse impresso em braille, o que fazia com que, no caso dos dicionários mais completos, usados, por exemplo, pelos tradutores ou por quem já tinha um conhecimento muito alto da língua e precisava realizar pesquisas num bom dicionário, a única solução era ter várias prateleiras dedicadas apenas a um destes dicionários que podiam ter mais de 30 volumes em braille cada um deles. Isso fez com que muitas pessoas tenham renunciado a realizar cursos de diferentes filologias ou de tradução apenas por não existirem muitos dicionários disponíveis de maneira acessível.

Felizmente, a ligação entre o braille e as novas tecnologias veio facilitar enormemente as coisas para os cegos também nesse âmbito, de duas formas diferentes.

Surgiu a ideia de trabalhar com o maior número possível de dicionários para poder disponibilizá-los em ficheiros de texto que possam ser introduzidos e lidos com uma linha braille. Essa possibilidade, embora tenha a

desvantagem ligada ao fato dos dicionários não serem sempre atualizados, pode ser muito útil por exemplo nos casos em que não esteja disponível uma conexão Wi-Fi ou quando, para a realização de um exame, o acesso à internet não seja permitido.

A evolução tecnológica permitiu também que muitos dicionários possam ser consultados através de aplicações específicas utilizáveis mediante conexão à internet, existentes nos aparelhos com linha braille mais avançados, permitindo até a possibilidade de pesquisar uma palavra enquanto estamos lendo um livro, como acontece, por exemplo, para as pessoas videntes, no popular Amazon Kindle.

Essas melhorias têm sido um passo importantíssimo na utilização desses materiais fundamentais para os estudantes e profissionais de línguas, mantendo a possibilidade de serem consultados os dicionários sempre atualizados.

Por último, embora estejam ainda em modo quase embrionário, foram criados os primeiros dispositivos com várias linhas braille, aparelhos que, apesar de serem em geral pouco práticos pelo tamanho muito grande, em alguns âmbitos específicos podem ter uma certa utilidade.

O grande problema para poder aceder a esse tipo de aparelhos é o seu alto custo, pelo que seria importante tentar implantar medidas, tanto a nível mundial como a nível regional, para fazer com que o maior número possível de cegos pudesse ter acesso a eles.

Uma vez que as principais empresas fabricantes desses dispositivos são empresas estadunidenses, coreanas ou canadenses, a sua importação por parte de utilizadores de outros países requer o pagamento de taxas alfandegárias muito elevadas, que podem aumentar o preço do dispositivo em uma percentagem muito alta, que, segundo cada país, mas que pode estar acima do 25%.

Dessa forma, uma medida que poderia e deveria ser proposta para reduzir ditos custos, seria a eliminação para esse tipo de dispositivos, cujo uso é exclusivo e específico para cegos, das taxas alfandegárias, o que faria com que fosse pago apenas o custo real do aparelho sem este ser aumentado de maneira considerável por causa das referidas taxas.

A nível mais local de cada país, seria útil a implantação de diferentes medidas, como um

sistema de aluguel desse tipo de dispositivo por parte das organizações ou associações de cegos de cada país, ou a criação de ajudas por parte dos governos para a aquisição desse tipo de dispositivos, como a concessão de empréstimos com taxas muito baixas, a subvenção direta a cada certo número de anos para quem tencionar adquirir um dispositivo com essas características etc.

Em conclusão, ainda que os leitores de tela sejam recursos muito importantes na atualidade para as pessoas cegas, esses não substituem e não devem substituir de modo nenhum o Sistema Braille, o qual evoluiu e está a evoluir de mãos dadas com as novas tecnologias e com o nosso tempo, e que continua a ser, e será sempre fundamental para a alfabetização e para a aprendizagem das pessoas cegas, de maneira muito especial para a aprendizagem da própria língua e de línguas estrangeiras e em qualquer âmbito da vida diária de um cego.

O limite para um maior acesso a esses tipos de dispositivos mencionados tem a ver com o alto custo deles e das taxas alfandegárias. Torna-se necessário lutar e implantar

medidas em nível mundial, regional e local, de modo a permitir que possam ser adquiridos por um maior número de pessoas.

CAPÍTULO 32

Eu e o Braille: passando a vida a limpo

Ana Cristina Zenum Hildebrandt

Introdução

Costumo dizer que o uso, a difusão e a valorização do Sistema Braille são, para nós cegos, questões identitárias. O braille foi criado por um de nós, foi criado para nós e, se hoje é reconhecido mundialmente, é graças a nós, pois foram nossos antecessores, também pessoas cegas, que aprenderam, divulgaram e, de certo modo, impuseram a adoção do sistema.

Muitos, talvez, não saibam disso, mas há vários casos de cegueira hereditária, de modo que, por motivos genéticos, existem famílias em que nascem várias crianças com problemas visuais. No IBC mesmo, já houve casos de três, quatro ou cinco irmãos estudarem juntos. Também acontece de várias gerações de uma

mesma família apresentarem cegueira, estudarem no mesmo colégio e, naturalmente, serem usuárias do Sistema Braille. Este é o meu caso.

Falar do braille é como falar da minha vida, da vida de meus antepassados recentes e das futuras gerações, que já estão por aí, estudando no Instituto Benjamin Constant. Então, falar do braille, de sua importância, é quase fazer uma autobiografia, ou como sentar-me em um consultório de psicoterapia, para relembrar fatos da infância, histórias de família, relações sociais em geral.

Lembranças de pais e avós

Sim, meus avós paternos eram cegos. Herval e Iracema estudaram no Instituto Benjamin Constant na segunda década do século XX. Lá se conheceram. Não sei detalhes, mas os dois deviam ser alunos aplicados e bem-sucedidos, porque ambos foram selecionados para se tornarem professores da instituição. Naquele tempo, não havia muitas exigências legais para o exercício do magistério e nem concursos públicos para compor os quadros de servidores.

Meu avô trabalhou no que hoje se chama DIVISÃO DE IMPRENSA BRAILLE e foi professor de matemática. Ele tinha fama de durão com os alunos, mas dizem que sabia muito. Um ex-aluno dele, que foi meu professor, também de matemática, contava que vovô lia o que os alunos escreviam pelo verso do papel, enquanto o papel estava ainda na reglete.

De minha avó sei um pouco mais, pois convivi com ela. Gostava de contar histórias de seu tempo no internato. Dizia que era muito “arteira”, não se conformando com a disciplina rigorosa da escola. Quando era jovem, ganhava dinheiro como copista. Será que todos sabem o que é um copista? Naquela época, não existiam as matrificadoras que produziam clichês de alumínio para a impressão em braille de livros em grande quantidade. Então, os copistas, literalmente, copiavam os poucos livros que havia em braille e ganhavam por páginas copiadas. Eu herdei a reglete grande de minha avó, que ela usava para fazer as cópias, graças ao costume de meu pai de guardar tudo que se referisse ao braille e à educação de cegos.

Como professora, vovó trabalhou no que hoje é o Fundamental 1 e no Ensino Supletivo, uma espécie de EJA da época. Na realidade, hoje eu penso que esse supletivo funcionava mais como uma aceleração, já que era comum que os jovens cegos entrassem para o Instituto mais velhos do que o esperado. Dona Iracema era muito bem quista pelos alunos, segundo o que eles mesmos contam, pois muitos deles ainda estão vivos.

Meu pai, Hercen, era o filho mais velho do casal Herval e Iracema – eles tiveram três filhos, dois cegos. Minha mãe, Lúcia, veio do interior de Minas Gerais para estudar no IBC. Os dois se conheceram no colégio e, ainda alunos, começaram a namorar. Um dia, por acaso, jogando papéis fora, encontrei uma carta de meu pai para minha mãe. Estavam na moda as cartas para namorados e amigos nas férias, porque naquele tempo ninguém tinha telefone em casa.

Meu pai foi massoterapeuta e fez Licenciatura em Música. Foi instrutor de braille do Instituto Oscar Clark, o que, na prática, correspondia a ser professor de braille para adultos nas instituições de e para cegos que

havia na época. Somente no final dos anos 1970 é que fez concurso para professor do Instituto Benjamin Constant, onde trabalhou até 2009.

Minha mãe fez o chamado Curso Normal, que formava jovens, em sua maioria mulheres, para o exercício do magistério no que hoje é o Fundamental 1. Como nos anos 1960 ainda não havia a necessidade de concursos públicos para assumir cargos nas repartições governamentais, ela começou a trabalhar no IBC através de um projeto de educação do Ministério de Educação. Foi, então, uma das primeiras alfabetizadoras oficialmente formadas da instituição.

Meus pais foram da geração de cegos que já se profissionalizava e buscava cursos em instituições formais, públicas ou privadas, mas de ensino convencional, que se dispunham a aceitar o desafio de ter alunos com deficiência. Meus pais contavam que faziam provas e trabalhos em braille e, algumas vezes, eles mesmos liam para seus professores avaliarem. De outras vezes, alguns profissionais do IBC eram destacados para fazer a transcrição. Foi quando se tornaram comuns o uso das gravações, inicialmente em fitas de rolo, o uso da máquina de datilografia, a ajuda organizada

dos ledores voluntários. Recursos que complementavam o uso do braille na vida dos estudantes, e que, aliás, também fizeram parte da minha vida estudantil, porque os computadores só apareceram nos anos 1990, quando eu já era professora e já trabalhava.

Infância e juventude

Nasci no contexto citado acima. Meus pais liam e escreviam em casa, por isso, havia sempre muitos livros, folhas avulsas, regletes e punções para o meu manuseio. E tudo era feito em braille: lembro-me de papai, que anotava o jogo da loteria esportiva, a fim de conferir no domingo, quando saía o resultado; de mamãe, que escrevia para os irmãos em Minas, sempre em braille, e depois ditava para meu pai datilografar as cartas; das receitas culinárias que as senhoras trocavam entre si e que minha mãe usava na cozinha, sempre que ia fazer algo diferente; do baralho que jogávamos à noite, também marcado em braille... A propósito, muito cedo aprendi a jogar e ler as cartas. Como eu enxergava um pouco, cheguei a ler cartas para meu pai marcar em braille baralhos que comprava na papelaria.

Uma história marcante da minha infância foi a descoberta de que eu estava perdendo a visão. Estava só em casa com minha mãe, e pegamos um baralho para jogar. Eu conhecia as cartas visualmente, mas não conhecia, ainda, a marcação em braille. Nesse dia, pedi à mamãe que me ensinasse a ler em braille, porque não estava conseguindo identificar as cartas através da visão. Ela não demonstrou aflição nem surpresa, apenas me mostrou as cartas. Não lembro como foi o jogo então, mas, muito mais tarde, minha mãe comentou do susto que levou naquele dia.

Por conviver com o Sistema Braille diariamente, não foi difícil aprendê-lo. Já conhecia muitas letras no chamado sistema comum, ou em tinta, e já havia feito um período da alfabetização na turma de baixa visão. Um dia, a coordenadora das classes de alfabetização me propôs ir para a turma de braille, contando lá uma história da qual não lembro mais. Eu concordei sem reclamar, talvez porque já tivesse entendido que não conseguiria mesmo ler em tinta.

O Instituto Benjamin Constant, nos anos 1970, tinha um projeto chamado Plano Piloto,

que pretendia alfabetizar crianças na máquina de datilografia braille do Instituto Perkins, dos Estados Unidos. A ideia era que, pelo menos até o segundo ano, os alunos utilizassem a máquina nas salas de aula. O projeto não foi muito longe, não sei se pelo alto custo das máquinas para o IBC ou para as famílias dos alunos, em sua maioria de baixa renda. Eu fui colocada numa turma do Plano Piloto. Então, aprendi a escrever na Perkins. Mais tarde, já no segundo ano, soube que teríamos que passar a usar a reglete na escola. Aceitei o desafio e, em casa, “catei” uma reglete que fora de meu avô e o respectivo punção. Comecei a raciocinar que, se a escrita era da direita para a esquerda, os pontos deveriam ser na posição oposta aos da máquina. Aliás, acho que eu já tinha essa informação. O fato é que eu não larguei a tal reglete enquanto não fiquei satisfeita com minha escrita. E passei a usá-la nas aulas, antes que isso me fosse exigido.

E, assim, através do Sistema Braille tomei conhecimento de muitas histórias, ouvi e li muita literatura infantojuvenil, estudei, escrevi cartas, copieei receitas, recebi notícias e alguns pedidos de namoro. Sempre agarrada a uma

reglete, só usava a máquina Perkins para fazer trabalhos em casa e, especialmente, os maiores, porque os pequenos e as redações eram exclusivos da reglete.

Concluído o Primeiro Grau, no Curso Normal, na UERJ, onde cursei Pedagogia, em todos os cursos que fiz, sempre utilizei todos os recursos. As fitas gravadas e a máquina de datilografia comum foram substituídas aos poucos pelas mídias MP3 e pelo computador. Os livros em braille foram ficando escassos, porque não dispunha mais da Imprensa Braille do IBC para produzi-los, como acontecia no Fundamental. Mas a Perkins e a reglete continuam, até hoje, fazendo parte da minha vida.

Trabalho e militância

Fiz concurso para o Instituto Benjamin Constant em 1993, quando já era professora do Município do Rio de Janeiro. Nos dois concursos usamos o Sistema Braille para responder às provas teóricas. Naquela época, o concurso para o IBC constava de três etapas: a prova teórica, uma de desempenho no uso

do braille e do sorobã e a prova prática, na qual dávamos uma aula sobre um ponto sorteado.

Em trinta anos de magistério no Benjamin Constant, sempre trabalhei com turmas do Fundamental 1, obviamente utilizando livros e apostilas em braille. Às vezes, eu copiava questionários ou pequenos textos com a Perkins, para trabalhar com os alunos. Também fazia todas as anotações em revistas comuns, para ter o controle das aulas: conteúdo, frequência dos alunos, resultados de avaliações. É comum que pessoas cegas usem revistas para escrever com a reglete. Elas já vêm encadernadas e suas folhas costumam ser finas, o que torna a escrita mais rápida e confortável.

Se me permitem um parênteses, tenho guardadas algumas revistas com receitas culinárias, que minha avó Iracema escreveu e passou para mamãe.

No IBC, também ministrei cursos de braille. Ensinei a professores, pais de alunos, pessoas interessadas em conhecer o sistema. Além do código, procurei transmitir o valor do Sistema Braille para os cegos, mostrando que, para nós, ele representa mais que um meio de

acesso à leitura e à escrita, mas uma forma de se apropriar da linguagem, fisicamente, do mesmo jeito que os que enxergam se apropriam através dos símbolos desenhados no papel.

A vida, no entanto, não se resume ao trabalho profissional. As pessoas com deficiência precisam lutar por direitos na sociedade e, em muitos casos, recebem convites para falar sobre a deficiência ou como esta pode ser enfrentada. Além, é claro, de terem interesses pessoais, como arte ou religião.

Um dos meus vínculos mais fortes é com a Doutrina Espírita. Também ela eu recebi como um legado familiar. Minha avó Iracema e meus pais já eram espíritas quando eu nasci. Essa filosofia, porém, exige de nós muita leitura e, como em todas as áreas do conhecimento, são poucos os livros em braille. Nos anos 50 do século passado, não havia produção de livros espíritas em braille, até que, em 1953, foi criada a Sociedade Pró-Livro-Espírita em Braille, SPLEB, da qual meus familiares fizeram parte desde o início. A SPLEB transcreve livros espíritas para o Sistema Braille e os distribui gratuitamente. Seus trabalhadores são

voluntários e a instituição conta com associados que a sustentam, também promovendo eventos, como bazares, para obter recursos.

Hoje, aposentada do IBC, faço revisão de textos braille na SPLEB, além de outras atividades relacionadas à doutrina. Quando faço palestras em instituições espíritas, falando de espiritismo, naturalmente, sempre compareço com um livro ou com o roteiro do que deve ser dito, devidamente escrito em braille, para me orientar.

Conclusão

Escrevendo sobre minha vida, não o faço por vaidade ou pensando que ela seja mais interessante que a de outros... Percebi, apenas, que o Sistema Braille se confunde tanto com as histórias que resumi, que para falar dele em minha vida, precisaria resumi-la. Se estudei, tive amigos e admiradores, trabalhei, participei da vida social, se vivi, é porque existe o Sistema Braille; e meus avós, meus pais e eu pudemos aprendê-lo e usá-lo em nossas vidas.

Contando um pouco das histórias que vivemos, espero que quem me leia, talvez na

minha própria família, onde há outros cegos, sintam-se motivados a viver, a usar o braille, tendo uma vida produtiva.

Refletindo minha trajetória familiar e a de tantos companheiros que conheci, estudando sobre cegos que viveram antes de nós, foi que construí a ideia de que o Sistema Braille, além de ser um grande meio de acesso à informação e à escolaridade, além de nos ajudar a selecionar objetos e marcar roupas, é um símbolo e, mais que isso, um instrumento de autonomia, de identidade e de conquista das pessoas cegas do mundo inteiro.

CAPÍTULO 33

Descobrimdo a cegueira

Geni Pinto de Abreu

Nasci em 1976, em São Fidélis, cidade do Noroeste Fluminense do Rio de Janeiro. Minha família era extremamente pobre, simples em todos os aspectos. Meu pai era agricultor e minha mãe, dona de casa, que em muitos dias precisava, além de cuidar dos filhos e de toda organização doméstica, auxiliar meu pai na roça. Meus pais trabalhavam para outras pessoas, razão de seus rendimentos financeiros serem bem pequenos.

Nossa casa era na zona rural, em uma localidade chamada Valão dos Milagres. A casa era emprestada por meu tio (mais afortunado), irmão de meu pai.

Tenho ainda algumas lembranças dessa casa e do terreiro onde ela ficava. Tinha dois

ou três quartos, não tenho muita certeza. A sala não era muito grande, mas... Para que maior se nem tínhamos muitos objetos? Não havia banheiro; nossos banhos eram em uma bacia bem grande, e as demais necessidades eram feitas fora da casa, escondido entre as plantas. Minhas maiores lembranças são da cozinha; espaço amplo, piso não havia, era chão de terra. Havia um moinho onde o milho que meu pai plantava e colhia era transformado em alimento para a família e outra parte para os poucos animais que nos acompanhavam.

O terreiro, como é comum chamar os quintais na zona rural, também me traz boas recordações. Era grande, repleto de plantas, flores e árvores com frutos deliciosos. Coco, bananas, cana de açúcar, limão, maracujá, goiaba, mangas... Hummm... Quantas saudades boas! Anos depois, refletindo e escrevendo, é como se os sabores revisitassem meus lábios e boca. Aquele terreiro era também um espaço de alegrias, brincadeiras, risadas e até de pequenos acidentes.

Minha família é grande. Somos sete irmãos: quatro mulheres e três homens. Sou a

quarta filha. Em uma época em que, na região, era comum as crianças chegarem ao mundo em casa, pelas mãos das parteiras, eu nasci em um hospital normalmente.

No nascimento, os médicos não perceberam nada, assim, eu e minha mãe, logo fomos liberadas para casa. Com o dia a dia, meus pais começaram a observar que meus olhos não abriam; o que só aconteceu após os primeiros dezoito dias. Meus pais me levaram em alguns médicos que constataram a deficiência visual. Eles disseram aos meus pais, que talvez, quando eu estivesse com sete anos, seria possível encontrar uma solução por meio de processo cirúrgico, em alguma cidade bem maior que a nossa.

Diante das informações que recebiam daqueles que eram profissionais de saúde, minha família sentiu-se sem saída. Acreditavam não haver solução alguma para mim. Não receberam nenhum suporte, nenhuma explicação, nenhuma sugestão de caminhos para que ao menos eu pudesse me desenvolver. Por isso, acreditavam que eu ficaria para sempre ao lado deles e que, eternamente, dependeria de cuidados integrais.

Minha mãe conta que ouvia constantemente muitas bobagens das pessoas vizinhas, de amigos e de familiares. Umas diziam que eu seria sempre um enorme trabalho para eles; que eu não ia andar, tampouco falar; na opinião dessas pessoas, eu seria um verdadeiro peso. Felizmente, contrariei todos os achismos da comunidade e dos familiares: andei aos nove meses e falei aos 11. Alguns pensaram que era um milagre. É claro que passaram a falar que eu não seria capaz de me desenvolver e muito menos trabalhar, ser mãe, ter minha própria casa. Meus pais não tinham o menor conhecimento de como agir, em meio a uma situação, que na época, para eles, era extremamente difícil de encontrar alternativas, principalmente pela falta de melhores condições financeiras e ausência de informações e suportes corretos.

O tempo passou, e eu comecei a observar meus irmãos mais velhos irem para o grupo escolar (nome que recebia a escola da região), lugar que eu não podia frequentar. Aliás, frequentava apenas nas datas em que íamos atualizar o quadro de vacinação. Isso, na minha cabeça, era estranho, incompreensível. Eu queria conhecer aquele lugar, conviver com

outras crianças, ler, escrever, fazer continhas, desenhos... Contudo, todos repetiam que aquele lugar não era para mim, pois lá não havia nada que eu conseguisse fazer. Na minha compreensão de criança, aquelas falas não me convenciam, pelo contrário, machucavam muito, traziam grande tristeza. Eu achava estranho demais ser criança como meus irmãos e não poder ir junto para a escola.

Eu crescia dentro de casa. Às vezes, minha mãe pedia para eu ajudar em umas pequenas coisinhas, por exemplo: dobrar e guardar roupas; debulhar milho — essa função era sempre um problema, pois eu adorava comê-los, e, muitas vezes, depois passava mau. No restante do dia, brincava, ora sozinha, ora com meus irmãos. Saíamos para passear de vez em quando: casa de parentes e amigos, bailes na casa de meu tio, ladainhas na vizinhança, festas esporádicas na região.

No ano de 1983, em julho, tudo mudou rapidamente. Recebemos visitas, até então desconhecidas para mim. Era um casal formado por uma prima do meu pai e um tio da minha mãe. Foram passar quinze dias de férias em casas de outros familiares e aproveitaram para

nos visitar. Já chegaram curiosos querendo conhecer a pequena parente diferente que todos comentavam, afinal, naquele lugarejo, uma pessoa cega era uma novidade e tanto, era o comentário entre todas as famílias.

Esse casal, principalmente a esposa, desde o primeiro instante teve o desejo de me levar para sua casa. Eles moravam a bastante tempo no Rio de Janeiro. Não tinham filhos biológicos, cuidavam de uma sobrinha, e tinham uma filha que adotaram aos sete dias de nascida. Era um casal que financeiramente possuía quase nada, era bastante complicado. Faltava praticamente tudo. Eram quatro, sobreviviam do jeito que conseguiam. Contudo, sempre tiveram um coração gigante, daqueles que acreditavam que independentemente de qualquer situação, sempre havia espaço para fazer algo para outras pessoas.

Inicialmente, a ideia era encontrar uma possibilidade de tratamento. Minha tia pensava que teria um jeito de eu conseguir enxergar, pelo menos um pouco. Ela tinha o intuito de encontrar, sei lá, talvez um processo cirúrgico. Ela não aceitava a ideia de não existir jeito algum.

Minha tia insistiu muito. Minha mãe chorava, ficou triste, não queria permitir, não se imaginava tão longe de um filho. Papai e mamãe conversaram e chegaram à conclusão de que aquela era a melhor solução; ali, eles não viam um modo de me ajudar. Seis horas de ônibus nos afastariam, mas, na ideia inicial de todos, seria um afastamento provisório. Meus pais, principalmente minha mãe, sentiram muito, mas concordaram. Acreditavam que estavam fazendo o melhor para mim. Eu, como toda criança que adora uma novidade, cheia de expectativas, fiquei entusiasmada quando soube que iria para outra cidade. Queria entender o que acontecia comigo.

Eu percebia que comigo tudo era diferente, mas não sabia a razão. Na verdade, ninguém havia conversado comigo para explicar que eu não enxergava. Eu observava tudo ao meu redor. Achava estranho as pessoas comentarem sobre coisas que eu não via. Nas brincadeiras, para mim, era tudo esquisito demais, pois, eu era a única criança, que precisava de auxílio em alguns momentos. Todavia, eu não tinha noção que ia para um lugar tão longe de meus pais e irmãos, pessoas que eu amava muito,

peessoas que me protegiam de tudo e de todos, pessoas que me transmitiam segurança.

Cheguei ao Rio, e fomos a vários médicos. Minha tia ouviu muitos absurdos de diversos médicos em um desses hospitais; eles diziam ser um total despreparo falarem que eu tinha que aguardar os sete anos para uma avaliação mais aprofundada. Surgiu a possibilidade de uma cirurgia para tentar diminuir as dores. A médica disse que poderia acontecer de eu perder o restinho de visão que eu ainda possuía. Com essa informação, minha mãe achou melhor não liberar o processo, ficou com muito medo. Meu diagnóstico foi glaucoma congênito. Com o passar do tempo, minhas dores aumentaram absurdamente; passei anos e anos buscando alguma forma de diminui-las. Não encontrei respostas. Acho que me acostumei às dores para seguir meu caminho em busca de outros sonhos.

No final de 1984, diagnóstico fechado, cirurgia não autorizada, voltei para casa, para meus irmãos e meus pais. Voltei insatisfeita, no meu íntimo eu queria muito mais, queria voar alto. No entanto, também continuava sem me entender, não compreendia a razão de eu

ser diferente de todos. Corria, brincava, pulava.... Mas, eu crescia me percebendo diferente de todos. Eu sempre me questionava e quando possível questionava aos outros: Por que eu sou assim? Qual a razão de eu não conseguir ver o que eles veem? O que acontece comigo? Quem sou eu? Será que vou conseguir um dia ler e escrever? Na minha cabeça, minha família nunca tentou me dar as respostas, porque, na realidade, não as possuía.

No Rio, meus tios tinham uma vizinha que era professora em um Colégio Estadual de Magistério. Essa moça soube do Instituto Benjamin Constant (IBC). Ela disse aos meus tios que tinha chance de eu conseguir uma vaga para estudar. No início, ninguém acreditou muito. Meus tios entraram em contato com o IBC para confirmar a informação, e era real! Sim, tinha um caminho que podia mudar tudo!

Quando minha mãe soube, novamente ela não queria permitir que eu voltasse para a casa deles. Dessa vez, eu pedi várias vezes que eles deixassem. Eu imaginava que seria difícil, mas eu queria tentar, eu precisava dessa oportunidade. Minha mãezinha, com o coração super apertado, novamente buscando forças

para acreditar que estava fazendo a melhor escolha, liberou a pequena filha para morar a quilômetros de distância da família. Sair de perto deles, para mim, foi uma dualidade de sentimentos. Triste, porque ia ficar distante dos meus amores e do meu porto seguro; feliz, porque finalmente eu ia ter a chance de saber o que era uma escola, e quem sabe ia até aprender a ler e escrever.

Um detalhe que me preocupava demais e nem meus pais nem meus irmãos, mesmo hoje, tanto tempo depois, pouco sabem, é que no Rio de Janeiro, na casa de meus tios, eu viveria muitos anos em uma corda bamba. Eu tive, desde a primeira viagem, muitos problemas com minha tia e minha prima. Os conflitos eram constantes. Irritação, castigos, dores, choros, sofrimentos, gritos, riscos... melhor parar por aqui! Eu tentava me defender, e essa atitude hoje sei que em muitos momentos aumentava o problema. Minha tia era uma mulher repleta de boas intenções, queria ajudar de verdade; contudo, era super explosiva, perdia o controle fácil. Minha prima, nunca compreendi, penso que ela tinha ciúmes de mim. Eu sabia que seria muito difícil; e foi, não nego; muitas

vezes, tive vontade de entregar os pontos e desistir. Eu não podia contar nada para quem quer que fosse. Na minha cabeça, qualquer pessoa que soubesse da situação, ia contar para meus pais, que certamente me levariam de volta para casa, solução, que para mim, não era a melhor. Eu, apesar de tantas dificuldades, já carregava comigo o desejo de lutar, enfrentar todos os desafios. Para mim, a melhor opção era seguir em frente. Eu pensava que continuar com aquela família significava, talvez, um futuro mais promissor. Desde criança, nunca fugi de desafios, pelo contrário, eles sempre me atraíram.

No dia 08 de março de 1985, cheguei ao IBC para estudar. Já estava matriculada. Estava muito feliz. Era meu grande sonho, sentia-me realizada, afinal tinha chegado em uma escola. Até então, eu não tinha a menor noção de como funcionava uma escola, apenas sabia que naquele lugar, geralmente, as crianças aprendiam ler e escrever, o que era meu grande sonho.

No princípio, fiquei extremamente apavorada. A escola era enorme, tinha muita gente. Meus tios me deixaram lá; eu não

conhecia nada, nem ninguém. Sabia que ficaria lá durante toda a semana, e meu tio me pegaria na sexta-feira, após o almoço. Nos primeiros dias, tudo que me ensinavam, eu fazia errado, não entendia alguns comandos. Tinha dificuldades até para beber água em bebedouros, minhas blusas ficavam totalmente encharcadas. Levava broncas. Repetia as ações, buscando acertar. Quando pensei que podia caminhar sozinha para chegar nas salas de aulas e demais espaços, constantemente me perdia pelos corredores. Depois de alguns meses, com o auxílio de uma professora em uma atividade individual, aprendi a me localizar com a ajuda de um lindo mapa tátil em uma das paredes. Esse mapa continua lá. Representa a América do Sul e é enorme. O pedaço da parede onde localiza-se sempre foi pintado com um belo tom de azul, detalhe que desde os primeiros dias me chamou bastante a atenção.

Levei o maior susto nos dormitórios. Eu era interna, ficava durante a semana na instituição, ia para casa nos finais de semana. Os dormitórios eram enormes, e muita gente diferente dividia o mesmo ambiente. Os banheiros também eram grandes, mas havia

apenas um chuveiro quente, provocando filas principalmente pelas manhãs; por isso, eu preferia, mesmo detestando, os banhos frios. Crianças pequenas eram cuidadas por pessoas diferentes de seus familiares.

A alimentação também para mim era estranha: os horários eram determinados; a comida às vezes era sem sabor algum, mas, às vezes, era gostosa; havia alimentos que eu nunca havia tocado nem sentido o gosto.

Tudo era confuso em meus pensamentos. Eu sabia que ficaria no internato, mas imaginava a organização bem diferente: pensava que seria um quarto com o número máximo de três pessoas, com banheiro em anexo, móveis do lado da cama, aparelho de som, televisão... Quanto à alimentação, eu pensava que seria como nos restaurantes/hotéis; pratos lindos, deliciosos, sobremesas incríveis, várias opções... Minha imaginação era bem oposta à realidade. Em casa, eu não tinha nada do que eu pensava que teria no IBC, aliás, naquela época, meu conhecimento era extremamente mínimo. Mas sei lá por que, eu pensava que lá seria dessa forma.

Não levou muito tempo para tudo mudar, e dessa vez, para muito melhor. Comecei logo a aprender novas coisas. Passei a frequentar várias aulas. Fui-me entrosando com as crianças e fazendo amigos. As brincadeiras passaram a ser bem melhores, pois agora sim, eu participava da mesma maneira que todos os colegas. Não me lembro direito do momento em que compreendi o que era ser cega, no entanto, no IBC, logo nos primeiros meses, definitivamente, entendi minha condição. Compreendi que minha vida seria um pouco distinta da vida das pessoas com que eu convivia fora do ambiente do IBC. Entendi, observando vários professores cegos, que o dia a dia, apresentaria algumas dificuldades, mas, com esforço, luta, dedicação poderia vencer todos os obstáculos.

Dias, semanas, meses passavam. Eu seguia me desenvolvendo dentro do esperado para uma menina de oito anos recém-chegada ao ambiente escolar. Eu estava ansiosa por ler e escrever. O contato com os pontinhos mágicos começou; atrevo-me a dizer que é provável que a maior alegria tenha tomado conta de meu coração. É possível que eu tenha pensado que

estar longe de casa já estava começando a valer à pena. Aqueles pontinhos me encantavam. Eu achava incrível conseguir ler e escrever com as mãos. Aprendi rápido. Cada letra, sílaba simples, pequena palavra, sílaba complexa, palavras maiores e mais difíceis, frases, textos diversos, poemas, símbolos específicos do Sistema Braille, números, continhas, resolução de problemas, tudo isso representava o meu crescimento.

Inicialmente, a escrita era bastante lenta. Eu utilizava reglete e punção. Com o tempo, decidi treinar bastante, queria escrever como via meus colegas fazerem. Consegui, e a agilidade aumentava sempre, por usar os equipamentos todos os dias. A leitura também fluiu com o treinamento constante, não demorou muito, para eu me observar lendo mais rápido, sem tropeçar demais em símbolos, palavras e pontuações.

Passei a utilizar a biblioteca. Que lugar era aquele? Livros e mais livros, magia, fantasia, viagem, conhecimento, informação, cultura, liberdade, interação, amizades, alegria, luta, conquista, tudo junto e misturado em um único lugar.

Ao finalmente aprender a ler e escrever, senti-me transformada totalmente. Até as férias, que eram de três meses, passaram a ser bem mais legais, já que passei a ter coisas para ler, podia escrever textos, cartas para amigos. As brincadeiras também ficaram mais legais, agora eu havia descoberto um monte de outras coisas.

O IBC rapidamente se transformou no meu espaço preferido. O eterno Casarão Rosa da Praia Vermelha significava crescimento, desempenho, desenvolvimento, aprendizagem, qualidade de vida, futuro bem mais próspero.

Compreender quem eu sou e o que é ser uma pessoa cega, para mim, teve um grande significado, representou o início da liberdade para voar em busca de conquistas e de um futuro mais igualitário. Foi como definir o meu lugar dentro da sociedade, ressignificar pensamentos e pertencimento. Não se trata de romantizar a cegueira, é claro que em muitos momentos houve desespero, tristeza, angústia, questionamentos.

Falta? Não sei se sinto. Como posso sentir falta de um sentido que nunca conheci? Com o amadurecimento, entendi que existem outros

meios de ver. Eu vejo com as minhas mãos, vejo com meus pés, vejo com o corpo inteiro. O desenvolvimento nos ensina a reconhecer lugares, pelo cheiro, pelas curvas e até por obstáculos. Texturas, cheiros, gostos e sabores misturados permite-nos identificar alimentos. Uma pessoa cega, para avançar apresentando pleno desempenho, depende inteiramente do aprendizado que recebe. É importante aprender a utilizar o corpo completo. O corpo fala por intermédio das sensações diárias, escutá-lo pode trazer boas experiências. Eu me transformei em companheira da minha cegueira; estamos juntas, não podemos ser inimigas; dessa maneira, penso que a jornada torna-se mais tranquila, com um cotidiano mais fluido e, sem dúvidas, com muito mais leveza.

O tempo passou. Apreendi muito. Conclui o Ensino Fundamental e escolhi seguir no magistério. Fui para a formação de professores no Colégio Estadual Júlia Kubistchek – outra vez, tudo novidade. Havia apenas duas alunas cegas em uma turma com mais de quarenta alunos. No início, parecia impossível. Conflitos com alguns colegas e professores; dificuldades para conseguir alguns materiais; atividades e

provas sempre incógnitos; era preciso negociar sempre. Faltava dinheiro para uniforme, lanches, livros, materiais específicos para pesquisas, exposições, projetos. Só não faltava a vontade de concluir mais uma etapa e ficar mais próximo de poder voar.

Escolhi o magistério por achar que estaria mais perto de adquirir independência financeira, pois eu precisava urgentemente trabalhar. Hoje tenho certeza de que fiz a escolha certa. Sinto-me totalmente realizada. O trabalho na educação não veio rápido: em 2002, passei em concurso para o município de Duque de Caxias e, em 2013, para o IBC.

Ao chegar no IBC como professora do Sistema Braille, passei a levar não só para outras pessoas cegas mas também para as que enxergam o método que, aliado a diversos conteúdos, transformou a minha história. Agora, concursada, o IBC continua me proporcionando grandes conquistas: pós-graduação em Letramento e Alfabetização de Crianças Cegas e com Baixa Visão (convênio entre IBC e ISERJ (Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro)), em 2014; mestrado profissional em Educação Profissional

e Tecnológica (Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) – polo Mesquita), em 2023.

Hoje, praticamente, todas as pessoas cegas, usuárias do Sistema Braille, utilizam também tecnologias mais modernas, como os *notebooks*, *smartphones* e tabletes. A tecnologia avança rapidamente para todas as pessoas, e nós, pessoas cegas, também fomos contemplados. Todavia é fundamental sinalizar que 200 anos depois, o código estudado, testado, adaptado pelo jovem cego francês Louis Braille, segue vivo, forte, lutando bravamente em todo o mundo.

O Sistema Braille, apesar de muitos o considerarem extremamente complexo, na realidade, é um código bastante simples. Basta que a pessoa interessada, ao estudá-lo, compreenda a lógica definida por seu inventor. É um código que, na sua simplicidade, tornou-se grandioso, potente, indispensável. Código que rompeu as barreiras impostas por gestores videntes, ganhou espaço não apenas em seu país natal, mais em todo o mundo.

Esse processo não foi imediato, aconteceu aos poucos. Pessoas cegas concluía seus estudos e, muitas vezes, retornavam para suas

regiões de origem; levavam consigo todo o aprendizado recebido, o Sistema Braille e, em muitos casos, levavam um ideal libertador de que era necessário ensinar a outros cegos tudo o que tinham aprendido. Com esse movimento, surgiram várias escolas para cegos no mundo, e posteriormente, no Brasil.

Infelizmente, Louis Braille não teve tempo em vida para presenciar a universalização de seu feito. Para nós cegos, usuários do Sistema Braille, se fizermos uma avaliação mais profunda, chegaremos, facilmente, à conclusão de que o processo de inclusão de pessoas cegas, iniciou no instante em que o menino frágil, inteligente, dedicado e sensível criou e publicou seu sistema de leitura e escrita tátil. Esse feito só podia ter sido idealizado e consolidado por uma pessoa cega, já que perpassa por especificidades desconhecidas aos videntes. É um método completo, que ao longo dos anos, para acompanhar o avanço das informações, quando necessário, passa por alterações, visando ao maior aproveitamento das pessoas em todas as áreas de conhecimento.

O Sistema Braille, no século XIX, quando a leitura para pessoas cegas ainda não podia

ser individual, e a escrita ainda não era viável, para além de ter sido um grande marco histórico, modificou completamente tal situação. Com o Sistema Braille, iniciou-se também o movimento em prol da luta para adquirir autonomia, independência, individualidade, liberdade. Esse movimento ocorreu no mundo inteiro; outras escolas surgiram – umas utilizando o Sistema Braille, outras, outros códigos no início até aceitar o método do jovem de Paris. A grande força desse movimento estava no grupo de ex-alunos da escola de Paris, que ao retornar para suas comunidades de origem, faziam questão de transmitir os aprendizados que receberam.

Atualmente, 200 anos depois, nossa luta segue firme. Agora, não apenas com o intuito de disseminar o Sistema Braille mas também para que o método continue sendo respeitado e se mantenha vivo, para que, unido a outras tecnologias, pessoas cegas possam desfrutar dos benefícios que ele nos traz. É tempo de comemorar, mas é tempo principalmente de reflexão. Pensar em ações futuras, ações que visem ao fortalecimento do ensino e da utilização do sistema a muito mais pessoas

cegas de nossa escola, nosso país e quiçá de regiões mais distantes.

Louis Braille, a você, nossa eterna gratidão! Você se dedicou integralmente a nos proporcionar um caminho muito diferente daquele que você viveu por boa parte de sua existência! Foi forte, guerreiro, mesmo quando o corpo cada vez mais tornava-se fraco em razão das complicações da doença!

José Álvares de Azevedo, sem seu trabalho e esforço incansável, o IBC talvez nem existisse! Você não conseguiu conhecer a escola que tanto sonhou, ela segue firme, lutando dia a dia para cumprir com os propósitos desejados por você! Só temos a agradecer!

Instituto Benjamin Constant, o Sistema Braille, chegou ao Brasil e na América Latina, através de sua criação e, posteriormente, do esforço de seus ex-alunos. Hoje, cabe aos seus profissionais: divulgar, ensinar, estudar, disseminar, propor alterações, publicar e distribuir obras gratuitas. Lembre-se sempre de que o intuito de José Álvares de Azevedo era criar uma escola que ensinasse o Sistema Braille, portanto, o IBC existe porque Azevedo trouxe o braille para perto de nós!

Usuários do Sistema Braille, sigamos com nossa luta; há muito para conquistar!!!

Parabéns, Sistema Braille. Sem esses pontinhos milagrosos, verdadeiramente não sei como seria a minha vida e a de tantos outros companheiros! Conhecer-te transformou minha história! Obrigada por tudo! Obrigada por tanto!

CAPÍTULO 34

O braille como instrumento de acessibilidade e inclusão de pessoas cegas

Vitor Alberto da Silva Marques

A minha iniciação no braille

O meu acesso à escola foi um tanto quanto tardio. Fui matriculado em uma instituição para alunos cegos por volta de meus oito anos. Em minha tenra idade, essa lacuna gerou uma profunda perda, por não ter passado pela pré-escola. Esse fato foi bem prejudicial, já que faltaram, nesse período, estímulos básicos para as minhas conquistas biopsicossociais e meu desenvolvimento motor a ser consolidado pelos recursos inexplorados indispensáveis.

Essa carência de estímulos causou um vácuo em minha formação sociopedagógica, que era reduzida a uma atividade lúdica doméstica de pouca densidade.

Após a minha inserção na escola, passei a explorar as minhas potencialidades e a operar todas as minhas ferramentas de acessibilidade: audição, olfato, paladar, tato, com maior precisão e justeza.

Paralelamente, emergiam outros recursos que passaram a me permitir a conquista de capacidades latentes, vinculadas ao monitoramento e à coordenação motora dos movimentos em determinados espaços.

O recurso do tato seria o ponto de partida para identificação dos relevos, com seus recortes, ora lisos, ora ásperos, com contornos, em linhas retas, linhas curvas e outros formatos perceptíveis.

Acrescente-se a isso todo tipo de orientação: longitude e latitude, lateralidade, formas e volumes.

A partir daí, passei ao reconhecimento tátil de formas pontilhadas que me conduziram ao novo saber, à nova conquista de sinais que viriam a ser as letras do alfabeto braille, contando para tanto, com o recurso sensório-motor.

Dedilhando, aprendi a reconhecer as letras do alfabeto, que integram o Sistema Braille. Em contato com um aparelho denominado reglete, aprendi a escrever, pressionando em uma régua retangular, sela a sela, gerando sinais, convertidos convencionalmente em letras e sinais gráficos.

Simultaneamente, nesses primeiros anos de escola, descobri o quanto o Sistema Braille possuía de fonte criativa inesgotável, ao constatar que os 10 primeiros símbolos do alfabeto, poderiam gerar em seu conjunto, números anteceditos por um sinal gráfico especial, denominado sinal de número, que conduziria esses símbolos combinados, ao infinito. A partir desse recurso seria gerada uma vasta gama de utilidades na matemática e em outros campos das ciências.

Descobri também, surpreendentemente à época, o quanto o braille era rico em sinais gráficos de caráter universal, servindo a uma imensa diversidade de ciências, dos quais, falarei adiante.

Descrição do Sistema Braille

O Sistema Braille é composto por seis pontos em relevo, impressos manualmente em papel, inicialmente por meio de um instrumento pontiagudo, denominado punção, tendo como base um instrumento denominado reglete com sua régua com alinhamento em células retangulares.

Sua estrutura prevê 63 combinações, que resultam em seus diferentes símbolos e sinais gráficos de acordo com o alfabeto latino.

Sabe-se que o braille não é uma língua, como alguns propagam. Ele se constitui em um código de caráter universal, com algumas especificidades de cada cultura, seja árabe, asiática ou africana.

O Sistema Braille – história e desafios

O braille é um sistema de escrita criado na França, na primeira metade do século XIX, mais precisamente em 1825.

Seu criador, Louis Simon Braille, aos três anos, perdeu a visão, enquanto brincava com as ferramentas de trabalho de seu pai, Simon

René, membro da pequena burguesia empobrecida francesa, que trabalhava como seleiro e sapateiro no povoado de Coupvray.

Foi exatamente com uma dessas ferramentas de sapateiro, denominada sovela, que ele perdeu a visão.

Durante toda sua infância, a família de Louis Braille se esforçou para que ele frequentasse a escola, mas o colégio local logo o rejeitou, sob o pretexto de não ter os recursos necessários para educar a criança. Seu pai, então, assumiu seus cuidados e tentou-lhe ensinar o ofício, enquanto o padre local o educava na fé cristã. Aos 12 anos, um novo padre conseguiu que ele estudasse no Instituto de Cegos de Paris.

Nesse instituto, porém, os jovens eram obrigados a ler o alfabeto latino tradicional, impresso em relevo em páginas de papel espesso, e a escrever nesse mesmo alfabeto por meio de copistas.

Lá, ele desenvolveu o sistema inspirado no código noturno de comunicação com soldados, do Capitão Charles Barbier. Esse código apresentava uma feição tracejada.

O Sistema Braille, diferentemente, apresentava um relevo pontilhado, distinto, objetivando melhor ajustamento e identificação ao tato. Originalmente, o braille utilizava 12 pontos, mas Louis Braille o reduziu para seis pontos, alinhados em uma célula retangular. Essa simplificação visava ajustar o relevo aos dedos, no processo de leitura.

Certamente, ninguém melhor que uma pessoa cega para engendrar esse sistema, difundido por ele, a partir do Instituto de Cegos de Paris.

Deve-se reconhecer que o sistema de leitura e escrita desenvolvido por Braille foi um divisor de águas no desencadeamento do processo de nossa inclusão social. Para esse fato, no Brasil, também tivemos uma personalidade que contribuiu significativamente; trata-se de José Álvares Azevedo, que em carta a seu pai, manifesta gratidão por ter tido a oportunidade de ser levado a estudar em Paris, em 1844, e ser trazido de volta para o Rio de Janeiro em 1850, já com 16 anos, trazendo em sua bagagem, o saber do novo sistema de escrita e leitura – o braille. Tudo isso, graças ao empenho e ao apoio financeiro de seu pai, comerciante no Rio de Janeiro, à época.

Deixo aqui, de reproduzir sua carta, por ser extremamente longa e ácida.

O emprego generalizado do braille

O Sistema Braille revolucionou o acesso à educação e à informação. Sua história abrange transformações significativas desde sua invenção até os dias atuais. Sua disseminação foi lenta e gradual, mas segura.

Sua adoção não foi imediata. Produzir materiais em braille era ainda insipiente, e a resistência de alguns setores do segmento das pessoas cegas e de parcela da sociedade em geral atrasou a sua implementação de forma exponencial.

A sua produção era cara e trabalhosa, o que constituía uma barreira para sua implantação e seu crescimento sólido. A impressão, em princípio, era manual, em papel espesso, efetuada, em particular no Brasil, por voluntários copistas.

É sabido que no tempo do império havia uma forte influência francesa no Brasil. Isso pode ser constatado por um número significativo de obras francesas em braille, de

literatura e até mesmo de matemática, datadas de 1868, como tive oportunidade de encontrar na biblioteca braille do IBC.

Por sua característica volumosa, o braille era transcrito em um único exemplar, à disposição dos alunos cadastrados em bibliotecas escolares. Exigia extrema habilidade, visando à busca de uma escrita legível e amigável para as mãos. O prazo de empréstimo das obras limitava muito o acesso à leitura.

Devo pontuar que o Sistema Braille tem um caráter universal. Ele é usual em uma multiplicidade de línguas e em uma diversidade de saberes. Isso pode ser demonstrado por sua aplicabilidade não só em diferentes idiomas mas também em um grande número de ciências, como Matemática, Física, Biologia, Química, Música e suas partituras, Informática bem como as chamadas Ciências Humanas e outras ciências emergentes, graças à sua capacidade de constante renovação.

Uma observação: em nosso idioma, incluindo todos os países de língua portuguesa, os sinais gráficos, simbolizando diferentes símbolos, como as pontuações, com suas

variantes, os sinais de parênteses, os literários ou matemáticos, os grifos, os sublinhados, os símbolos informáticos, os sinais da pauta musical e demais sinais técnicos e científicos correntes, apresentam semelhanças.

Essa transição para a uniformização teve início a partir do final do século XIX indo até 1930, quando se iniciava a construção dos parques gráficos, que permitiam a produção do braille em grande escala.

A partir desse momento, foram-se disseminando os espaços onde se introduziriam as grandes coleções em braille, abrigadas em bibliotecas destinadas para esse fim. Especialmente no Instituto Benjamin Constant, escola especializada para crianças e adolescentes cegos, modelo na América Latina, eram introduzidas grandes coleções brasileiras e estrangeiras, todas em braille. Tivemos, entre outras obras, enciclopédias como a *Novelle Clio*, coleção francesa de história; a *Webster*, enciclopédia inglesa de âmbito geral; os dicionários português-inglês e inglês-português, de Osvaldo Cerpa, de 70 volumes, e a *Constituição brasileira*, com 15 volumes.

Ao longo do século XX, o braille passou por profundas transformações, quando foram introduzidas impressoras que multiplicaram sua produção, e, como consequência, deu-se um maior acesso por parte do segmento das pessoas cegas à leitura.

Todo esse material era abrigado no período da década de 1950 a 1970, quando finalmente a característica das bibliotecas com acervo braille passou a compartilhar outros tipos de produção com o acervo em fitas k7 e outras formas de mídia.

Paralelamente, apareceram formas alternativas de emprego do braille, conhecidas como estenografia braille e braille abreviado, respectivamente, grau 2 e grau 3, a partir de especialistas do braille em Portugal. Esse sistema vigorava igualmente em países anglo-saxônicos, nos quais vigora até hoje. Detalhando com mais precisão: o grau 1 é o braille por extenso. O grau 2 era uma abreviatura simplificada. O grau 3 se constituía de um código extremamente simplificado, visando à redução do tempo e do espaço para a escrita.

Esse sistema de escrita estenográfica gerou imensa dificuldade para a maioria das pessoas cegas no Brasil, cujo tato já era uma dificuldade em si. Essa foi a razão pela qual, a experiência não perdurou muito tempo, seja nos livros didáticos seja nos de caráter geral.

Ao início do século XXI, operou-se um período de transição, em que gradualmente o acervo em braille passou a dar lugar às publicações digitais, passando a conviver, lado a lado, com o livro falado. A partir daí, as bibliotecas de acervo em braille foram perdendo razão de ser, em função das ferramentas utilizadas com o auxílio da internet.

A essa altura, os espaços das grandes coleções em braille se viram reduzidos a quase nada, já que as bibliotecas públicas e até mesmo as escolares assumiram um outro perfil, dedicando-se à prática de atividades pedagógicas, mescladas por rodas de conversa e instantes lúdicos que nem sempre contavam com o livro físico.

As obras didáticas em braille passaram a ser objeto de interpretação, visando facilitar a vida escolar do aluno cego. Os conteúdos de Geografia e outras ciências naturais,

particularmente, passaram a agregar, além dos textos, pequenos gráficos e quadros sinóticos, com dados explicativos, que exigiam, com frequência, a ajuda do professor em sala de aula.

Minha experiência de sala de aula

Em minha vivência no ensino do braille, meu público-alvo foi sempre o de pessoas com visão, docentes e público da comunidade, dentro e fora do IBC, a partir do final do século XX e início do século XXI.

No IBC, o público-alvo era constituído de servidores recém-chegados, empregados terceirizados e voluntários, grande parte sediados na Biblioteca Louis Braille.

O método utilizado se baseava em um aparelho chamado Brailux: retangular, de madeira, com papelão na parte inferior, onde eram fixadas seis lâmpadas, tendo, abaixo dele, um teclado em posição horizontal, que, uma vez acionado, acendia, formando os pontos que gerariam as letras em braille.

A minha experiência de aula, fora do IBC, tinha como público-alvo, professoras e

professores da rede municipal de ensino e pessoal da comunidade em geral, em escolas e bibliotecas públicas, utilizando o mesmo tipo de equipamento.

As minhas primeiras experiências foram altamente desafiadoras. Em uma biblioteca municipal, resolvi adotar junto à comunidade do bairro um sistema que tinha como base umas placas de isopor que, utilizando alfinetes de cabeça, perfurava de modo alinhado e preciso o pontilhado do braille, imitando seus pontos e representando as letras do alfabeto.

Entendo, em uma avaliação preliminar, ter desempenhado minhas tarefas com êxito, já que a resposta dos alunos foi positiva.

O braille e seus múltiplos usos

O braille é, até hoje, fundamental para pessoas com deficiência visual em todo o mundo, desde a alfabetização até a fase adulta, como mecanismo de estímulo para a parte sensório-motora e para o poder do tato.

Presentemente, não vigoram mais aquelas bibliotecas com suas coleções braille

monumentais. Hoje, o braille se multiplica com suas mil e uma utilidades, em função das necessidades do dia a dia.

Exemplificando seu emprego, temos o braille presente em rótulos de caixas de remédios e de embalagens de alimentos, em etiquetas colocadas em material caseiro para nossa identificação, em placas de avisos, em painéis de elevadores para localização dos andares, em cardápios de restaurantes e similares, em panfletos e cartazes de divulgação de eventos, em folhetos explicativos destinados a museus e outros espaços.

Somado a isso tudo, o braille continua sendo relevante em nossas anotações pessoais a serem usadas como lembretes eventuais a qualquer momento.

Não poderia ser esquecido o mecanismo do teclado braille aplicado nas nossas urnas eletrônicas, para o exercício pleno da cidadania, através do voto.

Esses exemplos provam que o braille está vivo e não diminuiu em nada sua importância, para nós, cegos, enquanto cidadãos ativos, ao contrário do que se possa imaginar.

Braille e sua perspectiva de futuro

O braille, como código universal, guardadas as suas especificidades, permanece com toda sua densidade, lado a lado com as ferramentas geradas pelos avanços tecnológicos mundo afora.

A implantação de recursos, como a linha braille, também conhecida como *display* braille, viabilizou tecnicamente o acesso à leitura de conteúdos de caráter digital, como *e-books* e *e-mails*, ocasionalmente.

O acesso a essas tecnologias, penaliza aqueles com poder aquisitivo menor, por isso, excluídos desse benefício.

Olhando no retrovisor, sabe-se que os Estados Unidos não reconheceram, de imediato, o braille de seis pontos e optaram por adotar o braille de oito pontos. Isso explica a razão de as linhas braille adotarem, generalizadamente, o braille de oito pontos.

Este é apenas mais um detalhe a ser pontuado, mas o que está no radar de minhas preocupações, de forma crescente, é o fenômeno da desbraillização, denunciado a algum tempo por companheiros e companheiras

braillistas, como a jornalista e estudiosa do tema, Joana Belarmino, em seus artigos reveladores.

Esse fato pode ser percebido em escolas especializadas ou não, ao se priorizarem meios digitais em detrimento do braille.

Isso ocorre até mesmo em escolas consideradas padrão, como o Instituto Benjamin Constant, que tem adotado, até mesmo sem se dar conta, uma política de esvaziamento do braille em favor de recursos digitais.

Por ora, um sonho me alimenta: o de que esse quadro injustificável de descompasso entre braille e tecnologia, seja minimizado, em favor das crianças e adolescentes cegas.

Reproduzo aqui um texto como tributo permanente que fiz a Luiz Braille. Ele sempre é atual. Aí vai a homenagem que é fruto de minha inspiração e reflexão:

Conversa íntima com Braille

Estimado companheiro Braille! Tudo indica, pelo amanhecer que se afigura, que

hoje, o sol, nosso divino astro, se abrirá para nós, nesta parte do planeta!

Dia 4 de janeiro de 1809, você surgiu como energia, fazendo vibrar corações e avivando mentes.

Dia 6 de janeiro de 1852, você nos deixou como ente físico, permanecendo no cosmos para se expandir em forma de energia universal, segundo a crença de alguns, acompanhando, feliz, nossos passos, a caminho de nossa emancipação, com a qual, você permanece contribuindo decisivamente.

Pena que você não esteja aqui, visivelmente entre nós, para testemunhar essas conquistas obtidas, com a ajuda significativa do sistema que você criou e que recebeu, por justiça, o seu nome.

Pelo seu sistema, aprendemos a escrever, expressando nossas ideias, nossos sentimentos livremente! Comunicamo-nos por leitura em alto relevo, informamo-nos sem que haja fronteiras que nos separem, que nos limitem.

E ainda dizem que você não está mais entre nós! Não é verdade! Ledo engano!

Você está aqui. Você permanece vivo entre nós! É só embarcar no túnel do tempo e pensar que, pela sensibilidade do tato, tivemos, revelando-se no fluir de nossos dedos, um mundo de profunda diversidade de vasto conhecimento.

Tudo isso nos permitiu acesso, desde as primeiras letras, a alcançarmos espessos dicionários, gigantescas enciclopédias, repositórios de uma imensa e plural diversidade de saberes. Por essa ferramenta, acessamos livros de profundos conteúdos, que nos transportam para um mundo de imaginação e reflexão.

Some-se a isso, a gama de revistas e jornais que vêm influenciar nossas consciências, gerações após gerações, até chegarmos aos dias de hoje. Por exigência da veloz contemporaneidade, seu sistema, benéficamente vem-se renovando para retomar seu papel protagonista, que nos permite termos ao nosso alcance, informações imprescindíveis.

É o caso daquelas colocadas em etiquetas, em rótulos de uma multiplicidade de produtos disponíveis no mercado, nos remédios, nos

alimentos; de sinalização ordenada de objetos de uso caseiro e pessoal à transmissão de recados passados em bilhetes, bem como, à disponibilização de uma pluralidade de livros didáticos e paradidáticos, de literatura em quase todas as áreas do conhecimento, que nos têm tornado capazes de conquistar o mundo!

Seu legado é infinito e prova sua forte e duradora presença. Pela diversidade de seus seis pontos, ao alcance de nosso tato, podemos ensinar nosso pleno empoderamento no processo de conquista de nossa cidadania nos conduzindo ao protagonismo e afirmação pessoal. Com o surgimento de novas tecnologias, visando facilitar o nosso desempenho individual, social e profissional, os grupos mais fatalistas afirmam que seu sistema tem os dias contados, já que não sobreviverá às transformações vertiginosas trazidas pela agilidade dos recursos da informática!

Novamente, ledo engano! A história desmentirá, certamente, essa afirmação, já que o seu sistema sobreviverá, cumprindo seu papel de se perpetuar junto às novas gerações. O recurso da leitura e da escrita, disseminando

conhecimento, em coexistência pacífica, e de forma renovada, lado a lado com a modernidade incontestável dessas ferramentas, trazidas pelas novas tecnologias digitais, mas que não podem substituir o seu sistema de escrita e leitura. Podem, certamente, ser um elemento complementar, alternativo e facilitador em nossa trajetória de realizações, jamais significando a sua negação.

Você, Louis Braille, e seu sistema, tão genialmente engendrado, tendo como base seis pontos ao alcance das mãos, subsistirão pelo uso em nossa prática cotidiana, em nossa lembrança viva, pela presença em etiquetas, em rótulos de produtos a consumir, em cadernos de nossas anotações, em bilhetes de recados dados e recebidos, em singelas declarações de amor.

Por tudo isso, dirijo-me a você, Louis, figura importante em nosso processo de inclusão, para expressar no dia de hoje, prodigalizado pela natureza, dia 4 de janeiro de cada ano pelos tempos afora, quando completamos mais de dois séculos de seu nascimento, em nome de toda a nossa coletividade de pessoas cegas de todos os

continentes, por seu caráter universalista, a minha mais profunda manifestação de gratidão e meu sincero sentimento de apreço, por sua decisiva contribuição pela conquista da coletividade cidadã e protagonista de pessoas cegas.

Palavras, não as tenho mais, já que o que sinto, ultrapassa em muito, a dimensão e o significado desse fato marcante, verdadeiro divisor de águas em nossa história de descobertas, como pessoas afirmativas e seres coletivos! Das primeiras letras tateadas aos bancos universitários, sinto, Louis, a sua indelével e inspiradora presença, pois ela se confunde com o sistema tão sabiamente criado por você, talvez inspirado por aquele capitão, seu conterrâneo, Charles Barbier, que, à época, criou um código tracejado em relevo para se comunicar com seus soldados, repassando para você tal novidade que passou a partir dali, a inspirá-lo e a habitar seu pensamento.

E foi assim que, em 1825, você percebeu que o poder de criar não tem limites, ao desvendar o segredo dos saberes pela exploração do tato. Certamente, esse acontecimento levou a sua força criadora a

imaginar que o próximo passo era o de colocar em prática um novo sistema a ser percebido pelos dedos, de modo a permitir a conquista de nossa maior autonomia, a caminho de uma inclusão real, proporcionada pelo acesso à informação de todas as pessoas cegas.

Viva o braille! Vivamos todos nós, pessoas cegas ou não, perseguindo sempre uma melhor qualidade de vida!

CAPÍTULO 35

Pela visão dos dedos: o braille, o sentido e o pertencimento na sociedade

Luciane Maria Molina Barbosa

A descoberta do braille foi o início de uma jornada libertadora, que começou quando nasci, naquela manhã de primavera, em dezembro de 1982. Cresci sendo uma criança com baixa visão e, desde cedo, conheci o mundo mais pelos olhos emprestados de outras pessoas do que pelas imagens embaçadas que minha visão limitada podia captar. Minha alfabetização ocorreu inicialmente em tinta, com letras ampliadas, mas não sem desafios. Era um exercício constante de memória e esforço físico: levantar-se da carteira para enxergar o quadro-negro, decorar o conteúdo, voltar e escrever. Essa rotina, que exigia tanto do meu corpo quanto da minha mente, foi-se tornando

insustentável à medida que meu campo visual diminuía, e as letras começavam a desaparecer das páginas.

Foi nesse contexto que o braille entrou na minha vida, aos 13 anos de idade, como uma solução e uma nova forma de enxergar o mundo. Incentivada pela minha mãe e por um professor de ciências, aprendi o sistema em apenas quatro meses. Ele, ao perceber minha dificuldade visual, frequentemente sugeria que eu aprendesse o sistema. Toda vez que tocava no assunto, eu tentava fugir, desejando permanecer invisível. Não conhecia o braille e acreditava que minha forma de enxergar o mundo era normal, mesmo com as limitações evidentes. Minha mãe, no entanto, foi incansável. Ela não apenas me apresentou à professora que ensinava braille como também me matriculou e me acompanhou nas aulas.

A professora, a única da região especializada para ensinar braille, teve que organizar seu calendário para encaixar esse novo aprendizado sem comprometer minhas outras responsabilidades escolares. Foi um período intenso e transformador.

Mas o apoio da minha mãe não parou por aí. Decidida a acompanhar minha jornada, ela própria aprendeu o Sistema Braille, lendo visualmente as letras e transcrevendo meus materiais escolares para tinta. Isso permitia que meus professores do Ensino Médio compreendessem e corrigissem meus escritos. Mais tarde, matriculou-se no curso de Pedagogia e se tornou minha colega de turma; da mesma forma como fizera antes, desvendando o escrito pontográfico para os professores, ela possibilitou que eu conquistasse essa profissão. Sua dedicação foi um exemplo de coragem e inclusão, mostrando que o aprendizado em braille era um esforço coletivo e não uma caminhada solitária.

Aprender o braille, naquele momento, significou muito mais do que decifrar pontos em relevo. Enquanto eu memorizava a combinação de pontos e manipulava reglete com punção e, posteriormente, a máquina braille, fui percebendo meu lugar no mundo. Cada letra aprendida era uma conquista, um avanço em direção a novas experiências e possibilidades. O processo de decodificar letras, juntá-las em palavras e compor frases me abriu

fronteiras intelectuais e trouxe uma experiência multissensorial única. O braille é um sistema que envolve não apenas o tato, mas também a percepção háptica e a imaginação. Ao tocar os pontos com a ponta dos dedos das mãos que planam pelas páginas brancas, as quais, para quem enxerga, pareceriam estar vazias, em um instante, eu visualizava mentalmente os desenhos que as letras formavam, traduzindo sua simetria e significado.

Porém, essa experiência libertadora vinha acompanhada de desafios sociais. A diferença no meio de escrita criava um distanciamento natural entre mim e meus colegas e professores, que desconheciam o universo do braille. Mesmo assim, a minha determinação de ressignificar o conhecimento e compreender as palavras prevaleceu, muito alicerçada também pelas transcrições incansáveis da minha mãe.

Foi com cerca de 14 anos que li, pela primeira vez, um livro inteiro em braille: “O Pequeno Príncipe”. Lembro-me da gratidão que senti ao finalizar as quase 200 páginas, não por outra voz ou olhos emprestados, mas por minha própria autonomia. Porém, ao fechar o

livro, percebi que havia apenas decodificado símbolos, sem compreender verdadeiramente a mensagem. Reabri o livro e, dessa vez, reli com a atenção voltada para o significado. Foi nessa segunda leitura que os pontos se converteram em letras, formando as palavras que se conectaram em frases, estas se uniram por meio da ativação dos receptores sensoriais nos dedos, enviando diretamente os sinais ao cérebro para serem ressignificados, e que, com toda intensidade, também atingiram em cheio o meu coração, inundando-o de uma emoção intraduzível. Eu não podia ter feito escolha mais acertada, pois o Pequeno Príncipe é um livro atemporal, que a cada releitura tem revelado um novo significado, sempre conectado ao momento presente da minha vida.

Outro momento marcante veio de um professor de matemática do ensino médio. Ele, já com avançada idade, seguia uma metodologia mais tradicional em suas aulas. Quando comecei a usar o braille, ele encontrou uma maneira criativa de me incluir. Não sabendo ler ou utilizar o sistema, ele passou a ditar as lições de matemática que escrevia no quadro, aguardando que eu terminasse minhas

resoluções. Depois, pedia que eu explicasse verbalmente o que havia feito, enquanto ele reproduzia na lousa cada etapa da minha explicação. Dessa forma, corrigia meus cálculos ao mesmo tempo que respeitava minha autonomia e valorizava meu esforço.

Essas experiências foram me ensinando que o aprendizado do braille não era apenas sobre decodificar palavras e números. Era também um exercício de inclusão e criatividade, uma forma de reverberar sentidos e significados entre mundos distintos, mostrando que a acessibilidade depende tanto de ferramentas quanto de atitudes.

Apesar do distanciamento mencionado, pela diferença na maneira de materializar pensamentos em letras, os desafios no aprendizado e na adaptação ao braille não foram barreiras ao meu desenvolvimento. É certo que aprender o Sistema Braille em si não foi um grande peso para mim. Assimilei rapidamente toda a simbologia, decorando os pontos e suas combinações. No entanto, como professora e pesquisadora, hoje percebo que o maior desafio nessa etapa não estava na memorização, mas na adaptação à leitura.

Aprender braille exige mais do que decifrar símbolos; requer um treinamento multissensorial.

A fase do pré-braille, fundamental para desenvolver a percepção tátil e preparar a mente para a leitura em relevo, era algo que eu não conhecia na época. Sem ela, minha experiência inicial foi de esforço em decodificar letra por letra e compreender como cada uma se posicionava em uma palavra ou sílaba. O tato, diferente da visão, precisa construir uma percepção sequencial, captando as partes para formar um todo coerente. Esse processo de adaptação foi árduo, pois exigiu não apenas esforço físico, mas também um treino mental intenso para que a percepção háptica transformasse os relevos em desenhos mentais compreensíveis.

Outro desafio significativo foi a falta de acesso a recursos e profissionais especializados. Em 1997, na minha cidade no Vale do Paraíba paulista, políticas públicas voltadas para pessoas com deficiência eram escassas e, na maioria das vezes, limitadas a uma abordagem assistencialista. A professora que me ensinou braille, embora dedicada, era vidente e a única

da região capacitada para essa função. Além disso, encontrar materiais em braille era uma verdadeira empreitada. Dependíamos de recursos trazidos de São Paulo, como os fornecidos pela Fundação Dorina Nowill, em São Paulo, e pelo Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, que demoravam para chegar por aqui, no interior. Na sala de leitura do espaço onde aprendi braille, os poucos livros em braille disponíveis estavam danificados pelo tempo e por estarem mal armazenados, dificultando ainda mais a prática e o avanço no aprendizado.

Essas especificidades, no entanto, moldaram minha jornada. Aprendi a valorizar não apenas o esforço individual, mas também a importância de lutar por condições que tornem o acesso ao braille mais equitativo. Com isso, reafirmei meu compromisso de contribuir para que outras pessoas pudessem trilhar um caminho mais acessível e menos solitário na descoberta dessa poderosa ferramenta de inclusão.

Minha decisão de me tornar professora de Braille veio, então, após uma mudança de planos. Ao terminar o Ensino Médio, sonhava

cursar Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, mas esse curso não estava disponível na minha região. Diante disso, optei pelo magistério, movida pelo desejo de transformar vidas, especialmente de pessoas com deficiência visual. Queria ampliar suas possibilidades e oferecer oportunidades que, muitas vezes, não estavam ao alcance delas como estiveram para mim. Na época, apenas uma professora atendia toda a região, e eu senti que poderia ser parte dessa transformação.

Minha trajetória incluiu inicialmente o curso de magistério, a licenciatura em Pedagogia e a aprovação em concurso público, que me levou a atuar em uma escola especial exclusiva para pessoas com deficiência visual, onde fiquei por 12 anos. Trabalhei na alfabetização de jovens e adultos que perderam a visão tardiamente, desenvolvendo uma abordagem pedagógica baseada na ludicidade e no construcionismo. Para essas pessoas, o braille era mais do que um sistema de leitura e escrita; era um impulso para a renovação da autoestima e para a retomada de suas vidas.

Mais tarde, percebi que ensinar apenas esses alunos era insuficiente. Seria preciso

formar outros professores e profissionais, capacitando-os a compreender as especificidades da deficiência visual e as necessidades dessas pessoas. Coordenei o programa de inclusão e o serviço de atendimento educacional especializado nesse mesmo município, e comecei a ministrar cursos para outros municípios, tanto presencialmente quanto remotamente, ampliando o alcance da inclusão.

Mais tarde, minha atuação se expandiu para o litoral norte do estado de São Paulo, onde fui chefe de seção de comunicação inclusiva, além de trabalhar em uma sala de recursos e tecnologias da visão. Nesse espaço, ensinei braille e outras tecnologias assistivas. Foi no litoral também onde apliquei um projeto de sinalização de ambientes, confeccionando placas em braille utilizando latinhas de alumínio coletadas na praia para reutilizá-las em uma proposta sustentável. Higienizava as latas e as abria, deixando-as planas e compunha os pontos braille que nomeavam os ambientes, sanitários e as salas de todos os prédios públicos do município. Mantenho-me ativa, nos dias de hoje, ainda como pesquisadora e formadora de professores.

Da menina introspectiva à professora, o braille me trouxe a percepção de que somos iguais na multidão. Ele é a ferramenta que nos permitiu participar, pertencer e ser parte ativa da sociedade. Para mim, o braille, ainda hoje, simboliza representatividade e autonomia, trazendo dignidade e reforçando meu papel como cidadã em um mundo que precisa ser cada vez mais inclusivo.

Da sala de aula ao ambiente digital, também ganhei uma nova identidade – o apelido “Brailu”, que nasceu da minha forte atuação, especialmente em comunidades de professores e pessoas com deficiência visual. A inspiração veio da junção entre o termo “braille” e as iniciais do meu nome, “Lu”. Ao aglutinar esses elementos, surge algo que não só representa minha identidade, mas também minha missão. Hoje, muitas pessoas me reconhecem como “Brailu” muito mais do que pelo meu nome de batismo, Luciane Molina.

Esse apelido transcendeu e tornou-se uma marca associada à disseminação do braille como ferramenta de inclusão. Como “Brailu”, criei um *blog*, comecei a palestrar e levar informações sobre o sistema de leitura tátil para

públicos diversos, sempre reforçando que o braille não é apenas uma técnica, mas uma ferramenta de libertação intelectual e um símbolo de reconhecimento e identidade para pessoas cegas.

Durante os primeiros anos na docência, alfabetizando jovens e adultos com cegueira congênita ou adquirida, o projeto “Brailu Mais” – multiplicando ações Inclusivas – nasceu da parceria com minha mãe, que era professora de educação artística e cursou Pedagogia comigo para transcrever meus registros em braille. Juntas, desenvolvemos jogos pedagógicos adaptados com materiais simples, facilitando a alfabetização de pessoas cegas e promovendo a interação com estudantes que enxergam. As ideias vinham, quase sempre, das dificuldades observadas por mim para avançar com meus alunos no desenvolvimento de habilidades sensoriais e táteis no aprendizado do braille, por exemplo, ampliando a escala dos pontos, diversificando a experiência tátil pelas diferentes texturas nas superfícies exploratórias, associando as letras em braille ao formato das letras bastão e à objetos com suas iniciais. Também usávamos

ímãs, encaixes e desencaixe de pontos com pinos ou elementos circulares para formar as letras em braille, fichas de leitura com botões, dados lúdicos com suas equivalências entre grafia, quantidade e formas geométricas. Jogos de tabuleiro também comumente eram adaptados para melhorar a experiência e a interação lúdica, como dama, xadrez, velha, resta 1, trilhas, quebra-cabeças, ludo, jogo da memória, dominós com propostas variadas, cubo mágico, jogos de carta, entre outros.

Ainda nessa proposta lúdica e iterativa, desde 2018, integro a equipe de coordenação do programa Lego Braille Bricks Brasil, em parceria com a Fundação Dorina. Esse programa une educação, inclusão e criatividade ao adaptar blocos de montar Lego para ensinar braille. Cada peça do kit contém uma combinação de pontos em relevo que correspondem às letras e números do sistema braille, em relevo e em tinta no mesmo bloco, permitindo que crianças cegas ou com baixa visão aprendam de maneira tátil e divertida junto com todas as crianças que enxergam.

O Lego Braille Bricks transforma o aprendizado do braille em uma experiência

interativa, socialmente ativa, construcionista e significativa, promovendo o desenvolvimento de habilidades táteis, cognitivas e sociais. O uso dos blocos em sala de aula ou em casa engaja os alunos em atividades lúdicas e colaborativas, incentivando a curiosidade e o prazer pelo aprendizado. Mais do que ensinar braille, o programa tem o poder de transformar o modo como os professores constroem suas experiências didático-pedagógicas e como os estudantes com deficiência visual interagem com o conhecimento e com os outros, ampliando suas possibilidades de inclusão na sociedade por meio da alfabetização e do letramento em braille. Esse programa simboliza o potencial ilimitado do brincar aliado ao ensino, provando que a inovação pode ser o caminho para uma educação inclusiva e acolhedora.

De fato, cabe aqui, com tantas possibilidades descritas, reafirmar a potência que o braille tem em nossas vidas nos seus 200 anos, descortinando o mundo diante de olhos atentos e vívidos pelo conhecimento, pois o aprendizado do braille transformou completamente minha vida, tanto pessoal quanto acadêmica. Ele me proporcionou uma

autonomia que antes parecia inalcançável. Com ele, pude registrar meu pensamento, acessar informações e compreender a grafia e a estrutura dos textos de maneira que não seria possível com letra ampliada ou narrações de conteúdo ecoadas mesmo pela diversidade de vozes. Sem usar os olhos, os pontos saltitantes do papel me permitem enxergar o mundo de uma forma única. Com o deslizar da ponta dos dedos, desvendei mistérios, viajei por histórias e me conectei com tudo ao meu redor.

A criação de Louis, no alto dos seus 15 anos, é como uma superpoderosa lente tátil, que transforma o toque em visão e me dá liberdade para explorar o mundo. Isso porque ler com letras ampliadas me exigia um esforço físico exaustivo: movimentar constantemente o pescoço, aproximar o material do rosto, buscar a melhor iluminação e lidar com o campo visual reduzido. O braille me libertou dessas limitações. Com ele, pude consumir informações de forma mais rápida e eficiente, no ritmo equivalente de leitura de quem enxerga.

Essa independência intelectual ampliou meu repertório acadêmico e fortaleceu minha capacidade argumentativa, proporcionando

acesso pleno ao conhecimento, com os livros didáticos que me traziam conceitos e ideias novas. O braille me mostrava o mundo na palma das mãos, nos mapas que me levavam para lugares distantes aos que jamais eu chegaria; paisagens que sequer veria. Com o braille registrava eventos e fatos que antes ficavam escondidos em minha memória; esse sistema também me deu autonomia para resolver cálculo, descrever plantas, bichos, lugares, pessoas, elementos químicos e cenas materializadas naquele pontilhado rendado por debaixo dos dedos.

Durante o curso de magistério, por exemplo, adaptei todo o material para o braille e consegui estudar com autonomia, mesmo que as provas ainda não fossem acessíveis nesse formato. Fiz meu trabalho de conclusão de curso (TCC) em braille, acompanhando-o com uma transcrição em tinta, além de ter realizado meu vestibular também em braille. Um momento marcante, que só foi possível com uso do braille, foi a conquista do meu primeiro concurso público, quando precisei reivindicar meu direito à prova em braille, argumentando que não era analfabeta.

Da licenciatura em Pedagogia ao mestrado, o braille esteve comigo em todas as etapas. Lembro-me da apresentação do *banner* do meu TCC na pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado. Após terem negado meu pedido para usar o computador, decidi produzir o *banner* em braille, com a versão em tinta no verso. A avaliadora, inicialmente surpresa por não conseguir ler diretamente, foi confrontada com a dualidade da inclusão. Ao virar o *banner*, ela leu a versão em tinta e compreendeu a importância da acessibilidade como uma via de mão dupla. Por isso, o braille é muito mais do que uma ferramenta de acesso ao conhecimento; é um símbolo de pertencimento e representatividade.

Quando vejo o braille presente em livros, placas, rótulos, cardápios, calendários, botões de elevador, urnas eletrônicas, entre outros, sinto que nossa presença está sendo reconhecida. Ele reafirma que a diversidade deve estar no centro, não às margens.

Ao longo da minha carreira como professora ensinando braille, vivi muitos momentos marcantes e emocionantes que reafirmaram o impacto transformador desse

sistema de leitura e escrita para além do meu mundo particular.

Um desses momentos foi quando uma aluna de 21 anos, que havia interrompido os estudos, conseguiu retomar o ensino fundamental no programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Por meio de uma prova em braille que possibilitou sua reclassificação, ela pôde reintegrar-se ao ambiente educacional e dar continuidade à sua formação.

Outro marco importante foi ajudar uma aluna que havia abandonado o curso de Nutrição por conta da perda da visão. Com o aprendizado do braille, ela teve a oportunidade de retomar os estudos e reconquistar sua trajetória acadêmica e profissional. Da mesma forma, tive o privilégio de acompanhar a jornada de um aluno que, após aprender braille, tornou-se advogado, alcançando uma conquista notável que encheu a mim e a ele de orgulho.

Também me emociono ao lembrar de uma aluna que realizou o sonho de ler a Bíblia e fazer leituras na sua igreja. Ver a alegria dela ao conquistar esse objetivo foi uma das experiências mais gratificantes da minha trajetória. Um outro episódio especial foi ensinar

braille a uma professora de pilates que desejava escrever um cartão de Natal para mim e para um aluno cego. O gesto, além de ser uma linda surpresa, mostrou o impacto positivo que o braille pode ter até mesmo para quem enxerga.

Entre as experiências mais desafiadoras, lembro-me de um senhor com dificuldades motoras que enfrentava problemas ao ler braille, movendo os dedos em um padrão desordenado, similar a um zig-zag. Identifiquei essa dificuldade e propus uma solução criativa: ele e os outros alunos teceram cachecóis em um tear de pregos. O movimento necessário para tecer ajudou a desenvolver a coordenação motora fina, e ele finalmente conseguiu ler braille com facilidade.

Na pandemia, também tive a oportunidade de inovar ao ensinar braille remotamente. Desenvolvi uma metodologia própria, enviando materiais pelos correios para um advogado cego e uma criança de 12 anos. Essa experiência foi muito representativa, pois provou que a distância física não é uma barreira quando há dedicação e criatividade.

Mais um momento marcante em minha trajetória foi durante um curso *on-line*, quando

uma fotógrafa, aspirante à professora, encontrou meu trabalho no Google. Nossa conexão resultou em uma amizade que dura mais de 14 anos, e hoje somos sócias em uma empresa de audiodescrição e lutamos pelo mesmo ideal de inclusão, ela, uma pessoa vidente, e eu, com cegueira. Esse encontro inesperado reforça como o ensino do braille pode criar laços e transformar vidas.

O uso de abordagens lúdicas também me trouxe momentos inesquecíveis. Introduzi origami, brinquedos, jogos de tabuleiro e até blocos de Lego como ferramentas de ensino, tornando o aprendizado do braille mais divertido e significativo para meus alunos. Além disso, houve ainda a confecção de peças de bijuterias com pedrarias e cestaria com canudinhos de jornal.

Por fim, recordo-me de uma aluna que, após perder a visão recentemente, queria exercer o voto de forma autônoma. Ela aprendeu braille para praticar sua cidadania nas urnas eletrônicas, mostrando como o Sistema Braille pode empoderar e restaurar a independência de uma pessoa. Foi no litoral que também implementei pela primeira vez o

voto em braille para a eleição do conselho da pessoa com Deficiência, em que também exerci a presidência.

Ao longo da minha jornada ensinando braille, dezenas de histórias marcantes surgiram, mas algumas têm um significado especial por reforçar o potencial do braille em tocar almas no propósito lúdico, que vão muito além da deficiência visual. Em uma das minhas aulas para professores de um município do interior, a filha de uma das professoras, que enxergava e tinha cerca de oito anos, mostrou um grande interesse em aprender braille. Vendo seu entusiasmo, providenciei material para que ela pudesse participar das aulas como nossa aluna. Ela aprendeu com rapidez e excelência, chegando ao ponto de ajudar os professores a entenderem o sistema. Também, em outra situação, uma criança de 10 anos que enfrentava dificuldades na escola para aprender a escrita cursiva, apesar de enxergar, ao conhecer o braille, ela ficou curiosa, e eu tive a oportunidade de ensiná-la. Surpreendentemente, o aprendizado do braille deu a ela um salto de desenvolvimento. Com o braille, ela finalmente conseguiu compreender sílabas e

palavras, superando suas dificuldades anteriores. Esse progresso não apenas melhorou seu desempenho escolar mas também reforçou sua confiança e alegria em aprender, de forma inesperada e positiva.

O braille é um caminho que conecta sonhos à realidade, e eu me sinto profundamente honrada em fazer parte dessa jornada ao lado de tantas pessoas. Essa atuação consolidada no universo do braille rendeu-me algumas premiações. Em 2011, recebi o IV Prêmio Sentidos, uma parceria entre a Revista Sentidos e a Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Também fui finalista do IV Ações Inclusivas, promovido pela mesma secretaria em 2013. Mais recentemente, em 2024, fui laureada com o prêmio Líderes de Acessibilidade da Hand Talk, um reconhecimento à minha contribuição para a inclusão e acessibilidade, muito baseada no trabalho desenvolvido como “Brailu” e que também se expandiu para ganhar espaço em outros cenários como em camisetas, divulgações culturais e artísticas e integrando-se ao design acessível, na dialogicidade com os clientes e suas experiências táteis imersivas com a história e logotipos.

O braille tem demonstrado, ao longo desses dois séculos de existência universal e nessas mais de duas décadas inserido ao meu universo pessoal/profissional, que é muito mais que um sistema de escrita. Ele se adaptou ao longo do tempo, convivendo harmoniosamente com tecnologias modernas. Resistiu à era digital, transformando-se e ocupando espaços inovadores no mundo e nas nossas vidas. Como um recurso de tecnologia assistiva que, mesmo diante da transformação digital, mantém-se relevante e essencial.

Com a modernização de impressoras, a produção de materiais em relevo alcançou níveis de velocidade, precisão e qualidade antes inimagináveis. Além disso, com as linhas braille, a informação tornou-se mais portátil, de modo que reproduzir o texto impresso ou digital em relevo hoje é possível até através desses dispositivos conectados aos *smartphones* e computadores. A digitação em braille evoluiu, encontrando espaço em telas *touch* e nas máquinas de datilografia inteligentes, que agora combinam funcionalidade mecânica e digital.

Diante disso, no cenário atual, conseguimos marcar que o braille é evolutivo, que não perdeu sua relevância e autenticidade, permanecendo vivo e indispensável. Ele proporciona algo único: a possibilidade de tocar as palavras, criando uma experiência de afeto com a leitura que é equivalente, em profundidade e significado, à leitura visual. Além de ser um sistema de alfabetização, o braille é uma ferramenta essencial de autonomia, inclusão e transformação social.

Assim, por meio do braille, pessoas cegas podem acessar o conhecimento de forma independente, participar ativamente da vida acadêmica e profissional e se conectar ao mundo em igualdade de condições. Para além disso, o braille simboliza resistência, adaptabilidade e a força das comunidades que o utilizam e preservam. Em um mundo cada vez mais digital, é fundamental reconhecer sua importância como um alicerce para a inclusão e a democratização do saber. A ausência do aprendizado do braille mantém essas pessoas em um estado de analfabetismo funcional. Não se trata apenas de alcançar fluência, pois as tecnologias assistivas trouxeram facilidades e

uma velocidade de produção e consumo de informação que supera as limitações do braille.

Contudo, a relevância do Sistema Braille vai muito além disso, mesmo enfrentando desafios, como a escassez de materiais disponíveis, o alto custo e a demora na produção, as dificuldades de armazenamento devido aos volumes maiores e o desconhecimento do sistema por parte de muitos profissionais da educação. O braille é mais do que uma ferramenta de leitura; ele é uma voz que ecoa e materializa a presença das pessoas com deficiência visual no mundo. Ele assegura que a acessibilidade seja considerada em diversas situações práticas, como em mapas táteis, placas de sinalização, botões de elevadores, urnas eletrônicas, rótulos de medicamentos e sinalizações em geral. Esses usos tornam o braille um recurso indispensável para promover a inclusão e garantir que a autonomia seja vivenciada em diferentes aspectos do cotidiano, de modo que todos sejamos capazes de viajar muito além do nosso próprio mundo interior para vivenciar o vasto universo de possibilidades que a escrita, a leitura e o conhecimento nos proporcionam.

Autores

Adriana Silva Amstalden Camargo

É pedagoga e pós-graduada em Deficiência Visual. É professora de música com formação em licenciatura pela Faculdade Mozarteum em São Paulo. Ministra aulas de teoria musical, prática instrumental e preparação para apresentações, buscando inspirar seus estudantes a desenvolverem sua própria expressão artística. Além da trajetória como educadora em flauta, também é estudante de violino, especializada em performances para eventos e casamentos.

E-mail: amstaldenadriana@gmail.com

Ana Cristina Zenun Hildebrandt

Ex-aluna e professora aposentada do Instituto Benjamin Constant, com 30 anos de exercício do magistério nessa Instituição, mais um ano na rede municipal do Rio de Janeiro. Formada no magistério das séries iniciais do Fundamental pelo Colégio Maria Imaculada, em

Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Psicopedagogia pelo Instituto Isabel. Possui experiência no Ensino do Sistema Braille para adultos videntes, tendo trabalhado oito anos no Curso de Capacitação de Professores na Área da Deficiência Visual e na primeira turma de pós-graduação na mesma área, ambos no IBC, sem, contudo, deixar as turmas do Fundamental I. Diretora de Atividades Doutrinárias da Sociedade Pró Livro-Espírita em Braille.

E-mail: anazhild@gmail.com

Carla Maria de Souza

Carla Maria de Souza nasceu no Rio de Janeiro, em 1969, com baixa visão. Aos quinze anos, em virtude de uma série de problemas oftalmológicos, ficou completamente cega. Trabalhou durante seis anos como professora na Rede Municipal de Rio de Janeiro e vinte e cinco anos no Instituto Benjamin Constant, sempre atendendo pessoas cegas e com baixa visão. Carla é formada em letras (Português e Literaturas) pela UERJ, com Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica

do Rio de Janeiro. Possui quatro livros publicados, sendo um dentro da coleção "O Pequeno Benjamin", lançada pelo IBC e, em todos eles, em maior ou menor grau, aborda questões relacionadas à vida de pessoas cegas.

E-mail: calmaria24@gmail.com

Cristiana Mello Cerchiari

Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e graduada em Letras, pela USP, e, em Tradução, pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie. Atualmente, trabalha com formação sobre educação inclusiva no município de Osasco (SP), dá aulas de inglês na Fundação Armando Álvares Penteado, e atua como consultora em audiodescrição e acessibilidade em espaços culturais. Em 2021, idealizou a campanha de financiamento coletivo Linha Braille Acessível (<https://www.linhabrailleacessivel.com.br>), que já doou quatorze equipamentos para pessoas com deficiência leitoras do braille.

E-mail: cristiana.mello@gmail.com

Cristiane Carla Wronski

Nasceu no dia 03/09/1991, em uma pequena cidade do extremo oeste de Santa Catarina chamada Descanso, onde mora até hoje. Foi alfabetizada no Sistema Braille aos seis anos em decorrência da perda da visão, de modo que a escrita braille faz parte do seu dia a dia desde então. É psicóloga, tem uma especialização na área de tanatologia e uma pós-graduação na área de Psicopedagogia. Atualmente, trabalha em um hospital público na cidade de São Miguel do Oeste, desde 2016. É uma pessoa comunicativa, que adora ler e trocar experiências, além de gostar muito de viajar e conhecer lugares novos.

E-mail: cristianewronski@gmail.com

Edson Pereira do Rosário

Trabalha na empresa Fundação Dorina Nowill para Cegos como revisor de textos em braille. Mora na Cidade de Embu das Artes, SP, e tem 44 anos. É casado e pai de uma filha de 16 anos. Formado em magistério de nível médio pelo Cefam de Guarulhos, SP, em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Guarulhos (FIG)

e pós-graduado em Práticas Inclusivas e Gestão das Diferenças pelo Instituto Singularidades da Cidade de São Paulo, SP. Foi vendedor na rua em Guarulhos, lecionou por três anos na Escola Estadual Frederico de Barros Brotero, estudou desde o quarto até o 8º ano do ensino fundamental. Ficou cego aos doze anos e aprendeu o braille com quatorze anos.

E-mails: ed.rosario36@gmail.com e edson.rosario@fundacaodorina.org.br

Fabília Omena

Jornalista alagoana pós-graduada em Assessoria de Comunicação e Marketing, escritora, consultora em audiodescrição, palestrante e Medalhista na Olimpíada do Conhecimento (2012).

E-mail: fabriciaomena@gmail.com

Fernanda Oliveira Basilio

Tem 31 anos e é natural de Vitória, Espírito Santo. Fez sua formação escolar nos anos iniciais em braille, e amou. É apaixonada por esse sistema de leitura e escrita e acredita que

ele é fundamental para a alfabetização de toda e qualquer criança cega. É uma leitora assídua, considerando que um bom livro dispensa palavras.

E-mail: fernandaoliveirabasilio@gmail.com

Geni Pinto de Abreu

Mestra em Educação Profissional Tecnológica pelo Programa PROFEpt do Instituto Federal de Educação do Rio de Janeiro, polo Mesquita. Especialista em Letramento e Alfabetização de crianças cegas ou com baixa visão (2014) pelo IBC/ISERJ. Licenciada em Letras pela Universidade Estácio de Sá. Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Sistema Braille no Instituto Benjamin Constant. Atua como coordenadora da equipe de revisão de textos braille. É membro da Comissão Editorial das Revistas Braille e membro dos Grupos de Pesquisa GEPA e GPESBRA. Também é representante do IBC na Comissão Brasileira do Braille CBB/MEC, desde 2019.

E-mail: genideabreu@ibc.gov.br

Isabela Castello Nuovo Vespoli

É uma mulher surdocega, tem 31 anos e nasceu em São Paulo, capital. É formada em Pedagogia pela Universidade Faculdades Integradas Rio Branco e pós-graduada em Educação Inclusiva pelo Centro Universitário Senac Santo Amaro. Fez o curso livre de contação de histórias no Instituto Brincante. Escritora contadora de história, trabalha na biblioteca do Senac Lapa Tito e deu diversas oficinas de contação de histórias voltadas para a inclusão e para o braille nas bibliotecas municipais de São Paulo. Participou de oficinas no Sesc também voltadas a inclusão na área.

E-mail: isabelavespoli@gmail.com

Joana Belarmino de Sousa

É jornalista, professora titular colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, graduada em Jornalismo pela mesma universidade. Da sua tese de doutorado,

resultou o livro, "O que vê a cegueira: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura". Com vários trabalhos publicados em revistas científicas brasileiras, é também escritora de literatura infantojuvenil, contista e cronista, com publicações individuais e em coletâneas. De 1994 a 2022, atuou como professora nos cursos de Comunicação e Jornalismo da UFPB, tendo-se aposentado naquele ano. Também atuou como repórter do Jornal O Norte, entre os anos de 1981 a 1990.

E-mail: joanabelarmino00@gmail.com

João Batista Alvarenga

João Batista Alvarenga é filho de Maria Abadia Garcia e Guilherme Rodrigues Garcia, nascido em 17/06/1967, no município de Iturama, região do Pontal do Triângulo Mineiro. Cego desde o nascimento por retinose pigmentar, foi alfabetizado por meio do Sistema Braille no Instituto de Cegos do Brasil Central (ICBC) em Uberaba, Minas Gerais, onde permaneceu de 1976 a 1980. Posteriormente, foi para o Rio de Janeiro estudar no Instituto Benjamin Constant (IBC), do qual foi aluno de 1981 a 1984, e aluno

bolsista de 1985 a 1987. Em 1993, prestou concurso público para o IBC e assumiu, em 17 de junho de 1994, o cargo de revisor de textos em braille, passando a trabalhar na Divisão de Imprensa Braille (DIB). Pode, então, vivenciar a importância e o ideal de Louis Braille, tendo a clara noção de que o seu sistema é realmente fundamental e insubstituível, não somente na educação, mas sim por uma vida inteira de uma pessoa cega. Qualquer gesto que represente restrição ao Sistema Braille significa ataque direto ao direito básico, porém não menos importante de leitura, a leitura tátil. A comunidade brailista brasileira não vai se calar diante desse verdadeiro absurdo.

E-mail: joaoalvarenga1967@gmail.com

Laís Caroline Franken Dutra

Tem 27 anos, nascida em Caxias do Sul (RS), é uma mulher cega total cuja trajetória é marcada pela paixão pela literatura e pelo compromisso com a inclusão. Alfabetizada em braille aos quatro anos, encontrou nos livros um universo de conhecimento e liberdade. Acadêmica do curso de Psicologia na IBMR, dedica-se ao estudo do comportamento humano, com

especial interesse em acessibilidade, juventude e bem-estar. Atualmente, ocupa o cargo de Secretária de Juventude da Organização Nacional de Cegos do Brasil (ONCB), onde trabalha ativamente para fortalecer a representatividade e os direitos da juventude cega e com baixa visão. Além disso, acredita no poder do ativismo e na influência das novas gerações para transformar o mundo em um lugar mais justo e equitativo.

E-mail: laiscarolinefrankendutra15@gmail.com

Lauri Nordélio Altreider

Nasceu em 30/03/1951, em Nova Petrópolis, na localidade de Linha Imperial. É filho dos empreendedores (comerciantes, agricultores, queijeiros e suinocultores) Wilibaldo Altreider e Erna Jahnel. Frequentou o ensino regular na idade de nove aos 15 anos como ouvinte. Teve contato com o Sistema Braille no último ano letivo. Foi produtor rural. Com a idade de 56 anos, entrou na APADEVI onde aprendeu a orientação e mobilidade e o braille. O Sistema Braille abriu um novo capítulo em sua vida.

E-mail: jaquelinestaudt67@gmail.com

Luciane Maria Molina Barbosa

É mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas sociais da UNITAU; especialista em Atendimento Educacional Especializado pela UNESP; especialista em Tecnologias, Formação de Professores e Sociedade pela UNIFEI; especialista em Audiodescrição pela PUC-MG e pedagoga pela Organização Guará de Ensino. É professora brailleista com atuação na educação especial inclusiva e na formação de professores da educação básica ao ensino superior. É consultora em audiodescrição com atuação em produtos midiáticos em geral e consultora em acessibilidade de produtos culturais e educacionais. Já atuou com políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência e do Idoso. Venceu o IV Prêmio Sentidos, em 2011, o Festival Ver Ouvindo em 2019 com a consultoria em audiodescrição do curta "Aluga-se um Destino" e o Prêmio Líderes de Acessibilidade em 2024. É também analista pleno em acessibilidade digital.

E-mail: braillu@gmail.com

Luzia Alves da Silva

Mãe e mulher com deficiência visual. Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação Especial; especialista em Fundamentos da Educação e mestre e doutoranda em Educação pela UNIOESTE – Campus Cascavel. Atualmente, trabalha como técnica em assuntos educacionais na Universidade Federal da Integração Latino-Americana e como docente na Rede Estadual de ensino do Paraná. É membro do Coletivo de consultores em Audiodescrição; do Grupo de pesquisas HISTEDOPR e da Comissão Brasileira do Braille.

E-mail: luziaas@gmail.com

Luzia Aparecida Dias Lima

Tem pós-graduação em Educação Especial e é graduada em Pedagogia. Trabalhou como instrutora de braille no centro de ensino especial Bom Pastor e no departamento de educação especial do município de Rio Verde. Participou do Conselho Municipal dos direitos da pessoa com deficiência. Atualmente é servidora concursada do Estado de Goiás.

E-mail: luzialima68@gmail.com

Luzia Lucia Soares

Cantora, compositora com mais de noventa composições voltadas ao gospel. Apresenta-se em igrejas e eventos em geral, com destaque para eventos voltados à divulgação do sistema braille e às pessoas com deficiência. Musicista, aprendeu musicografia braille, toca flauta doce, escaleta e violão, tendo estudado violão popular e um pouco de violão erudito na escola Edmundo Ramos Barbosa.

E-mail: dedestar.dv@hotmail.com

Marcelo Nascimento Silva

(Marcelo Marsche)

Marcelo Nascimento Silva, com o nome artístico de "Marcelo Marsche" nasceu em oito de dezembro de 2009, na cidade de Castanhal, Pará. Foi adotado com quatro meses, e passou a morar na cidade de Santa Maria do Pará. Mudou o seu nome de "Marcelo Alessandro Gomes dos Santos" para "Marcelo Nascimento Silva", quando tinha, por volta de sete, oito ou nove anos de idade, quando foi registrado novamente, no nome de sua mãe adotiva. Hoje

mora na cidade de Blumenau, no estado de Santa Catarina. Marcelo tem interesse por conhecimento, busca educação de boa qualidade e tem muitos sonhos, como o de formar-se em Língua Portuguesa e ser comediante.

E-mails:

marcelonascimentosilva.com@gmail.com
e marcelomarsche@gmail.com

Margareth de Oliveira Olegario Teixeira

É doutora em Educação pela PUC-Rio, mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio De Janeiro (UNIRIO). É formada como docente no Ensino Básico Técnico e Tecnológico no Instituto Benjamin Constant (IBC). Atua como docente de Sistema Braille (DMR/DRT). Tem experiência na área de Educação Especial e Inclusiva, com ênfase na formação de professores em Tecnologias Assistivas e Tecnologias Digitais para pessoas com deficiência visual. Possui publicações nas temáticas da deficiência visual.

E-mail: margaretholegario@ibc.gov.br

Marli Schmitt

Tem cegueira congênita. Sempre gostou de aprender e considera-se uma pessoa curiosa para a obtenção de novos conhecimentos. Formada em pedagogia, realizou cursos paralelos. Atuou profissionalmente em sala de recursos, além de alfabetizar alunos cegos pelo Sistema Braille em classe especial. Atualmente, pertence à Associação de Cegos e Deficientes Visuais de Santa Maria e atua como membro da diretoria dessa entidade.

E-mail: marli2schmitt@gmail.com

Maria de Lourdes Brito Silva Ribeiro

É natural de Porteirinha, Minas Gerais, e reside atualmente na cidade de Montes Claros, no mesmo estado. Atua como professora da Educação Infantil na rede municipal de ensino de Montes Claros. É graduada em História e Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), possui pós-graduação *lato sensu* em Alfabetização, Letramento, Matemática e suas Linguagens e *stricto sensu* no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UNIMONTES.

Atualmente, está matriculada em uma disciplina especial no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado), com ênfase em Políticas Públicas Educacionais, também na Universidade Estadual de Montes Claros.

E-mail: lourdes.brito.silva@gmail.com

Maria Garcia Garmendia

De Madrid, Garmendia é formada em Direito na Universidade Católica San Pablo Ceu de Madrid. É tradutora e intérprete juramentada de Português, Italiano e Espanhol, reconhecida e habilitada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de Espanha. Doutoranda da Faculdade de Tradução da Universidade de Salamanca, com pesquisa sobre Dicionários Acessíveis com linhas braille e com leitores de tela. Criadora, desde 2020, do *podcast* e canal de YouTube em espanhol Acessibilidade Universal YouTube, dedicado a tudo o que tem a ver com os dispositivos com linha braille, os dispositivos Apple e a tecnologia para cegos. Criadora do *podcast*, em língua italiana,

BrailleTech, dedicado a tudo o que tem a ver com as linhas braille, presente em Apple *Podcast* e Spotify. Colaboradora na seção *Visión Digital*, do *podcast* da associação mexicana *Ilumina Ceguera y Baja Visión*. E colaboradora da empresa Seeing Hands dedicada à criação de dicionários acessíveis.

E-mail: mariagarciagarmendia@gmail.com

Natacha Ruback Lacerda

Formada em Direito e Letras, tem pós-graduação em Educação Inclusiva, é mestranda na Temática da Deficiência Visual, atua como consultora em audiodescrição e consultora em Acessibilidade desde 2017. É professora de braille da escola Municipal CIEP 071 – Maximiliano Ribeiro da Silva, na cidade de Nova Iguaçu, onde atua na sala de recursos. Corredora amadora nas horas vagas, Natacha é deficiente visual, com cegueira em ambos os olhos.

E-mail: natacharuback@gmail.com

Natália da Cunha Medeiros

Mulher cega, mãe, graduada em Psicologia, pós-graduada em Educação Especial Inclusiva e analista de testes de acessibilidade.

E-mail: nataliamedeiros3@gmail.com

Regina Fátima Caldeira de Oliveira

Licenciada em Letras (Português e Inglês) pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Assessora Institucional Braille da Fundação Dorina Nowill para Cegos. Membro da Comissão Brasileira do Braille (Ministério da Educação). Membro do Conselho Ibero-Americano do Braille. Membro da Comissão de Adaptação de Provas e Itens para Avaliações da Educação Básica do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

E-mail: rfco@terra.com.br

Rachel Maria Campos Menezes de Moraes

Graduada em Letras (Português/Inglês), pós-graduada em Letras (Cultura, Língua e Literatura Latina), mestre e doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pós-doutora em Letras pela

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – Sistema Braille no Instituto Benjamin Constant. Integrante do Grupo de Pesquisa sobre o Sistema Braille (GPESBRA) do IBC e integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Teoria dos Direitos Humanos (NTDH) vinculado à Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ao Programa de Pós-graduação em Direito da UFRJ.

E-mail: rachel.maria.moraes@gmail.com

Ricardo Skrebsky Rubenich

Marido da Gabrielly, pai do humano Adrian, dos cães Marilyn e Stout e dos gatos Tannat e Pipoca. Servidor público federal, atua há onze anos na Justiça do Trabalho. Bacharel em direito e tecnólogo em Gestão Pública. Militante da causa do cão-guia, é membro fundador da União Nacional de Usuários de Cães-guia e atuou na diretoria da instituição no biênio 2022-24. Atualmente, treina o seu próprio cão-guia e luta em favor dos direitos das duplas formadas de forma autônoma.

E-mail: ric.rubenich@yahoo.com.br

Robson Rodolfo Aguiar Barbosa

Robson tem 45 anos. Brasileiro natural de Campinas, atualmente aposentado, pai de dois filhos e casado.

E-mail: robsonbiroska@gmail.com

Sara Henschel

Nasceu em 2005, prematura de 27 semanas e cega devido ao descolamento de retina. Atualmente, é revisora de materiais em braille, acadêmica de Letras e estudante de inglês, apaixonada pelo universo da comunicação e das línguas. No tempo livre, adora ouvir músicas, especialmente eletrônicas, fazer academia, ler livros e passar tempo com família e amigos. Sara acredita que as mais diferentes formas de viver a vida são aspectos que podem transformar realidades e impactar futuros. Portanto, ela tem o desejo de desenvolver esse papel dentro da área do ensino e aprendizagem de idiomas, mostrando que ter uma deficiência jamais será empecilho para quem tem vontade ainda maior de aprender um idioma.

E-mail: sarahenschel35@gmail.com

Suzi Belarmino

Cega total de nascença, nasceu em Pernambuco e foi morar na Paraíba aos dois anos de idade, onde seus seis irmãos cegos já estudavam no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha. É pedagoga, especialista em Supervisão Escolar e Orientação Educacional e mestre em Educação. É Analista Judiciária/Pedagoga no Tribunal de Justiça da Paraíba e Presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência da Paraíba.

E-mail: suzibeljp@gmail.com

Tarcísio O. Estald

Deficiente visual total devido ao deslocamento de retina desde os sete anos. Mora em Manaus/ Amazonas. entrou como pedagogo no concurso do Estado na área de Educação e atua na função de revisor braille no Núcleo de Produção Acessível do Centro de Apoio Pedagógico – CAP Amazonas. Fez duas graduações: pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas e Administração Pública na Universidade do Estado do Amazonas. Tem habilitação de Orientação/Supervisão e Especialização de

Gestão Desenvolvimento de Currículo de Práticas Pedagógicas. Atualmente, é revisor de braille e revisa materiais adaptados nas formações do Curso de Atendimento de Educação especial.

E-mail: tarcisio.seduc@gmail.com

Teresinha Aparecida Ponciano

Nascida a 3 de julho de 1972, em Santo Augusto, RS, residente em Porto Alegre, é formada em Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, em janeiro de 1999, e pós-graduada em Administração e Planejamento para Docentes pela mesma universidade. Foi aluna do Instituto Santa Luzia de Porto Alegre até a, então, sétima série, concluiu o Ensino Fundamental e cursou o Ensino Médio na Escola Estadual José Loureiro da Silva no município de Esteio. Teve algumas atuações em Organizações da Sociedade Civil, tendo ajudado a fundar a Associação dos Deficientes Visuais de Canoas – ADEVIC. Iniciou sua vida profissional na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA na função de telefonista

durante cinco anos, atuou como Orientadora Educacional no município de Sapucaia do Sul durante alguns meses no início dos anos 2000, foi servidora pública no Departamento Estadual de Trânsito do RS – DETRAN/RS no cargo de Técnico Superior de Trânsito – TST Pedagogia durante oito anos, técnica judiciária na área administrativa no Tribunal Regional do Trabalho da Quarta Região – TRT4 durante nove anos. Atualmente é professora de braille da União de Cegos do Rio Grande do Sul – UCERGS desde 2022. Poetisa, mãe de Katherine, mãe de gatinhos, ama cantar e escrever.

E-mail: teka72@gmail.com

Vitor Alberto da Silva Marques

Docente da Rede Estadual de Ensino no período de 1991 a 1999. Agente da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro no período de 1982 a 1990. Docente de ensino do Sistema Braille no período de 1982 a 2018. Mestre em História pelo Ministério da Educação, em 2016. Servidor aposentado do Instituto Benjamin Constant, tendo atuado no período entre 1985 e 2019.

E-mail: vtr.alberto@gmail.com

Wander Ferreira

Bibliotecário da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. Pós-graduado em gestão de bibliotecas públicas e escolares, pós-graduado em Contação de histórias, pós-graduado em literatura infantil e juvenil. Contador de histórias, oficinairo de leitura e escritor.

E-mail: wander.ferreira@pbh.gov.br

Nesse ano comemorativo dos 200 anos da criação do Sistema Braille, o livro “A importância do Sistema Braille para a autonomia e independência da pessoa cega” traz textos inéditos escritos integralmente por autores cegos que abordam a temática da importância do Braille na vida delas. São 35 capítulos com escritos emocionantes que valorizam esse Sistema de escrita e leitura tão importante para a autonomia e cidadania da pessoa cega.

ISBN 978-65-88612-57-6



IBC
INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO